

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

CLARISSA MARIA DUBEUX LOPES BARROS

HISTÓRIAS MARCADAS NA PELE

Recife

2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

CLARISSA MARIA DUBEUX LOPES BARROS

HISTÓRIAS MARCADAS NA PELE

Dissertação apresentada à banca examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da Prof. Dra. Edilene Freire de Queiroz.

**RECIFE
2006**

HISTÓRIAS MARCADAS NA PELE

Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Na área de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental,
Apresentada para apreciação e parecer da Banca Examinadora

Profa. Dra. Edilene Freire Queiroz
Orientadora

Prof. Dr. Henrique Carneiro
Examinador

Profa. Dra. Ma. Cristina Amazonas
Examinadora

RECIFE
2006

AGRADECIMENTOS

A todos os amigos do Centro de Prevenção às Dependências, em especial, a Ana Glória e Denise pela tolerância com minhas ausências e pelo compartilhamento dos sonhos.

A Mauricéa, Ebrivaldo, Evaldo, Luciana Mello, Flávia, Pricila, Jovens da Cozinha-Escola Popular *Mãos de Moleque*, que durante a confecção desta pesquisa, mesmo “sem saberem ou quererem” estiveram comigo nesta empreitada;

A Marcela, Benes e Antônio Ricardo pelos primeiros incentivos;

A Juliana pelo carinho, indispensável, e amizade instalada.

A Irani do Carmo, Marileide e Sueli pela abertura e confiança.

A Sandra e Marina – outros frutos do mestrado - pelas trocas teóricas e convivências prazerosas.

À minha família, pai, mãe e irmãos, sobretudo a minha mãe, que além do “amor de mãe”, ajudou-me na normalização da dissertação.

A Paulo Medeiros pela escuta possível, sempre presente.

Aos jovens do Projeto com quem convivi e convivo, pela aprendizagem.

Aos jovens entrevistados, pela disponibilidade.

A Edilene Queiroz, minha orientadora, pelo cuidado, aprendizagem e, sobretudo pela paixão com que transmite a Psicanálise.

Ao Professor Zeferino Rocha pelo exemplo de seriedade e ética.

Às minhas amigas Fátima Cabral, Maria Luiza Rodrigues – Malu - e Tereza Guimarães que direta e indiretamente me ajudaram neste período. Pelo carinho, atenção e presença certa no meu coração. A Édrija, pelo carinho e o querer bem presente, nas idas e vindas de nossa convivência.

A CAPES, pelo incentivo financeiro para a pesquisa científica.

A Bruno pela transcrição das fitas e a Renata pela tradução para o inglês.

A Fernandinha, que da amizade inicial *ao vivo*, reatualiza o afeto mesmo longe, e constrói comigo uma ponte virtual, através dos e-mails, tão presentes, pontuais e necessários.

A Renata Almeida e Alda - companheiras de vários dias de trabalho, na alternância das dificuldades e das alegrias, durante o nascedouro desta pesquisa;

A Margarida e Marcela, que fazem a Triade design, pela dedicação, compromisso e o compartilhamento dos valores estéticos. Pela beleza dos trabalhos, acima de tudo.

As Professoras Mercês Cabral e Cida Craveiro, pela aprendizagem e disponibilidade, também afetiva, durante a formação acadêmica.

A Cecília Meira pela revisão ortográfica e a Eva Viana de Menezes pelas orientações relativas à normalização técnica.

Aos filhos, nora, neto, mãe e irmãos de Zeca - queridos agregados, de quem tanto desfruto a convivência;

A Antônio Carlos Escobar – Cacaio - (*in memoriam*) mais do que um agradecimento, uma homenagem. Pelo exemplo ético e humano que nos deixou. Pelo incentivo ao rigor metodológico tão peculiar frente aos estudos psicanalíticos. Pela seriedade e definição com que sempre tratou o ser humano e a Psicanálise. Pelo amor fraterno que por muito acompanhará os seus.

A Zeca pelo investimento presente e constante - não somente para esta pesquisa. Pela vida que divide comigo e pelo amor existente.

“...As marcas deixadas, sejam por amor,
corte ou tatuagem,
ficam para sempre.
São bem mais que verdades.
Fazem parte da alma da gente assim
como os olhos enfeitam o rosto.
Assim como a história ou como a chuva.
As marcas que ficam na gente são aquilo
que esquecemos e aquilo que somos para sempre”
Gabriel Moojen

RESUMO

A presente pesquisa em psicanálise parte da indagação sobre o que leva um jovem a se marcar intencionalmente na pele, através de tatuagens. Ao lado da inscrição cultural com suas produções de pertencimento, a pesquisa formulará uma sistematização teórica e investigativa sobre a realidade psíquica dos jovens que se tatuam. A concepção do corpo, seus significados através de alguns discursos científicos estará contemplado no estudo. No entanto, é a representação psíquica que será problematizada no âmbito da teoria psicanalítica. A escritura na pele será enfatizada também em relação à exclusividade do amor materno através de freqüentes casos de jovens que se tatuam com frases escritas na pele invocando o “amor só de mãe”. Cabe a indagação sobre a qualidade desta relação, tentando confrontar o caráter factual e mítico na relação do sujeito com a mãe. Através da escuta, a partir de depoimentos colhidos de forma livre, foram entrevistados 7 jovens, entre 16 e 18 anos, originados de classe social baixa e pertencentes a instituições não governamentais que desenvolvem programa de inclusão social, e governamentais destinadas a vigilância da proteção integral do jovem em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente. O mecanismo psíquico subjacente ao ato de marcar o corpo revela um importante caminho para compreensão do sujeito frente a questões indissociáveis da existência humana. Entre estar em situação de risco social e produzir riscos na pele, surge uma fronteira, borda, que faz circular os discursos atestando a condição de existência do desamparo e o apelo de uma proteção.

Palavras-chave: Psicanálise, corpo, tatuagem, subjetividade, juventude

ABSTRACT

This research project, referred into psycho-analytical theory, departs from the questioning of what takes a youth to intentionally mark his/her skin with tattoos and similar signs. On the side of the culture inscription with its productions of belonging, the research project will formulate a theoretical and investigative systematization about the psychic reality of the youths that have themselves tattooed. The body conception will be contemplated in the study, in meanings through the different scientific views and its meanings. However it is the psychic representation that will be the problematic in the field of the psycho-analytical theory. Its proper to question the conception of the subject and the language, taking into consideration the language's dimension stepped on the body through phrases and symbols exposed to the other's eyes. The mark on the skin will be also emphasized in relation to the exclusivity of the maternal love through frequent cases of youths that have themselves tattooed with sentences written in their skin invoking that real love just the mother's. It's proper to question about the quality of this relation, trying to confront the factual and mythical character in the subject's relation with his/her mother. From 7 youths, between 16 and 18 years old, will be listened through the depositions collected form free. These youths are of underprivileged back-ground and belonged to institutions that develop program of social inclusion, as well as those designated by the state to the minors integral protection in accordance with the brazilian children and adolescent statue. The psychic mechanisms related to the act of making a mark on the body reveals an important way to the comprehension of the subject in the face of questions that cannot be separated of human existence. Being in a social risk situation and make marks on his/her skin, comes up a frontier, an edge, that makes the speeches that testifies the condition to existence of and that appeals for protection circulates.

Words-keys: psycho-analytical, body, tattoo, subject's relation, youth.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	DISCURSOS SOBRE O CORPO	20
2.1	UM BREVE PANORAMA	22
2.2	CORPOREIDADE NA ARTE	29
2.3	VISITANDO OS DISCURSOS ATUAIS	37
3	PSICANALIZANDO O CORPO	41
3.1	CORPO E REPRESENTAÇÃO	45
3.2	DO MITO À FRATERNIDADE, DO INDIVIDUAL AO COLETIVO	52
3.3	TATUAGEM E IDENTIFICAÇÃO	56
3.4	A PELE COMO BORDA: EXTERIOR E INTERIOR	65
4	DISCURSOS NO CORPO E CORPO COMO DISCURSO	69
4.1	CORPO E ESCRITA: LAÇO SOCIAL	71
4.2	ADOLESCÊNCIA: TRANSGRESSÃO E ESCRITA	75
4.3	ESCUITA DE JOVENS E SUAS MARCAS	79
4.4	MARCANDO-SE: “AMOR SÓ DE MÃE”	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICES	102
	APÊNDICE A	103
	APÊNDICE B	106
	APÊNDICE C	108
	APÊNDICE D	111
	APÊNDICE E	116
	APÊNDICE F	117
	APÊNDICE G	118
	APÊNDICE H	119
	ANEXOS	135
	ANEXO A	136
	ANEXO B	137
	ANEXO C	138
	ANEXO D	139
	ANEXO E	140

1 INTRODUÇÃO

Efetivamente, a tatuagem está em alta. Nos *Estudos Contemporâneos*¹, Garcia (2005) assinala a respeito da tatuagem dizendo que ela ultrapassou as tribos urbanas da contracultura e da resistência para ceder lugar a uma atitude jovem. Hoje, a tatuagem toma a cena como fator recorrente do código jovial que inspira o ar de potencialidade. As expressões visuais denominadas *tattoo* sinalizam traços voluntários no corpo, ao recobrir um discurso de rebeldia, irreverência, juventude, embora, a tatuagem, atualmente, tenha também seu compromisso marcado com o mercado de consumo. Como Garcia, percebemos uma proliferação de corpos tatuados. Diferentemente da história na cultura ocidental, dando o recorte ao nosso fenômeno urbano, na qual ela se restringia a marginais à comunidade da fé, tais como marinheiro, herege e prostituta, a tatuagem expressa-se em rituais e expressões identitárias de grupos étnicos no nosso contexto urbano. Indagamos então sobre uma possível mudança de estatuto do uso da tatuagem na atualidade.

“O rompimento da fronteira com a pele com a finalidade de modificar os contornos e acrescentar elementos à silhueta, possibilita a criação de novas dimensões estéticas”(PIRES, 2003, p. 80) e nos faz levantar indagações sobre as variações criativas que o homem encontra em estar se (re)significando. Como prática antiga, a tatuagem sempre foi motivada por várias questões: ornamentação, identificação, pertencimento, proteção, transcendência, enfim, as ressonâncias de uma cultura que se constitui permanentemente.

Torna-se fundamental entender o corpo na sua polissemia, lugar do particular, das fantasias, sensações, estímulos, ao mesmo tempo, lócus da biologia e da produção e efeito da cultura. Analisar as marcas corporais produzidas pelo sujeito revela uma perspectiva rica de multiplicidades de uso de corpos. De que corpo falamos? Corpo

¹ Estudos nos quais elegem diferentes abordagens de conceitos, teorias, métodos, técnicas e críticas para fomentar e realizar intercâmbios relativos aos: estudos culturais e suas variantes [...]; estudos de fronteiras em que se suplementam categorias como: alteridade, ambigüidade, diferença, imaginário, intertextualidade, poética, resistência e subjetividade; estudos sobre corpo, gênero, globalização, meio ambiente, religião, sexualidade, etnia, imagem, cultura, linguagem, representação, teorias críticas, cujos aspectos sincréticos reforçam as malhas (inter/trans)textuais dos enunciados em contraponto às novas tecnologias digitais da informação. (GARCIA, 2003,p.2)

fisiológico, corpo estético, corpo biológico, corpo religioso, corpo social, corpo antropológico, corpo psicanalítico? Independente da diversidade de campos de conhecimento, observa-se, na contemporaneidade, uma certa obsessão pelo tema “corpo”.

Inúmeras publicações comprovam o interesse por tal tema, nas dimensões funcional, estética, psicossocial, apontando para a vastidão de desdobramentos, como também para avanços científicos nos quais o corpo aparece: curas, descobertas científicas, padrões alcançáveis de beleza, modo de vida dita mais saudável, etc. Nunca se alcançou tantos resultados de avanços na saúde, que vão desde a descobertas de novas vacinas à produção de drogas que potencializam a prevenção, a estética e a beleza.

A revitalização e o rejuvenescimento passam a ser o imperativo que parece solidificar a vida de muitas pessoas: dietas alimentares, cirurgias plásticas, implantes de silicone, modelagem por complexos e inventivos aparelhos, bronzamentos artificiais, etc. Tudo a favor do menor esforço: “emagreça dormindo”; “não perca tempo, perca calorias”. Além do mais, não esqueçamos das novas descobertas técnicas cirúrgicas de transplantes, reimplantes, próteses e as polêmicas pesquisas biológicas de clonagem.

Ao mesmo tempo, presenciamos a banalização do corpo, em massacres, terrorismos, guerras civis, acidentes de trânsito, “explorado como imagem pela voracidade descartadora, antropofágica e mercadológica da mídia” (PIRES, 2004, p.9). Na mesma linha de constatação do interesse pelo corpo, aparecem no cenário social ou cultural as transformações corporais com o uso da tatuagem, do *piercing*, do implante estético, das escarificações. Há um ressurgimento das marcas corporais, em especial as ligadas às tatuagens e marcas corporais como *piercing*. As possibilidades de marcar os corpos se proliferam na mesma proporção da incidência do desejo de transformá-lo.

Parece haver em torno dos ideais sociais um complexo de fatores que promove subjetividades distantes das que eram pautadas em características tais como: centramento, reflexão, privacidade, verticalidade, auto-crítica, entre outros. Ramos assinala: “Na época do descartável, efêmero e virtual, a aquisição de um adorno permanente no corpo, impossível de desaparecer, ser roubado ou substituído, tornou-se uma opção atraente para muitas pessoas” (RAMOS, 2001, p. 183).

Também não é de hoje que, quando falamos em modelos de subjetividades contemporâneas, os autores sugerem que estes estão regidos pelo prisma da

exterioridade. Parecem apontar para um caminho oposto ao do homem centrado, coeso, cuja lógica balizada pelo funcionamento nítido entre fora e dentro, é inspirada em uma hermenêutica.

Se estamos diante dessa forma de linguagem e de representação, há que se interrogar sobre como este homem tem lidado com seus ideais. Percebe-se que é em torno do tema da identificação que o sujeito tatuado problematiza, mesmo sem querer, as referências imaginárias, reais e simbólicas que possui. Temos constatado um grande número de pessoas que optam por mudar seu corpo - inserindo pigmentos coloridos na pele formando desenhos, frases ou outros símbolos – expressando, a nosso ver, uma forma de comunicação. Uma comunicação que se, por um lado, expressa uma modalidade de interpelar ou de provocar o Outro², através de uma frase, de uma figura, por outro lado, revela uma certa insatisfação com o corpo, pois ao tatuá-lo, marcá-lo, modifica-o.

A academia tem se interessado em compreender essas comunicações, e se vê obrigada também a se debruçar sobre o tema corpo, sendo este, objeto de vários trabalhos nos quais são analisadas as características primordiais dos efeitos da modernidade sobre a subjetividade.

Sendo a psicanálise nutridora de uma rede discursiva que atravessa a cultura, ao mesmo tempo que é alimentada pelo mesmo caldo cultural, ela cumpre o seu dever ético na medida em que reconhece a presença das várias perspectivas que constroem a existência humana. Sua articulação com a cultura está implícita, desde Freud, mesmo antes dos chamados textos culturalistas. O “barulho” que a psicanálise provoca está em *pôr em xeque* as significações das produções humanas coletivas e singulares do sujeito psíquico, desde as grandes revoluções culturais, artísticas e políticas, efeito do lugar que o inconsciente formulou para psicanálise.

Benilton Bezerra (1999) adverte que “cada sujeito apresenta as marcas de sua cultura e de seu tempo, embora de forma singular, e que interferem nos processos conscientes e nas motivações inconscientes, que determinam um modo de pensar e agir” (BEZERRA, 1999, p. 2). Os modelos e objetos oferecidos pela sociedade são

² O Outro compreendido como a cultura, como a mãe, local por excelência do nascedouro dos significantes, campo do simbólico, é o que permite nunca estarmos totalmente sós. O “Outro” é grafado em maiúsculo, por Lacan, para distinguir do “outro” em minúsculo que corresponde ao semelhante, ou seja, outro diferente de mim.

delimitadores das características, “que estarão presentes no modo como os sujeitos estabelecem laços sociais, nos seus padrões de conduta afetiva, nos seus estilos de ação individual e coletiva” (BEZERRA, 1999, p. 2).

Suporte da subjetividade, o corpo é o nosso primeiro universo. É ele que recebe as primeiras impressões do mundo: cheiro, sabores, luz, calor... Muito antes do pensamento, o corpo é sensação. É pelo corpo que um eu se exterioriza e possibilita a presença do sujeito no mundo. Os tempos sociais, afetivos, culturais e psíquicos passam pelo suporte do corpo para demarcarem sua existência. É nele que o sujeito se constitui, sendo também a primeira forma de visibilidade humana.

O corpo se situa em uma dimensão individual e coletiva, sendo, na verdade, o limite das expressões culturais, como o lugar onde se inscreve a cultura e onde se encontra a distinção individual. Também sinaliza a determinação dos lugares sociais ou da posição de um sujeito em seu grupo. Vestuário, cor da pele, tipo de cabelo, tamanho das mãos e é assim que as marcas de raça, gênero, etnia, classe e nacionalidade são apreendidas.

Como veículo das regras, valores, códigos da sociedade, o corpo assim como os traços nele inscritos acompanham os diversos discursos das diferentes sociedades. Os perfis de beleza, postura, saúde, sensualidade são construídos socialmente e passam a pertencer ao imaginário social.

O contexto cultural estrutura modelos de percepção do corpo do homem e do corpo da mulher. Estamos falando de modelos que acabam sendo considerados parâmetros, nos quais as relações humanas são pautadas e vivenciadas por cada grupo social. Tais modelos funcionam como codificadores de sentido e produtores da história corporal. Receptáculo e propagador do que se passa na alma, o corpo também se presentifica como linguagem, levando-nos a conhecer mais sobre uma cultura, da mesma forma que a manifestação cultural nos favorece perceber o homem que a faz, através de suas produções, criações artísticas, pinturas, esculturas e marcas na própria pele.

Enquanto campo do entrecruzamento da singularidade com a cultura, é por meio do discurso que a psicanálise se apresenta como um meio de investigação dos fenômenos culturais, sem perder de vista a singularidade da relação do sujeito com sua história, com seu corpo. É neste sentido que o presente trabalho se incorpora - como a

tentativa de ser um instrumento capaz de avançar na compreensão sobre as marcas corporais -, em especial, as tatuagens, produzidas por jovens pertencentes à situação de risco social, sem, no entanto, deixar de considerar a particularidade do sujeito que é atravessado pela cultura.

Esta pesquisa em psicanálise tentará compreender o que há de singular nesse micro coletivo, indagando-se sobre a existência da invariância humana, em diferentes culturas, com o intuito de produzir um discurso, acadêmico e clínico, possível de captar a posição psíquica do sujeito ao tatuar-se. Este trabalho traz a possibilidade de realizar um compartilhamento entre olhares, entre saberes. Aliado a uma compreensão do psiquismo enquanto produto da cultura, um repertório simbólico sugere sua existência a partir de uma dimensão imaginária.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é estudar as motivações dos jovens em situação de risco social em se tatuarem. Como representantes dessa condição de vulnerabilidade social, optamos trabalhar com jovens que estão privados de liberdade, como efeito do cumprimento de uma das medidas sócio-educativa – encaminhamento oficial do Estatuto da Criança e do Adolescente destinados a jovens que transgridem uma lei. Com faixa etária entre 16 e 18 anos, 07 jovens foram entrevistados sendo todos pertencentes a classe economicamente desfavorecida.

Junto à indagação sobre o que leva um jovem a se tatuar, uma outra questão se alia à relação que tais jovens mantêm com seus corpos: a insistente frase “amor só de mãe” tatuada nos corpos da maioria desses jovens com história de risco social, veicula importante canal para uma compreensão psíquica sobre a afetividade de jovens marginalizados e o lugar ocupado pelo primeiro outro – a mãe – em suas vidas.

Uma das premissas que estão subjacentes neste trabalho aponta para uma constatação de que indivíduos com histórias de vida marcada por abandonos precoces ou recorrentes necessitam de um suporte mítico em suas elaborações psíquicas e a tatuagem, neste sentido, transforma-se num veículo para firmar uma identidade.

Assim, as frases contidas em transcrições cravadas na pele, denotam, por um lado, uma produção própria da cultura, tendo suas significações pertinentes à representação no tempo e na história de dada comunidade, mas, ao mesmo tempo, apelam para ao que há de específico no sujeito que se permite representar de uma dada forma.

De um excesso visível no corpo, através de marcas na pele e tatuagem, deparamos-nos com o *pathos* de jovens em situação de risco social que gravavam na pele suas histórias. O olhar do pesquisador encontra sempre algo que impulsiona mais e mais esse olhar. É nesse sentido que o *pathos* promove, sobretudo, a necessidade/desejo de pesquisar.

Portanto, a frase “amor só de mãe” foi o ponto de captura e de mobilização da vontade de saber. A ignorância e a sensibilidade para compreender o sentimento de exclusão vivenciado no contato diário com estes jovens fomentaram a inquietação própria de se iniciar uma pesquisa. Como interpelar o desejo desses jovens que escolhem a frase acima? Que articulação pode-se fazer dela com as histórias de abandono, desamor e solidão? Muitos dos jovens que se encontram em vulnerabilidade social possuem um tipo de pensamento concreto e imediatista. É bem sabido que esta característica não se limita somente a este grupo social, mas ao jovem de uma forma geral. No entanto, escutando os discursos dos jovens em risco social, como os entrevistados, um fato chama atenção: a forma de significar suas experiências de vida volta-se sempre para a restrição e privação a que são submetidos. Nessa perspectiva, a miséria social, a nosso ver, não se resume somente à falta de condições financeiras, mas, sobretudo à carência de esperança, de inclusive obter o que necessitam e desejam, por meios lícitos.

É na delimitação do conceito de risco social que os jovens, sujeitos desta pesquisa, se encontram. Pelo termo situação de risco social entende-se que por suas circunstâncias de vida, os jovens estão expostos à violência e a um conjunto de experiências relacionadas a privações de ordem afetiva, cultural e sócio-econômica. Tal exposição tem uma dupla vertente: é determinada pelo sistema social, por ele reproduzida, e alimentada pelos sujeitos envolvidos. Estamos em uma área por demais complexa, onde a associação entre juventude e criminalidade não pode deixar de estabelecer correspondências com outras realidades não menos preocupantes, tais como: acesso a armas; violência policial; consumo e comércio ilegal de drogas; maior idade penal, abuso e exploração sexual comercial; desemprego; poucas opções de lazer e cultura; problemas nas e com as escolas; cultura individualista e de consumo (Política Neo-Liberal).

De acordo com esta complexidade, registramos que pertencer à nomeação de risco social está longe de ser dirigida apenas para jovens que cometeram algum crime. No entanto, não podemos negar que faz diferença, do ponto de vista psíquico, jurídico e social, a constatação de jovens que foram flagrados em suas transgressões e crimes e por tal razão encontram-se na condição de abrigados e tutelados pela justiça e pelo Estado, ao cumprir uma medida sócio-educativa.

A radicalidade do ato inconsciente, mesmo se revestindo de defesas egóicas, deixa sua marca, ou seja, as relações de troca entre esses sujeitos e o mundo tornam-se cada vez mais delimitadas ao campo da violência. Isso não quer dizer que todos os jovens em vulnerabilidade social ou risco social caíam no mundo da delinquência. Sendo assim, o singular do desejo de cada um faz a diferença.

Há uma presença marcante da imagem da Virgem, Nossa Senhora, Maria, Mãe de Deus em nossa cultura. Somos um país católico e fiel na homenagem a uma mãe considerada bondosa, santa, que intercede junto a Deus em favor de seus filhos. Não é à toa que em várias capitais brasileiras cultua-se uma santa como protetora / padroeira.

Vivemos ainda em um tempo em que as ciências sociais e humanas se debruçam para estudar e entender as subjetividades construídas pela modernidade ou pós-modernidade. Apesar de tender a uma certa repetição esses tipos de análise têm o mérito de encontrar novas significações para os arranjos subjetivos. Portanto, tratar de temas ligados à cultura merece sempre um esforço maior, pois requer o comparecimento de vários campos das ciências humanas e sociais e certo discernimento para diferenciar o que é da ordem do particular e do individual, e como inserir a Psicanálise nessa diferenciação. Na prática é sempre difícil distinguir o singular do particular e do universal e fazer generalizações quando se trata de pesquisa em Psicanálise.

Sem querer negar a dimensão subversiva e denunciativa própria da Psicanálise a partir de sua leitura sobre a irredutibilidade do desejo, e do seu mecanismo de expressão, no âmbito deste trabalho, não há assertivas que demonstrem que a psicanálise vem atender a uma demanda somente do indivíduo. Estamos em um campo no qual a dimensão individual não é negada por estar contida na quantidade expressa na multidão. Traços permanecem tanto no sujeito que contém sua história particular, como na massa com sua história plural.

O cuidado em não transformar este tema da tatuagem em um índice de manifestação narcísica será um dos eixos permanentes deste trabalho. Há uma tendência da Psicanálise, praticada por alguns, em reduzir fenômenos humanos a propostas interpretativas pautadas em individualismo narcísico, que, aliás, prestou-se a infundáveis análises.

A proliferação de um retorno ao uso dessas marcas na cultura ocidental é o nosso campo de estudo, que embora não demarque um estudo psicopatológico, porém considera uma abordagem da cultura como *pathos* e permite ser a criação e a identificação do sujeito como uma busca em transformar sua paixão e sofrimento em aprendizagem, campo da Psicopatologia Fundamental. Faz-se necessário lembrar que não estamos no campo estrito da clínica psicopatológica, recorrendo, por exemplo, a relação da incidência de tatuagem à estruturas psíquicas específicas, nem tampouco nos determos nas minúcias de mecanismos psicológicos, em seu sentido restrito, dos sujeitos que se tatuam.

Adentrar o campo da Psicopatologia Fundamental revela-se, aos poucos, como um desafio. Abrir mão de algumas noções rigidamente apreendidas, incorporar outras, comungar saberes, lidar ao mesmo tempo com a diferença radical da dor e da possibilidade de sua ultrapassagem.

Diferentemente da noção da psicopatologia geral, Fedida, idealizador da psicopatologia fundamental, apostava na interdisciplinaridade entre os diversos campos do saber sobre o homem. Buscando operadores que não sejam nem da psicologia nem da psiquiatria, a psicopatologia fundamental dispõe de meios metodológicos para descrever e estudar os distúrbios e ao mesmo tempo compreender as experiências singulares de cada um. (BERLINCK, 2000, p.11)

Para tal, a abertura das leituras sobre o fenômeno humano, nessa perspectiva, necessita de operadores que perpassem várias disciplinas a fim de mediar a comunicação, sem perder de vista as especificidades de cada área do conhecimento. Este trabalho encontrou na Psicopatologia Fundamental mais do que uma ressonância para a formulação de um conhecimento. O efeito da transferência, primordial para a possibilidade do trânsito e circulação do impacto vivencial, *pathos*, é o motor que possibilita o movimento do sofrimento e da alienação para uma outra experiência. “Algo que alarga ou enriquece o pensamento” (BERLINCK, 2000, p.11), a nosso ver, se dá

através do diálogo com outras áreas de saber, da formulação da escrita e da escuta dos jovens com os quais nos debruçamos no trabalho de campo.

A formulação da Psicopatologia Fundamental, na ótica de Berlinck (2000) parte de algumas noções da civilização grega, em especial no teatro grego do tempo de Péricles. O autor postula que a Psicopatologia Fundamental deve centrar-se em uma posição diante do *pathos*. Nutrindo-se da aproximação das três posições do homem grego: *orthos*, *hybris* e *historie*, a opção pelo recurso mito-poiético epopéico traduz-se como o cenário por excelência da Psicopatologia Fundamental, como para justificar a posição desta como “um campo capaz de múltiplas posições-corporais-discursivas ante o *pathos*, tendo como específica a dimensão clínica e relacional”. (QUEIROZ, 2004, p. 39).

Além de sofrimento, de *pathos* decorre as palavras “paixão” e “passividade”. Na perspectiva da Psicopatologia Fundamental, não se elimina dor, vazio, sofrimento, antes de tudo, aceita a condição passiva, arrebatadora de uma paixão, do excesso, do desmedido, do *pathos* enfim.

O sujeito acometido pela experiência do desamparo, do sofrimento inevitável, traz a essência do *pático* como condição inerente do ser humano. Neste sentido, o psíquico revela-se como uma equivalência ao *pathos*, fundamento mesmo desta espécie que se organiza a partir das tentativas de se proteger do vazio. Nessa perspectiva, situaremos a problemática dos jovens, sujeitos desta pesquisa: sujeitos em situação de risco social, com cumprimento de medidas sócio-educativa que diante do *pathos*, tal qual o homem grego vivem as três posições: da *orthos*, submetidos à medida sócio-educativa e privados de liberdade; da *hybris* pelos excessos vividos na transgressão e da *historie*, que cada um carrega e faz, valendo-se do corpo como expressão.

O trabalho encontra-se dividido em 03 partes. No primeiro, o corpo é falado. Busco fazer um breve passeio pelos discursos sobre o corpo, relacionando-os com a arte, e os discursos atuais em torno do tema corpo dentro de uma visão psicanalítica.

No segundo capítulo, tento problematizar o corpo em um viés psicanalítico, focalizando o sujeito em torno da economia psíquica implicado na coletividade. Nesse sentido, a pele, *lócus* da tatuagem, é analisada em suas várias funções, em especial a de ser veículo das identificações do sujeito.

O terceiro capítulo ocupa-se da aproximação entre o discurso no corpo e o corpo como discurso. Há uma torção sutil, mas significativa que faz circular o corpo não mais

puramente como objeto, mas como sujeito. Os depoimentos colhidos com os jovens em situação de risco social conduzem à análise das expressões identitárias de tais jovens, através de suas tatuagens, em especial as marcadas pela frase “amor só de mãe”. A partir da marca desta frase, apresentamos, no final do trabalho, algumas fotos tiradas em jovens que estavam em condição de abrigo. Mesmo não sendo as mesmas imagens que falaremos no decorrer do trabalho, elas retratam a estética e conteúdo similar as marcas dos jovens escutados.

Dali - "El mueble antropomórfico", 1936.



2 DISCURSOS SOBRE O CORPO

Utilizamos nosso corpo como instrumento comunicativo, originador e transmissor das informações culturais. A morada da memória da cultura, por excelência, é o corpo. “Lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios, dos fantasmas, das manifestações culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico” (SANT’ANNA, 1995, p.12). Com estas palavras, Denize B. Sant’anna (1995) define o corpo e a amplitude da dimensão humana associada a este tema.

Tentaremos entender a busca pela tatuagem como um sinal de pertencimento identitário, muito mais do que uma busca por ornamentação. A busca pela tatuagem revela algum descontentamento com o corpo, e indica uma maneira de ser, reflexo de uma realidade sustentada no mercado das aparências. “Cada vez mais, a subjetividade parece se ancorar na **exterioridade**, nos sinais visíveis emitidos por um corpo que rivaliza constantemente pela captação dos olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais” (SIBILIA, 2003, p. 2).

Constata-se que outras construções identitárias estão surgindo, baseadas em novos regimes de conformação das imagens do corpo e do próprio eu. No dizer da mesma autora:

[...]as tendências exibicionistas e performáticas alimentam os novos mecanismos de construção e consumo identitário, numa espetacularização do eu que visa à obtenção de um **efeito**: o reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, o cobiçado fato de *ser visto*. Nesse contexto, a subjetividade é estruturada em função do **corpo**, que se torna um espaço de criação epidérmica e um campo propício para a expressão do eu, mais do que um mero suporte para acolher aquele enigmático espaço interior que devia ser auscultado permanentemente por meio de complexas técnicas introspectivas e hermenêuticas. (SIBILIA, 2003, p. 3)

Cabe-nos problematizar “os condenados da aparência”³, termo usado por Francisco Ortega (2003). Em que dimensão os tatuados estão nesse universo ?

³ Termo que descreve os sujeitos que fazem do corpo um *alter ego*. Estes são privados da capacidade de fingir, dissimular, de esconder os sentimentos, intenções, segredos, uma capacidade presente na cultura da intimidade que tornou-se absoleta. O pano de fundo desta capacidade é a cultura somática onde as subjetividades são pautadas pelas bioasceses, tomando o corpo como o lugar da moral e matriz da identidade pessoal. (ORTEGA, 2003, p 69)

Se a subjetividade ganha “corpo” através do corpo, a superfície da pele contorna esta subjetividade pregada na carne. Um corpo que se oferece ao olhar de outro através de traços voluntários, através de imagens, e pede leitura. Ali onde se escreve um traço de outrora: um nome, uma lembrança, um marco, um desejo, um afeto, estão vestígios subjetivos. A mensagem que a tatuagem indica traduz em iconicidade a representação de uma memória, em que o “para sempre” permanece ali aplicado.

Tais vestígios subjetivos transmitem uma experiência, uma memória, ou a expressão de uma falta. Neste sentido, cabe-nos perguntar se diante do foco que indica que tudo está fora do sujeito, se fala em declínio do mesmo. No rastro deixado pelo sujeito, além da lamentação ou da alegria e deleite pela morte de um sujeito etéreo, abstrato e inumano, há uma outra via que é a sua corporificação. Essa via, ao invés de ser um movimento negativo, é uma afirmação de que há sujeito.

Há uma diversidade de discursos sobre o corpo expressos pelo conhecimento comum e pelas ciências sociais, pela história dos costumes da civilização ocidental, em especial da realidade brasileira, e sobretudo pela psicanálise. Considerando que o objetivo de nossa pesquisa é buscar significações para esse modo particular de uso do corpo, o discurso psicanalítico sobre o corpo será utilizado como uma via de interpretação sobre as tatuagens, ao lado dos demais que serão visitados no intuito de contextualizar o tema da pesquisa.

As marcas corporais se, por um lado, encontram-se no âmbito do corpo, por outro transcendem a este enquanto produção discursiva, o que nos leva a elaborar didaticamente dois grandes eixos para a dissertação: os discursos sobre o corpo e os discursos no corpo. No primeiro, o corpo é objeto do discurso e no segundo, ele é o cenário no qual o discurso é objeto.

Faremos um breve passeio sobre as diversas concepções de corpo em diferentes contextos, mostrando que a preocupação com o corpo sempre existiu na história da civilização. Se hoje ele é um tema de interesse das diversas ciências, precisamos conhecer os discursos que foram sendo produzidos para assim contextualizar as especificidades dos discursos contemporâneos no qual ele figura como tema central.

2.1 UM BREVE PANORAMA

“O primeiro homem, decerto, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem”.
João do Rio, *A Alma encantadora das ruas*

O corpo humano foi sendo tematizado de acordo com os referenciais de cada cultura. A tatuagem aponta para uma forma de representação do corpo. Sobretudo nas culturas ditas primitivas, encontramos nelas a ação do homem em pintar-se, canal de comunicação com os ancestrais e sinal de reconhecimento e autorização social. No entanto, também nos deparamos com culturas antigas, através de sua arte característica, a concepções de homem e a pressupostos filosóficos específicos de cada cultura. Nesse sentido, iremos nos deter, de forma breve, em alguns discursos sobre como o corpo era representado pelos homens em suas culturas. Evidente que essa relação corpo e cultura foi contemplada por diversas correntes do pensamento antropológico e sociológico. Foucault, por exemplo, representante da filosofia, concebia o corpo como lugar de cruzamento de saberes e poderes, no qual utilizado como instrumento de poder para inclusive se constituir, o corpo é tomado como um canal por onde perpassa poderes de níveis variados e em pontos diferentes da rede social. O sujeito e seu corpo eram efeitos do poder/saber que se instalava sutilmente, reproduzindo os dispositivos e garantido o controle, adestramento e a disciplina.

Entretanto, como nosso propósito é compreender o sentido do tatuar-se desses jovens em situação de risco, privilegiamos nos estudos sobre a construção social do corpo, aqueles que mais diretamente fazem referência ao uso das tatuagens. Nesse sentido, pinçamos alguns momentos históricos representativos dessa prática.

Lautman (1994) assinala a existência de inscrições gravadas nos corpos já em períodos muito antigos. Nos alpes italianos um caçador descobriu um cadáver de cinco mil e trezentos anos com inscrições tatuadas nas costas e na parte traseira dos joelhos. Foram descobertas múmias egípcias, de sexo feminino, com linhas e pontos tatuados no corpo e um círculo, salientando o abdome. No Taiti, a tatuagem é um traço de embelezamento. Os Maiores, na Nova Zelândia, acreditam que a tatuagem contém uma força sagrada e por isso seu portador é um homem livre e nobre, possui um status diferenciado. Os escravos, nesse contexto, não têm o direito de portarem uma tatuagem.

Na África, principalmente entre as camponesas do norte, encontramos essa prática como ornamento protetor, principalmente nas mulheres ou nos doentes.

A origem do nome tatuagem se liga ao próprio som do cabo da madeira batendo em um ancinho de dentes afiados: tac tac ta ta. Tatau (Tattoo) era a palavra usada pelos nativos para a arte de pintar o corpo de modo que não saísse mais da pele. Segundo Araújo (ARAÚJO, 2005, p. 37), foi o inglês James Cook o primeiro ocidental a ouvir este som, quando aportou no Taiti com seu navio.

Conforme a proposição do capítulo, retrataremos momentos históricos sem uma seqüência cronológica definida. Da origem da tatuagem e das manifestações das culturas ditas primitivas, iremos para outras culturas antigas, começando com a cultura egípcia.

Um nome egípcio para designar o escultor era “aquele que mantém vivo”. As técnicas de representar o corpo do homem – embalsamação e mumificação - destinaram-se a facilitar o caminho de ascensão da alma, de sua imortalidade.

Os egípcios consideravam que apenas preservar o corpo não era o suficiente, mas que se a imagem do rei fosse preservada significaria que ele ainda estava vivo. Assim, as cabeças dos reis eram feitas para ficarem junto às tumbas com a finalidade de reverenciar os mortos, além das oferendas de bebida e comida feitas a eles.

Era costume, num passado muito remoto, que os servos dos reis egípcios lhes acompanhassem até a tumba. Sacrificavam-nos para que o rei tivesse um cortejo de forma digna. A arte veio substituir essa prática cruel. Ao invés de homens de carne e osso, imagens foram oferecidas como substitutas aos poderosos da terra. Então, as pinturas e os modelos encontrados em túmulos egípcios estavam associados à idéia de fornecer servos para a alma dos reis, prática encontrada também em outras culturas.

Uma outra característica própria dos egípcios estava na sua forma de desenhar, ou seja, de representar o corpo humano. O método do artista igualava-se mais ao do cartógrafo do que do pintor. Diferentes posições de quem olha para uma mesma cena. “Tudo tinha que ser representado a partir do seu ângulo mais característico.” (GOMBRICH, 1999, p. 60).

Os egípcios representavam a figura humana sempre da mesma e única forma. A cabeça era mais facilmente vista de perfil, de modo que ficava na lateral. Ao mesmo

tempo o olho saía da figura visto de frente, assim como os pés eram representados sempre na posição de lado. Da forma em que era desenhado, parecia que o homem egípcio tinha dois pés esquerdos. Também de lado sempre estavam os braços, no entanto os ombros e o tronco eram vistos melhor de frente.

Poderia se pensar que o artista egípcio julgava ser assim a forma de representar o homem. No entanto, não podemos esquecer a que finalidade esta arte se vinculava, ou seja, essa adesão à regra talvez tivesse algo a ver com o fim mágico da representação pictórica. “Pois como poderia um homem com o seu braço “perspectivado” ou “cortado” levar ou receber as necessárias oferendas do morto?”(GOMBRICH, 1999 p. 61).

A civilização grega promoveu uma mudança na forma de representar o corpo, na medida em que a arte se dissociou da magia e deixou de ser o caminho de ligação entre o indivíduo e a vida eterna. O corpo era valorizado pela sua capacidade atlética, de saúde e fertilidade. Na Grécia antiga, o que fazia a distinção entre o homem e a mulher era o conceito de calor corporal. Acreditava-se que as mulheres que mantinham seus úteros aquecidos durante a gestação, davam à luz a crianças de sexo masculino. Dessa consideração, passou-se a atribuir ao homem um calor corporal maior do que ao indivíduo feminino. Justificando-se a hierarquia social, ao homem devia ser proporcionado espaços para conservar e estimular o calor, o vigor. Daí nasceu o ginásio, de onde vem a palavra *gymnás*, que quer dizer “totalmente desnudo”. Em Atenas estar nu passa a ser valorizado como uma integralidade – unidade indivisível entre corpo e alma. Nessa época a liberdade estava também associada às pinturas, cujas técnicas empregadas possibilitavam mais leveza e movimento aos corpos representados nas esculturas.

Com o advento do cristianismo, a relação do homem com o corpo se modificou: “todos os corpos eram iguais perante os olhos de Deus” (PIRES, 2003, p. 34), o espírito era responsável pela singularidade e identificava o homem. A influência da religião cristã associada a regimes monárquicos trouxe conseqüências para a própria concepção de corpo e para seu controle.

O Estado começou a imputar ao corpo práticas de tortura e execuções em praça pública quando o sujeito se desviasse do *status quo* determinado pela igreja. Toda preocupação com o corpo era suprimida e a divisão do corpo e da alma fica clara,

prevalecendo a força da segunda. A alma deveria estar acima dos prazeres e necessidades do corpo, enfim, por cima dos aspectos materiais. O corpo se tornou algo desprezível, exceto o corpo sofrido. Com o recurso do sofrimento o corpo poderia ser um meio de alcançar o paraíso.

Existem várias representações bíblicas a respeito da tatuagem. Dentre elas, citamos algumas:

“Não fareis golpes na vossa carne, pranteando mortos, nem figuras algumas, nem marcas sobre o vosso corpo”. Essa passagem da Bíblia está no livro de Gênese (GÊNESE, 4, 91) e revela a interdição que a religião opera junto aos que marcam seus corpos. Este corpo, como objeto sagrado, não pode ser tocado. O homem como imagem e semelhança de Deus é a premissa, além de outras significações, que traduz essa proibição de alterar o corpo.

Outra passagem bíblica aponta para a existência de marcas corporais como um signo de estigmatização. Quando Caim matou o seu irmão Abel, o Senhor lhe disse:

Agora, pois, serás maldito sobre a terra, que abriu a sua boca e recebeu o sangue de teu irmão da tua mão. Quando tu a tiveres cultivado, ela te não dará os seus frutos. Tu andarás vagabundo e fugitivo sobre a terra. E Caim disse ao Senhor: o meu crime é muito grande, para alcançar o teu perdão. Tu me lanças hoje fora da terra; e eu serei obrigado a me esconder diante da tua face; e andarei vagabundo e fugitivo na terra. O primeiro, pois, que me encontrar matar-me-á. Respondeu-lhe o Senhor: Não será assim, mas todo o que matar Caim será por isso castigado sete vezes em dobro. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para ninguém, que o encontrasse, o matar (GÊNESE, 4, 4)

Somos um país cristão, cujos ensinamentos da Bíblia têm um peso na conduta das pessoas. As representações religiosas, em especial a passagem sobre Caim, indicada acima, fazem-nos pensar sobre o sentido da marcação do corpo como uma atualização do sagrado.

O Renascimento, intimamente ligado ao trabalho artístico, trouxe outra dimensão ao corpo. Num sentido amplo, o ideal renascentista pode ser entendido como a valorização do homem (humanismo) e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam pertencido à cultura da idade média. O ambiente renascentista promoveu um salto na compreensão artística e o corpo foi alvo dessa valorização. Associado ao conhecimento da anatomia, pintores e escultores utilizavam-se desse conhecimento para enriquecer suas obras. Motivos religiosos também serviram

aos artistas. Da Vinci, Michelangelo e Rafael - expoentes desse período – representaram o corpo como a mais bela expressão da arte.

Se já existira a divisão corpo-mente, foi com Descartes que se instalou definitivamente esta questão. A razão predominou em todos os campos da ciência e das relações humanas. A dualidade instituída, colocando o corpo e mente como realidades separáveis, teve outros desdobramentos adquiridos pela sociedade ocidental nos pares: espírito / matéria; masculino / feminino; branco / preto; dominante /dominado; civilizado / primitivo; entre outros.

Com a idade moderna, o saber começa a ocupar lugar importante no cotidiano, e se associa ao poder. Com isso, acrescenta-se ao corpo um novo elemento: o conhecimento. Ele passou a ser conhecido pela ciência e controlado pela razão.

Encontraremos exemplo dessa natureza na obra de Gilberto Freyre – Casa Grande e Senzala. Lá o negro é estudado em detalhes, com descrições pormenorizadas das características corporais. Reconhece uma certa avidez dos antropólogos em descobrirem a essência da negritude. Há um caráter enigmático embutido na concepção do corpo escravo no qual o automatismo que lhe é atribuído denota uma relação de vitalidade desse corpo. A descrição feita pelo antropólogo do corpo negro, relaciona-o à capacidade física, à inteligência, à linguagem, a sabedorias, a crenças, à relação das crianças com a vida sexual. Outros elementos voltados à etnia negra determinam a representação do corpo negro para a cultura nordestina: religiosidade, culinária, crença, santos, transes, obediência, tortura, culto....O corpo negro se apresenta multifacetado e mobiliza um duplo movimento: de aversão e de atração. Do corpo que se tortura ao corpo do tesão, da realização da vida sexual; da malvadeza ao prazer.

A transição para a sociedade industrial exigiu do homem a implementação de novos dispositivos de poder e saber, bem mais eficazes e sutis do que os utilizados anteriormente, graças ao conhecimento das ciências sociais e humanas. Nesse sentido, o estatuto do corpo assume importante lugar, pois são produzidos corpos e subjetividades sob a égide dos dispositivos de poder aliados pela arquitetura panóptica, a técnica da confissão e a regulamentação do tempo de todos os homens.

Dos corpos dóceis – domesticados, adequados, disciplinados, submetidos à engrenagens da produção fabril, aos corpos úteis que respondiam aos interesses econômicos e políticos.

Foucault apresenta um importante estudo no qual analisa o corpo associado ao poder. Através da análise do poder nos séculos XVII, XVIII e XIX, ele caracteriza a modernidade como uma "anátomo-política do corpo" e por uma "bio-política da população". A primeira, diz ele, tem a ver com as "disciplinas", os procedimentos do poder que, a partir do "corpo como máquina", incubem-se do seu "adestramento, ampliação de suas aptidões, extorsão de suas forças, crescimento paralelo de sua docilidade e utilidade na integração em sistemas de controle eficazes e econômicos" A segunda continua ele, tem a ver com os "controles reguladores", as intervenções do poder que, a partir do "corpo-espécie", preocupou-se com a "proliferação, o nascimento e a mortalidade, o nível de saúde, e duração da vida" (FOUCAULT, 1990 p.131).

Foi nessa tentativa de estudar a formação de tais dispositivos, que corpo e controle foram amplamente abordados na obra de Michel Foucault – *Vigiar e Punir* - quando aborda o estatuto do corpo na relação com os castigos e punições realizadas pelo Estado e o sistema jurídico.

No início do processo de punição, o corpo era o instrumento por excelência pelo qual o suplício, com toda a encenação, se fazia presente nas mentes e nos olhos da sociedade. Era preciso mostrar à população as conseqüências de um ato contra o estado. Foucault descreveu o que aconteceu a Damiens quando tentou assassinar Luiz XIV com uma faca. O rei nada sofreu, mas o homem foi cruelmente supliciado. Qualquer intervenção pela via do enclausuramento sobre o corpo indicava a privação da liberdade considerada como um bem e direito.

A respeito deste tema, Kafka, em seu conto *Na Colônia Penal*, relata uma história em torno da existência de uma máquina de tortura utilizada para execuções de condenados em uma ilha. A narrativa construída é composta de poucos personagens: o oficial - exímio chefe conhecedor da máquina -, a própria máquina - que mais parece um sujeito -, o condenado - neste caso, um soldado -, e o explorador, que estava conhecendo a ilha, e a quem o oficial apresentava inúmeras provas sobre a eficácia da moderna máquina.

O invento do antigo comandante, do qual o oficial ocupava o posto, possuía várias engrenagens e peças, cada qual com finalidades específicas: ancinho, cama, desenhador, cinta de aço, entre outras. Destas, o ancinho era um instrumento que comportava agulhas que iriam rasgar a pele do condenado, promovendo assim uma inscrição no corpo, a qual seria a sua própria condenação.

A sentença do condenado é descrita pelo oficial da seguinte forma: “nossa sentença não é aparentemente severa. Consiste em escrever sobre o corpo do condenado, por meio do ancinho, a disposição que ele mesmo violou. Por exemplo, as palavras inscritas sobre o corpo deste condenado – e o oficial apontou o indivíduo – serão: HONRA A TEUS SUPERIORES”(KAFKA, 2001, p. 115).

Nesta mesma lógica de inscrição da condenação, o oficial mostrou ao explorador vários desenhos, afirmando que eram para ornamentar a inscrição que ficaria no centro de cada desenho. Acrescenta o oficial: “Naturalmente, não pode ser uma inscrição simples; seu fim não é provocar diretamente a morte...” (KAFKA, 2001, p. 115). O conto revela um fim inusitado e irreverente.

A Revolução Industrial contribuiu para o atrelamento do homem à técnica e, conseqüentemente, outro modelo de corpo apareceu – um corpo apto a produzir. A industrialização foi a grande responsável pela volta do culto ao corpo. O corpo não era reproduzido apenas nas telas de pintura, ou desenhos, tornando-se também reproduzido na fotografia, cinema, internet e outros derivados.

A grande descoberta comercial com o advento da industrialização tem no ramo da indústria do corpo um universo em alta expansão. O século XX foi marcado por uma busca incessante dos homens e, principalmente, das mulheres, pela beleza perfeita. A preocupação com o culto ao corpo, como traço característico das sociedades contemporâneas, liga-se também à constituição da modernidade.

A ordem da produção, economia, mercado e consumo está intrinsecamente ligada à constituição do corpo na modernidade. Os tempos modernos infligiram ao homem um padrão que o escravizou como operário e a mulher como sedutora. Alia-se a isto toda a parafernália de publicidades que confirmam esses lugares sociais determinados.

Foi na década de vinte que as mulheres, sob o impacto das indústrias do cosmético, da moda, da publicidade, incorporaram o uso da maquiagem e passaram a valorizar o corpo esbelto. Nos anos cinquenta, a publicidade pós-guerra, assim como a disposição do tempo e do lazer, exigiu novas práticas de cuidado com o corpo. Ser esportista passou a ser um requisito a mais, na linha de aproximação com o início dos Jogos Olímpicos da era moderna.

Os anos setenta revelaram um novo tipo de uso do corpo pelo homem. A difusão do anticoncepcional, da chamada “revolução sexual”, do movimento feminista, e outros elementos da contracultura, colocaram o corpo como o meio de contestação que marca a década. O corpo é a prova viva da sedução. Já nos anos oitenta, a exposição do corpo ganha mais vulto em vários aspectos sociais. Acontece a proliferação das academias de ginástica, e o surgimento da “geração saúde”, da defesa da ecologia e do chamado “sexo seguro”, onde novamente o corpo se apresenta sob um novo estatuto.

Em todas as modificações geracionais, o corpo se apresentou como alvo de preocupações. A flexibilização do vestiário vai gradualmente ganhando espaço, sendo medida pela mudança de costumes. A aparência física depende cada vez mais do corpo e cuidar dele passa a ser uma necessidade. Cuidar do corpo tornou-se sinônimo de prepará-lo para ser mostrado.

2.2 CORPOREIDADE NA ARTE

*“Nada mais real do que este corpo que imagino;
nada menos real do que este corpo que toco...”*

Octavio Paz

O recurso da arte é uma das vias mais importantes para percebermos como foi se dando a representação social do corpo em cada época. Através das manifestações artísticas, em especial, as expressões plásticas, podemos visualizar as modificações da representação do corpo. Sem desmerecer a literatura, que possui também um espaço importante nesta análise, a arte, como o caminho para o conhecimento da história do “uso” do corpo, ou de suas práticas, encontra a seguinte particularidade: a linguagem humana atribuída ao corpo transfigura-se de acordo com a própria concepção de arte.

Nenhuma manifestação artística deixou de representar o corpo, daí o caráter do corpo associado ao da arte. Ao mesmo tempo percebemos o corpo como o palco, o cenário da manifestação artística.

No momento pensamos que a arte é um recurso transformador da realidade, a partir de sua condição de revelar o que a escrita e a fala não conseguem, sendo a arte a linguagem que mais se aproxima do real. Nesse sentido, pintar o corpo e pintar no corpo seriam duas formas de expressão artística. Além de ser um elemento constituinte do homem, de ser um caminho ao mesmo tempo de comunicar o estabelecido, subvertê-lo. É o que de fato poderia estar tão atrelado à importância de compreensão do corpo humano e da arte.

A linguagem artística provoca o corpo, assim como é provocada por ele. Como então o homem foi representando o seu corpo, se neste caminho simbólico – arte – há uma transfiguração própria da criação artística? A nosso ver, esta questão incide sobre a representação do corpo, sendo este um corpo social.

Encontramos no conceito de arte diversos aspectos que incluem estética, beleza, técnica, ilusão, metáfora, liberdade, criatividade, linguagem. Não é de hoje a intrínseca relação estabelecida entre a humanidade e a arte, configurando-se como o caminho, por excelência, para a representação das coisas, do mundo e de si mesmo. Podemos por isso, acrescentar que arte e humanidade se confundem.

A história da arte nos permite conhecer como a humanidade foi se construindo, deixando entrever os valores, as atitudes, as crenças e relações de um povo. Testemunha e domesticada ao mesmo tempo como revolucionária, perturbadora, irreverente, a arte traduz a amplidão das possibilidades do homem.

O corpo na arte e a arte no corpo levam-nos à indagação: Em que medida o corpo pode ser tomado como objeto de arte? Que necessidade o homem possui ao tematizar o corpo humano através das expressões artísticas? Que diferença faz quando é o próprio corpo objeto e sujeito dessas representações?

Através da arte um corpo é visto. A figura humana é desenhada, redesenhada, decomposta, recomposta, cortada, fragmentada, unificada. O corpo configura-se como o elemento mais trabalhado nas expressões plásticas. A que se deve este fascínio?

Estamos no campo da Interpretação? Ou da (Re) interpretação do corpo humano? O que se passa entre o artista e o corpo?

Não iremos nos deter neste segmento sobre um estudo das motivações artísticas do sujeito e seu processo de criação, o que nos levaria a um aprofundamento propriamente do campo da sublimação. Embora relacionemos um pouco estas questões, importa neste trabalho contornar o corpo, enquanto corporalidade enigmática atravessada pela arte, e nela representada. Há dois sentidos que tentaremos formular aqui: a arte que possibilita a representação do corpo, ou seja, o corpo na arte (traduzido pelo fascínio / necessidade de tematizá-lo) e o corpo como sujeito das representações, a partir das tatuagens, na qual a pele torna-se uma tela ou livro aberto aos olhos de outros.

Dar contornos ao corpo, propiciar a sua representação, nomear, através de traços, o que pode ser irrepresentável. É em torno desta questão, do irrepresentável ao psiquismo que muito a psicanálise contribui. A arte sempre foi tida como o lugar de acolher o que não pode ceder à palavra. Como espaço profícuo para contornar o irrepresentável, a arte sempre ofereceu lugar a este intangível, nomeado de gozo, daquilo que a linguagem não permite dizer tudo, o que foge ao funcionamento do princípio de prazer. “Do gozo nada se pode dizer desde que é excluído da linguagem, mas ele pode ser expresso na pintura e na escultura animadas pelo impulso criador” (RODRIGUES, 1997, p. 33).

Vivemos representando projetivamente nossa imagem corporal. Desde a época dos homens primitivos, as cavernas testemunhavam os traços produzidos para exorcizar o medo, controlar o desconhecido, registrar perdas. De lá para cá o homem reinventa essas formas de traduzir a insegurança, o medo, o desconhecido e o irrepresentável. Em última instância, a necessidade de registrar, de formar traços, em telas, cavernas, e na própria pele deve-se a uma forma de ultrapassar a morte, remetendo a tentativa de defesa contra a finitude, a castração.

A entrada na circulação simbólica permite transmissão entre corpos. Na amplitude fantasmática constituinte da relação linguajeira, a relação com a imagem do corpo possibilita a troca com o outro, garantindo assim a alteridade. A imagem do corpo para se instalar de uma forma não despedaçada necessita de um narcisismo que assegure uma continuidade do ser.

Freud (1895) no *Projeto para uma Psicologia Científica*, já afirmara que dentre os complexos perceptivos haveria um componente não assimilável (*ding*), algo que fica fora da organização psíquica, excluído da representação psíquica, que não é significante. Lacan ao reler Freud, vai colocar a coisa como aquilo que representa o objeto perdido, motivando o indivíduo a buscar recuperá-lo, através das coordenadas do que lhe dá prazer e desprazer. No entanto, o que ele vai encontrar sempre são os objetos substitutivos, os objetos da fantasia que mascaram a dimensão da coisa. Lacan faz uma comparação com a situação do vaso para explicar a relação entre a coisa e a linguagem. “O vaso é uma criação significante, circunscrevendo o vazio interior da coisa, que anteriormente não existia” (VALAS,1998, p.35) e a arte se caracteriza por algo construído em torno desse vazio. Mais adiante iremos analisar melhor essa questão sobre o gozo.

Henri-Pierre Jeudy, em seu livro *o Corpo como objeto de arte*, coloca que a arte pelo seu caráter de aventura, extravagância, rupturas no tempo e no espaço, subversão, pode produzir uma estabilidade nas imagens corporais, tornando-as representações estáveis. “Tratar o corpo como objeto de arte é impor uma figura de ordem à labilidade das imagens corporais”. (JEUDY, 2002, p.54)

O que caracteriza o objeto de arte é o fato de ele ser intocável. Uma vez concluída, a obra nunca mais é retocada. Ela pode sofrer alguma restauração, mas esta não deve, sobretudo modificá-la. Poderíamos dizer, em um sentido tradicional, que o corpo é o oposto de um objeto de arte, pois está em perpétua metamorfose. Trabalhar o corpo, “esculpi-lo”, é compará-lo a um objeto de arte, mas não é tomá-lo como tal. (JEUDY, 2002, p.54)

Difícil imaginar a estabilidade de uma imagem corporal quando olhamos o corpo fragmentado de um quadro surrealista. O deslocamento, o jogo de imagens, o olhar, o fora do lugar da obra surrealista aponta para uma outra interpretação do homem. Cabe nesse momento, fazer uma pequena digressão para irmos ao movimento surrealista e demonstrar sua relação com o corpo.

Moraes (2001) diz que enquanto no Renascimento a preocupação dos artistas era captar a morfologia humana, a modernidade trouxe a desintegração e fragmentação do corpo, e mais do que isso trouxe uma desumanização da arte. Segundo Moraes:

Se o corpo pode ser tomado como a unidade material mais imediata do homem, formando um todo através do qual o sujeito se compõe e se reconhece como individualidade, num mundo voltado para a destruição das integridades

ele tornou-se, por excelência o primeiro alvo a ser atacado... Para que as artes modernas levassem a termo seu projeto foi preciso, antes de mais nada, destruir o corpo, decompor sua matéria, oferecê-lo também em “pedaços” (MORAES, 2001, p. 60)

A idéia de desumanização, ou como diz Moraes, desantropomorfização, poderia ser entendida como negação do corpo humano. Picasso foi o grande representante dessa forma de expressão separada da tradicional forma humana. Ortega y Gasset diz que “pintar um homem que se pareça o menos possível com um homem” (Moraes, 2002, p. 61) passou a ser o objetivo do artista moderno. Vários recortes, órgãos em lugares diferentes: as mãos se separam dos braços, os pés desligaram-se das pernas, o ventre adquiriu autonomia, os olhos e as orelhas destacaram-se do rosto. “O objeto idêntico a si mesmo perde a realidade” (Moraes, 2002, p. 69), observara o desenhista Bellmer o que é próprio do movimento surrealista. Aquilo que transpõe a dimensão do real. Se o objeto inaugurado pela arte supõe um intercruzamento com outras realidades, ao desenhar cinco mulheres nuas numa compacta estrutura plástica composta por formas geométricas, introduzindo planos e elementos inesperados, Picasso deixa entrever um corpo desconstruído, um corpo desprovido de dimensões estáveis, um corpo em crise.

É exatamente esse aspecto – emprestado o termo do surrealismo – de desumanização – que diversos autores estão articulando à sociedade contemporânea a constatação da negação do corpo.

A idéia da negação do corpo acompanha a arte, nessa perspectiva apontada por Moraes, e encontra ressonância em diversos autores da Antropologia do Corpo, como por exemplo, David Le Breton. Este, autor de destaque em sua área, denuncia de forma contundente que não há mais corpo, e sim uma suspeita do corpo. Quanto mais há inquietação sobre esse corpo, colocando-o à mercê de uma identidade mais favorável, mais se denuncia a falta de contentamento por ele.

A oposição da valorização da técnica em prol da supressão do ser um corpo sensível, corpo denso, o corpo com o qual nós vivemos, corpo real, fez com que Breton (2003) criasse alguns conceitos, tais como *corpo alter-ego*, *corpo acessório*, *corpo excesso*. Em todas essas descrições, o corpo é mero objeto das tecnociências, da sociedade da imagem, do virtual, do descartável.

Reafirmando sua crítica, Breton (2003) introduz o corpo não mais estando em oposição à alma ou ao espírito, mas precisamente ao próprio sujeito. O corpo não é mais um estar no mundo, um constructo irredutível do sujeito, mas tornou-se um objeto transitório, manipulável.

Hoje o corpo constitui um *alter ego*, um duplo, um outro sim mesmo, mas disponível a todas as modificações, prova radical e modulável da existência pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou duravelmente... O corpo é normalmente colocado como um *alter ego* consagrado ao rancor dos cientistas (BRETON, 2003, p. 30)

O *corpo como excesso* expressa o mérito da máquina, do veículo ter substituído o esforço corporal, no qual a abolição de situações de antigas práticas corporais se presentificarem no mundo urbano, tais como o caminhar, ao invés de andar em escadas rolantes, ou de carro, ou os recursos musculares se reduzirem às academias de ginástica.

Surge o *corpo acessório* no qual, segundo Breton (2003), estão contidas as modificações corporais, tais como tatuagem, *piercing* e outras manifestações. Desviando da noção de interioridade, Paul Valéry (Breton, 2003, p.29) conduz a citação: “A pele é o mais profundo”. O corpo reduz-se a superfície.

Sem o complemento introduzido pelo indivíduo em seu estilo de vida (*body building*, marca corporal, cirurgia estética, transexualismo etc) ou suas ações deliberadas de metamorfoses físicas, o corpo seria uma forma decepcionante, insuficiente para acolher suas aspirações. Nessas diferentes representações, o corpo deixa de responder à unidade fenomenológica do homem, pois ele só se reconhece aí num segundo tempo após efetuar um trabalho de sobre-significação que o conduz à reivindicação de si. Mudando o corpo, pretende-se mudar sua vida. Esse é o primeiro grau de suspeita do corpo (BRETON, 2003, p.22)

Se o próprio sujeito é o mestre que decide a orientação de sua existência nos tornamos donos de nós mesmos, sem referências a Outros que conduzem e fazem referências às nossas ações. Nesse sentido, há uma aproximação com a análise de Charles Melman (2003) sobre o fim do milênio. Observa ele que havendo a derrocada dos grandes textos, só nos resta o aplacamento imaginário cuja referência cultural tende a se esmaecer.

Jeudy (2002) assinala que a arte atribui uma qualidade estética às imagens corporais; o artista considera o corpo como objeto a ponto de lhe fornecer uma representação atemporal. Transforma a efemeridade própria das imagens corporais em

figura de eternidade, através de um quadro ou escultura. “É a imagem fixada (como imagem referencial) que dissipa a angústia da morte enquanto a representa” (JEUDY, 2002, p.54).

É inevitável, ao olharmos uma obra de arte, cujo foco é o corpo, associarmos às representações de corpo já conhecidas. A captura da imagem por si mesma, tão propriamente falada no texto do surrealismo, é um exercício estético para alguns que se aventuram na desconstrução das representações. A forma - matéria prima da arte - daria corpo à imagem. É possível que venham juntas e que a partir daí essa simultaneidade caracterize o que se chama de imagens corporais. No entanto, o homem ao olhar as obras de arte não está isento de fazer comparações, analogias, mesmo que de forma subliminar.

Pode-se representar o corpo ou no corpo, contornando-o, fragmentando-o ou unificando-o, por intermédio de algo que não se configura como corpo. Pensamos que a arte é um recurso transformador da realidade, e que aponta para uma linguagem mais próxima do real.

Na década de sessenta o corpo toma a dianteira em muitas manifestações artísticas, como nas performances ou na *Body Art*. Essa é uma dentre as várias características do que se convencionou chamar arte contemporânea. No lugar de figurar espelhos em pedaços, busca-se situar a divisão do sujeito no corpo real. Surgem então manifestações da arte que encarnam a própria enunciação da castração, eventualmente em atos violentos.

A primeira vista a tatuagem é um tema ligado apenas à contemporaneidade, a modismos exóticos e vanguardistas, a uma rebeldia juvenil que leva uma pessoa a realizar transformações no próprio corpo para chocar a sociedade. Numa visão mais ampla, trata-se do ressurgimento de práticas milenares, de rituais baseados no prazer e na dor, de experiências estéticas radicais que questionam inclusive o sentido da arte.

Para mim, não é nem uma mensagem, nem um símbolo; é puramente estético. Agora, eu tenho uma obra de arte no meu corpo pelo resto da vida; eu transformei o meu corpo no sentido da beleza. A modificação corporal é um prazer em si. (YVES, tatuagem é vista como obra de arte e vira mania, *Le Monde*, Paris, 23. Out. 2004)

Associar a tatuagem com expressão artística encontra-se na tendência atual das chamadas “convenções de tatuagem” realizadas anualmente em cidades brasileiras e européias, que têm a finalidade de ampliar o espaço da tatuagem e validá-la como produção artística. Mesmo não sendo sujeitos da pesquisa, propomo-nos a escutar alguns dos tatuadores envolvidos em uma convenção de tatuagem realizada em Julho de 2005, em Recife. Escutamos a seguinte formulação: “Já era o tempo que os tatuados eram pessoas marginais. Hoje a tatuagem é arte, e o tatuador, mais do que outro artista precisa se estabelecer como tal”.

Resgatar ou mesmo incorporar esta “nova velha arte” no corpo também é atrelar-se às considerações sobre o mercado de bens e serviços. Torna-se necessário demarcar as experiências cotidianas – artísticas, mercadológicas, socioculturais – que incorporam a noção de produto, de consumo. Um corpo tatuado também é um corpo de incentivo e de resultado do consumo. Não mais um corpo que resiste a era do consumismo.

A *body modification* cria uma nova relação do artista com o corpo. Nela, a relação corpo/objeto é independente da relação tempo/espaço. Não há distinção entre o artista e a obra, entre o sujeito criador e o objeto criado. O sujeito é o objeto e não deixará de ser, independente do tempo e do espaço em que se encontre. O evento artístico não se reduz ao tempo da exposição ou da apresentação. O tempo de exposição é o tempo da vida do indivíduo e o espaço destinado a ela é composto por todos os ambientes por onde ele circula.

Resguardando as devidas diferenciações entre sociedades, na história da tatuagem, o acento maior parece estar no traço diferencial, revestido também de outras justificativas de ordem ornamental, transcendental, ritual etc.

Em que pese o breve passeio a partir da afirmação de que tatuagem é uma arte, registramos dois aspectos que estão crescendo no meio dos adeptos: 1) O movimento de profissionalizar tatuadores enquanto artistas (reconhecimento profissional); 2) O fortalecimento de políticas públicas no combate a prevenção de hepatites, transmitida pelos instrumentos pertencentes à confecção de *tattoos*.

A título de ilustração, a frase de um tatuador explica essa tendência atual: “Tatuar-se não é moda, nem rebeldia, é gostar de arte a ponto de introduzi-la na pele. Se você encarar o tatuador como artista, e sua pele como uma tela, pra que morrer em

branco?”⁴. Este depoimento sugere uma aproximação com o culto ao desnaturalizar-se. A arte surge então como uma forma para não se morrer em branco. O sujeito incorpora e usa a arte para inscrever uma história e não morrer em branco. Nesse sentido, o corpo originalmente em branco transforma-se num corpo habitado pelo sujeito que deixa lá sua marca.

Morte, castração...O sujeito, a partir da linguagem, é dividido. No entanto, há a possibilidade, ao preço da angústia, de brincar com sua própria divisão. A incidência dessa divisão do sujeito na cultura tem na arte uma expressão de maneira privilegiada, pois ela é revestida de criação. Desta forma, ao refletirmos sobre a arte e o corpo, não nos distanciamos do que se torna atual: os discursos da psicanálise, sobre os quais iremos nos deter agora.

2.3 VISITANDO OS DISCURSOS ATUAIS

“Por que ser você mesmo se pode ser novo?”⁵

Os discursos atuais que privilegiamos são de inspiração psicanalítica, visto que a Psicanálise juntamente com a Psicopatologia Fundamental são as âncoras deste trabalho, de onde se compartilha os seus princípios epistemológicos. Utilizaremos, preferencialmente, alguns aspectos da produção de Jurandir Freire Costa em seu último livro “O Vestígio e a Aura” sobre a personalidade somática, como também noções gerais encontradas no texto inédito “Sofrer, gozar, idealizar.... O corpo entre o trauma e os ideais” de Rubens Volich a respeito dos ideais que perpassam no corpo.

Há na atualidade uma discussão interessante sobre o corpo. Costa (2004) nos chama a atenção para a obsessão pelo tema que cresce exatamente no momento em que se expandem os saberes - “do avanço das ciências biológicas e das tecnologias médicas até a difusão cultural das espiritualidades asiáticas” (COSTA, 2004, p.19). Surgem novos ideais de realização que servem de palco para tais manifestações, seja através de novos sintomas, seja nos variados suportes identificatórios conseguidos muitas vezes pela submissão compulsiva às demandas de perfeição corporal. Colocar o corpo em outro estatuto de convivência com os valores estéticos, prazerosos e interacionais,

⁴ Disponível em: < <http://www.tattoos.hpg.ig.com.br> > Acesso em 31/08/05

⁵ Frase dita pelo personagem filho robô em filme infantil chamado Robôs.

decorrentes de uma cultura de valorização da vida, mantida nos ideais de saúde, trouxe para a sociedade vários benefícios, dentre esses o cuidado em manter uma vida mais saudável.

O termo culto ao corpo é trazido, neste capítulo, na tentativa de problematizar essa obsessão, e entender em que medida ética encontra-se o corpo na atualidade. Ou seja, qual *ethos* assegura este homem que é acalentado / sufocado por sua imagem de corpo.

Inúmeros são os programas de TV, além de outras parafernálias da mídia, que transmitem, passo a passo, transformações a que pessoas, principalmente mulheres, são submetidas, frente ao consentimento dos médicos. O exagero prevalece e a ordem do dia rege-se pelo impossível.

Se pudéssemos resumir as mensagens implícitas, e muitas delas tornam-se explícitas, provenientes do discurso de quem a toda prova se submete a este culto ao corpo, é uma ambição por uma liberdade social e individual cada vez mais ampla. “Revelam-se sujeitos cada vez mais escravos e temerosos da mesma liberdade que supostamente buscam alcançar” (VOLICH, 2004, p. 04).

No contexto social da atualidade, vivemos em um meio de investimento exagerado dirigido ao corpo. Alguns atribuem a motivação baseada em uma auto-estima elevada, vaidade, status, entre outros motivos. Consideramos que nesta situação há em especial uma procura pelo reconhecimento social, e, sobretudo por um suporte identificatório para si. “Diante da dificuldade de encontrar em si mesmo uma imagem que satisfaça, busca-se no olhar do outro, no social a imagem que possa agradar” (VOLICH, 2004, p. 05).

O mesmo autor também nos faz pensar o conteúdo que subjaz ao investimento dirigido ao corpo. A tentativa de não separar o corpo e o psíquico - quando durante tantos anos a história do pensamento ocidental, através da filosofia cartesiana, cuidou de encravar a dicotomia corpo e mente - é muitas vezes sufocada pelo avanço da tecnologia da medicina. Ainda mais com seus recursos reparatórios e “milagrosos” que colocam por terra a indissociabilidade corpo e psiquismo, ficando somente o corpo como condutor da existência.

Frente a este cenário, o próprio investimento carrega o cerne de uma insatisfação. Ao mesmo tempo em que se cultiva, se exhibe, e se cuida do corpo, parece

haver uma decepção frente a ele. Essa insatisfação aponta para a distância referente ao que somos e o que desejamos ser perante o outro.

Costa (2004) assinala: “O eu, pelo resto da vida, tenderá a fazer da imagem corporal a moeda de troca na transação com o outro idealizado” (COSTA, 2004, p. 73). Fazer com que o outro nos deseje é o que todos desejam, e alcançar de forma imaginária o que antecipamos é o que nos satisfaz.

Entendido como consumo cultural, o culto ao corpo atravessa todos os setores sociais, e está vinculado a um discurso que ora se apóia na questão estética, ora como preocupação com a saúde. A chamada corpolatria, também como outra gramática que tangencia o termo culto ao corpo, atende ao que se percebe na atualidade – o corpo entra na oferta do mercado de consumo – poder de compra e imagens. A tatuagem atende a esta demanda de mercado, assegurada por uma incrementada estratégia informacional, que transforma o corpo como pólo sedutor. Vincula-se o corpo a imagem de fetiche, através de objeto de consumo, cujo intuito é fixar a atração a um objeto de desejo.

O desempenho corporal hoje está no mesmo patamar do aperfeiçoamento sentimental ou das finalidades cívicas, como outrora. A forma corporal tornou-se a garantia de uma admiração moral. O corpo passou a ser cartão de visitas, carteira de identidade. Segundo Costa (2004), “Na tradição político-religiosa – chamemos assim o pano de fundo moral dos últimos três ou quatro séculos de cultura ocidental -, controlamos o corpo de modo a fazê-lo servir à causa das boas obras e dos bons sentimentos. A realidade corporal jamais foi tomada em sua nudez material como algo digno de ser cultivado com propósitos morais” (COSTA, 2004, p. 192).

Os termos cultura somática e personalidade somática, formulados por Jurandir Costa, apontam para este sujeito contemporâneo que aposta no seu corpo e faz dele a garantia de seu caráter e de identidade - porta-estandartes da subjetividade, que parece só existir na dimensão do exterior. Costa coloca que a figura do desvio hoje em dia é a estultícia, ao contrário dos desviantes dos séculos passados – loucos e perversos. O estulto é o fraco de vontade que não consegue seguir os modelos da cultura somática, resultando daí ficar no lugar da antinorma da identidade valorizada. Como exemplos temos os obesos, toxicômanos e outros considerados fracos e covardes.

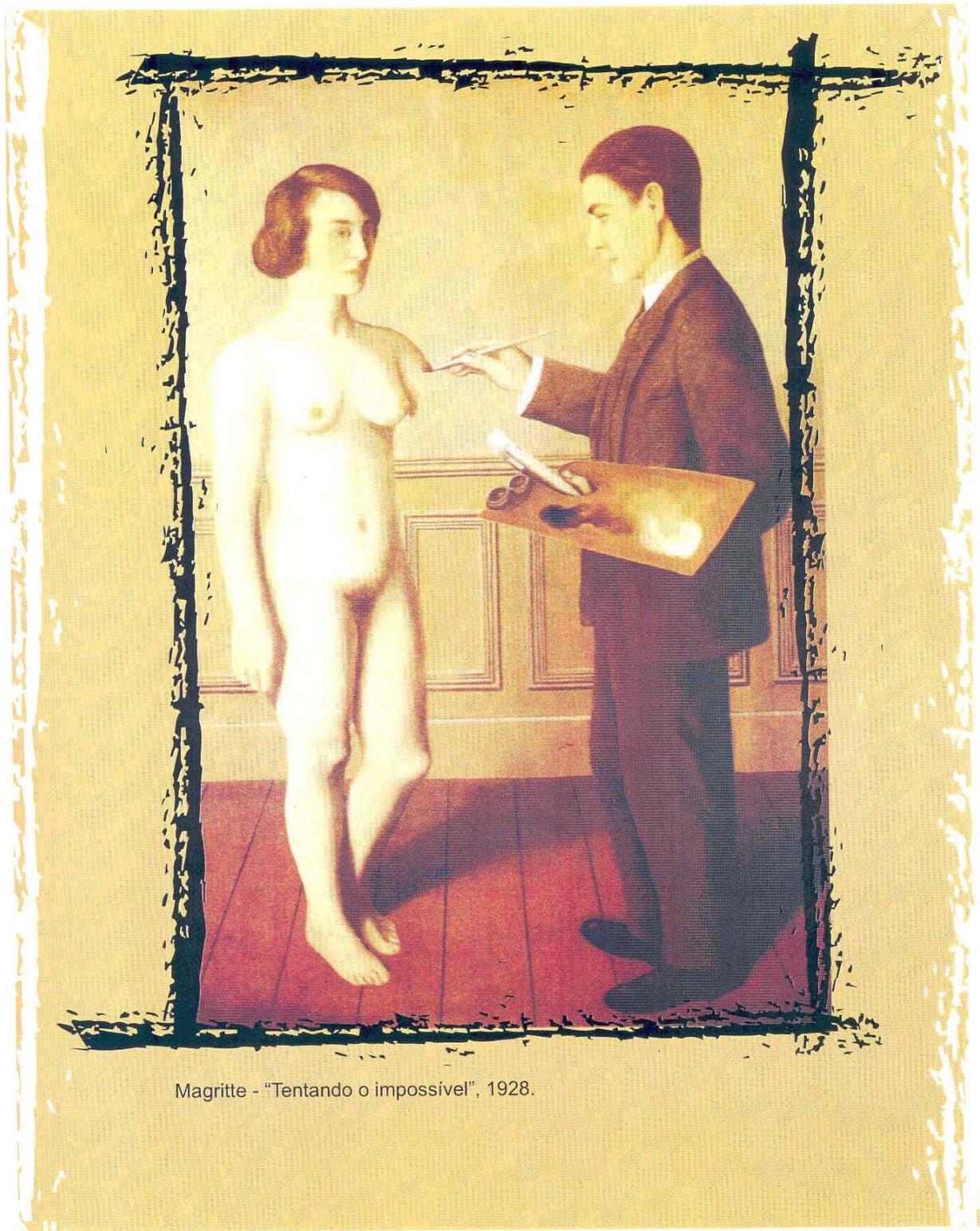
O ideal social se faz presente nesta configuração da personalidade somática e não possibilita reservas, intimidade, particularidades. Tudo fica à mostra. Ao mesmo

tempo, parece haver uma homogeneização de atitudes e posturas. Uma das características disto está na superficialidade e uniformidade compulsiva dirigida às imagens corporais, observa Costa, para ser “como todo mundo”. A exposição como forma de passar despercebido. Estranhamente, à primeira vista, esta atitude parece ser uma defesa contra a exigência maciça de investimento corporal, das chamadas bioidentidades.

“O preço do reconhecimento imaginário é a invisibilidade cultural pela massificação”. (COSTA, 2004, p.20) Sem isto, o sujeito é livre da invasão persecutória do ideal da *fitness*. A única saída é ser como todos são. Só assim fica-se livre e desaparece-se do olhar do outro.

Diante deste corpo, a clínica psicanalítica tem sido chamada a atender uma demanda de infelicidade e insatisfação crescente dirigidas ao corpo, na forma de sintomas ligados à imagem corporal. As intervenções médicas e em geral externas ao sujeito, também não têm conseguido oferecer a resposta satisfatória para a perfeição narcísica.

Se a realidade social do corpo aponta para o imperativo que coloca o corpo como instrumento de homogeneidade e assujeitamento, “para ser como o que se deve ser”, é na possibilidade de escutar esses desejos que há uma aposta no aparecimento do sujeito.



Magritte - "Tentando o impossível", 1928.

3 PSICANALIZANDO O CORPO

“E assim, através dos seus olhos, eu descobria meu próprio corpo, e aquilo que até aquela data não tinha tido realidade para mim, minhas costelas, o pêlo ralo, os ombros pouco desenvolvidos, tornaram-se ombros, pêlos, costelas, com a responsabilidade e o peso de um ente vivo, adquirindo forma no mundo em que vivíamos. Coisa curiosa, não era eu, era um mapa o que ela ia investigando”.

Lúcio Cardoso

A linguagem e o corpo tornaram-se sítios fundamentais para a compreensão do humano, e, sobretudo, do inconsciente a partir de Freud. São inegáveis os avanços das ciências biológicas, humanas e sociais para a apreensão dos mecanismos da linguagem e do corpo. No entanto, a especificidade da psicanálise a partir de seus pressupostos, a partir de sua invenção, coloca o homem em outro lugar. Freud ao inventar o método psicanalítico e ser o propulsor da investigação sobre as transcrições do inconsciente, inaugura esta dimensão revelando uma singular e única linguagem no e para o homem.

A linguagem atravessa o sujeito, antes mesmo de seu nascimento. A torção que a Psicanálise opera pressupõe uma lógica que afirma que lá onde o sujeito pensa que é, ele não o é.

A subversão lacaniana, do princípio cartesiano “Penso logo sou” para “Penso onde não sou e sou onde não penso”, contribui para a compreensão do sujeito do desejo, o sujeito do inconsciente, mostrando que o sujeito do pensamento, do consciente, não coincide com o sujeito do desejo, sujeito do inconsciente. Esse sujeito do inconsciente é efeito de linguagem, uma vez que para Lacan “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Apesar de não irmos nos aprofundar nesse tema, importa ressaltar que as operações pertencentes à estrutura da linguagem são as mesmas que operam na formação do inconsciente, a saber: deslocamento, condensação, metáfora e metonímia.

Por muito tempo os psicanalistas recorreram ao pensamento e à linguagem para definir o sujeito em Psicanálise. O corpo ficou secundário na transmissão da psicanálise,

a não ser o corpo doente, amplamente abordado pela clínica da histeria e pela psicossomática. É sempre preciso voltar ao corpo.

Birman (2000) coloca que a corporeidade limita as tentativas de “logificar” o sujeito em psicanálise, tentação a que muitos cederam por causa da preocupação de salvaguardar o estatuto científico da psicanálise. Na intenção de recuperar o corpo como produção de sentido e não apenas como expressão psicopatológica, este autor inaugura os termos de sujeito incorporado e encorpado. Quis ele dizer que o sujeito é um corpo e reafirmar o que Freud já havia assinalado sobre o ego, como antes de tudo um ego corpóreo. O Corpo é o suporte do jogo das identificações que constituem o sujeito.

O Corpo para a Psicanálise começa a ter lugar nas armadilhas do discurso das históricas, pois a partir dos estudos sobre a histeria, Freud passa a escutar a passagem da sedução à fantasia. As históricas narravam com seu corpo a dor de existir, de lidar com o desejo inconciliável com a realidade. Podemos falar, então, do início de uma construção metapsicológica, na qual a pulsão passa a ser o elemento chave de toda obra freudiana.

No começo Freud se ateu ao corpo fisiológico, devido a sua própria filiação médica. A psicanálise através do conceito de pulsão introduz a ordem do subversivo. A pulsão é um conceito limite entre o somático e o psíquico, conceito que faz do corpo o ponto essencial de todas as manifestações psíquicas, visto que o corpo é fonte de toda pulsão. O corpo não é órgão anatômico, assim como não é o real do sexo que define a sexualidade. O conceito de pulsão traduz um lugar incômodo para o corpo. O que parece ser decisivo é que a pulsão tem sua origem num processo somático, numa parte do corpo.

Torna-se lugar comum dizer que a psicanálise foi gestada no corpo histórico. O corpo sexual nasceu quando nos estudos sobre a histeria, Freud observou que o corpo anatômico era insuficiente para a explicação dos sintomas históricos. Esta etapa da construção psicanalítica, justamente no bojo do nascimento da Psicanálise, olhava um corpo que adoecia. Um corpo que apresentava alguma disfunção, sendo a única maneira de resolução/descarga dos conflitos.

Sexo e fala são duas dimensões valorizadas no continente da psicanálise. Como situá-las no universo da tatuagem? Em um corpo tatuado verificamos um corpo que comporta significantes que falam entre si, um corpo falante que está contido e contém o

jogo pulsional. Se sexo e fala, na sua amplitude, ou seja, sexualidade humana e acesso ao mundo simbólico, tocam no que estamos desenvolvendo em relação ao corpo tatuado, não podemos deixar de recorrer ao pressuposto do corpo erógeno e a concepção do corpo formulada pela psicanálise.

Com Freud aprende-se que todo corpo é libidinal. Corpo fonte da libido, produtor e produto desta. Em forma de pulsão, a libido se organiza. No começo, ainda de forma fragmentada, caótica, partida. Não há unidade do corpo, assim como a indiferenciação eu-outro é o que rege a vida psíquica. O movimento da libido está em repetir uma experiência de satisfação. Não há nada *a priori* quanto ao que vai satisfazer a libido. A psicanálise toma como o protótipo de modelo de satisfação a relação mãe-criança, através do seio materno, cenário, onde um dia, foi possível, mesmo de forma ficcional, o sujeito encontrar uma completude. No entanto, o reencontro com a mãe é impossível. Garcia-Roza (1995) registra que é impossível o reencontro com o mesmo. Entre o que se busca e o que se acha há um espaço, uma discordância. Se ampliarmos o sentido do objeto mãe, ele não é a coisa a ser encontrada. O que acontece é que ele – o objeto mãe - está lá ocupando o lugar da coisa (Ding). Não há nesta perspectiva uma exigência de valoração quanto aos objetos que circulam na coisa, ou seja, não existe um objeto absoluto, mesmo que seja considerada a mãe como tal. Esta concepção colocada de forma superficial aponta para as leituras possíveis em torno da psicanálise.

Em torno do tema pulsão Freud estipula uma convenção, ou uma ficção teórica. Esse conceito não nasceu pronto e a razão pela qual, depois de muitos anos de ter proposto o conceito de pulsão, ele declara que as pulsões constituem-se como a peça mais importante, mas também a mais inconclusa da teoria psicanalítica.

Ao longo de sua obra, Freud mostra como são complexos o conceito de satisfação da pulsão, o princípio de prazer e a relação do ego. Não foi por acaso que sua tentativa de formar a segunda tópica tenha partido da formulação que engloba a pulsão sexual e a relação com a pulsão do ego, e do que excede ao princípio de prazer, nomeado primeiramente a partir do enigma das manifestações da compulsão à repetição. O alvo da pulsão é sempre a satisfação, mesmo que esta possa contrariar o princípio de prazer. Mais-além do princípio de prazer revelam-se as pulsões de morte, forças de desligamento da vida (tânatos), que não existem em estado puro, visto que estão ligadas às pulsões de vida (eros).

A organização da pulsão caminha de acordo com os modos de relacionamento do próprio corpo. O auto-erotismo, como um estado inicial da libido, transforma-se em narcisismo quando, ao sujeito, se acrescenta o eu. A erogeneidade acompanha a passagem do corpo auto-erótico para o corpo narcísico. Ao invés de se alcançar o prazer com partes do corpo, característica do auto-erotismo, o narcisismo é a condição da formação do próprio eu, que será investido libidinalmente. No texto sobre o narcisismo, o eu será considerado, por isso, o “grande reservatório da libido”, a isso se dá o nome de narcisismo primário, ao investimento libidinal do sujeito em objetos externos, o do narcisismo secundário.

Portanto, o corpo auto-erótico é o primeiro corpo que habita (n) o sujeito. Nesse corpo está a tentativa de buscar prazer com as partes que lhe formam. Sabemos o quanto Freud explorou e confirmou o caráter não adaptativo da sexualidade humana. O que existisse como necessidade, promovia também o caráter de um prazer experimentado e rememorado. Para a psicanálise, a mãe se torna então o primeiro lócus de experiência de prazer, proporcionando também a demarcação dos lábios da criança, do bico do seio e do fluxo morno do leite como pólos regidos pela sensação de satisfação e de prazer. A procura da criança é repetir essa sensação, um prazer já sentido outrora, sendo agora totalmente separado da necessidade, ou seja, da fome. Em outras palavras, Freud nomeou as pulsões de autoconservação, aquelas que lidam com a proteção da espécie, obtidas através da satisfação das necessidades básicas do sujeito, e as pulsões sexuais, aquelas que imprimem o valor do prazer e de satisfação a ser buscada a qualquer preço. Mais adiante, Freud percebeu que as pulsões do ego ou também chamadas pulsões de autoconservação continham componentes de natureza sexual, e daí por diante a oposição passa a ser entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

A relação com o corpo e identidade tem na obra freudiana um local relevante. O narcisismo é quem confere a existência integral do corpo, ou seja, é ele que “sustenta a unidade ideal do sujeito, identificando o corpo como si mesmo” (FERNANDES, 2003, p. 90). “O corpo assume-se como corpo próprio...o corpo é, portanto, o próprio, a primeira pessoa” (FERNANDES, 1993, p. 91). Birman (1995) falará neste sentido que a alteridade sempre terá o outro como propulsor da constituição do sujeito psíquico. E o corpo nesse sentido tem uma relação importante. Diz ele: “o conceito de um ego corporal enquanto projeção de uma superfície nos remete, portanto, à experiência da

transformação das forças pulsionais a partir do Outro” (BIRMAN, 1995, p.71). O Outro seria o lugar obrigatório por onde passam as forças pulsionais.

No início, o outro não existe para o bebê. Ou seja, a mãe não existe como objeto. A ausência da mãe coloca o bebê no lugar da dor. Tendo a função de pára-excitação, se a mãe faltar para o bebê, o coloca em um lugar vulnerável. No entanto, essa vulnerabilidade não se liga somente às questões biológicas, ou seja, à satisfação das necessidades, mas também ao acolhimento do corpo do bebê. A mãe ao nomear, aconchegar, tocar, falar com o corpo do bebê proporciona assim a mudança do “corpo sensação” ao “corpo falado”. Para tal, é necessário um investimento libidinal da mãe para o corpo do bebê. O papel da mãe não é apenas garantir a sobrevivência do bebê, mas também dar-lhe condições de ter acesso ao prazer, através de sua sexualidade.

Com a Psicanálise constatamos que a chamada natureza humana é produzida sempre. Não há corpo instintual assujeitado ao natural. Sem pulsão não há corpo vivo. Como a pulsão somente pode ser encontrada através de seus representantes – o afeto e o representante psíquico da pulsão – é por esse caminho que iremos abordar o corpo e a representação.

3.1 CORPO E REPRESENTAÇÃO

*“Representar-se é diferenciar-se e,
por extensão, diferenciar outros sistemas entre si”*
Ana Costa

Junto ao eu e anterior a ele, existe a linguagem. Quando apontamos para a memória fixada na pele, através da tatuagem, significa que ali se produziu uma linguagem. Trata-se de uma maneira de transmitir uma experiência, de, sobretudo, transmitir um saber que foi veiculado e vivido no corpo. Como teremos oportunidade de verificar mais adiante, Ana Costa (2003) explora a temática da significação do que resiste a se representar e observa que se a escrita ou o desenho são representações por que as tatuagens, como inscrições na pele de tais representações, também não seriam?

Jean Starobinski assinala sobre a questão do corpo que:

como se nós o reencontrássemos após um esquecimento muito longo: a *imagem do corpo*, a *linguagem do corpo*, a *consciência*

do corpo e a liberação do corpo tornaram-se palavras de ordem. Contagiosamente, os historiadores se interessam por tudo o que as culturas anteriores à nossa fizeram com o corpo: tatuagens, mutilações, celebrações, rituais ligados às diversas funções corporais. Os escritores do passado, por sua vez, de Rabelais a Flaubert, são tomados como testemunhas: no entanto, de repente, percebemos que não somos o Cristóvão Colombo da realidade corporal. Este foi o primeiro conhecimento que adentrou o saber humano: "Eles perceberam que estavam nus" (Gênesis, 3, 7). Depois desse momento, o corpo não pôde mais ser ignorado (apud FERNANDES, 2003, p.18).

Da mesma forma que não se pode ignorar o corpo, falar dele em psicanálise não é tão simples. Problematizar uma questão que envolva o corpo na psicanálise é confrontar-se com a (in)suficiência da representação, do pulsional. É nesse sentido que descrever o que transcende a ordem do pulsional, para o conceito de gozo na clínica lacaniana, também surge como possibilidade de trabalho. Façamos, então, um parêntese para incluir neste debate sobre a representação o conceito de gozo introduzido por Lacan.

Enquanto a primeira clínica lacaniana se refere à predominância do significante Nome do Pai, e das leis da linguagem que também regem o inconsciente, a segunda clínica se reporta ao campo do gozo. Entendido como aquilo que escapa a significação, algo que fica excluído da organização psíquica, o gozo, ao mesmo tempo está situado no próprio centro das representações do sujeito. Para desmistificar a confusão entre o interno - externo, ou dentro-fora, Lacan lança mão de figuras topológicas, como o objeto tórico, por exemplo, onde há uma comunicação do interno ao externo.

O centro desse objeto tórico é a Coisa, *Das Ding*, que Freud, desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), já falara em relação a algo que permanece de não assimilável na organização psíquica. No entanto, cabe aqui fazer uma diferenciação entre *Das Ding*, a Coisa, da qual não há representação, e *Die Sache*, as coisas, que são nomeadas pelas palavras. No texto *O inconsciente*, Freud (1915) diferencia a representação-palavra (*wortvorstellung*) e a representação-coisa (*sachvorstellung*) como duas formas de representações coexistentes no sistema inconsciente. Enquanto a primeira "é entendida como uma representação complexa, formada de representações simples diversas: imagem acústica da palavra, imagem motora, imagem da leitura e imagem da escrita" (GARCIA-ROZA, 1995, p. 244), "o termo representação-objeto não

designa o referente ou a coisa, mas, na sua relação com a representação-palavra, designa o significado”(GARCIA-ROZA, 1995, p. 245). Laplanche (1970) nos fornece a mesma definição de uma outra maneira: enquanto a representação-coisa, deriva do visual, e está ligada implicitamente aos processos primários, ao sistema inconsciente, a representação-palavra, essencialmente acústica, liga-se ao sistema pré-consciente-consciente. Lembremos aqui que Freud registrou que somente as representações-objeto estariam presentes no inconsciente.

Valas (2001), discorrendo sobre a posição de Lacan quanto à Coisa e o ao gozo, esclarece que: por um lado o gozo está do lado da Coisa, e por outro, o desejo - que é equivalente a Lei, ao campo sexual, e a vivência edípica por excelência -, é o que barra o acesso do sujeito ao gozo. O desejo provém a partir da falta da mãe. A palavra vem atender as demandas não satisfeitas, a partir da proibição do incesto. Falando, tendo acesso aos significantes, o sujeito limita o gozo. O significante, que dá suporte a Lei, é o responsável por essa interdição ao gozo.

Gozo e corpo possuem uma intrínseca relação. Valas (2001) assinala que o “gozo é sempre sentido pelo corpo, mas se permanecer inefável e indizível, pode, entretanto, ser delineado pelo aparelho linguajero, a partir da fala e do escrito no discurso” (Valas, 2001, p.29). Lacan, citado por Valas, acrescenta que se os animais falassem, poderíamos saber mais a respeito do gozo, relacionando-o intimamente as sensações.

O gozo do corpo pode se manifestar como prazer dos sentidos, desde as suas formas mais sutis até a repulsa da saciedade. Em suma, o gozo, pode ir das cócegas, passando pelo prazer refinado da dor, pela felicidade, pelo êxtase, até o horror que acompanha a grande chama mortal para o corpo (VALAS, 2001, p. 44).

Podemos pensar que o gozo se contrapõe à circulação. Há algo nas sensações que são mudas, e não há palavra que transmita o que acontece ao sujeito. No entanto, há várias formas de gozo. “Aliás, só a um corpo cabe gozar de todas as maneiras possíveis” (VALAS, 1998, p. 43). Quando Lacan fala que o sujeito é atravessado pelo significante, há um distanciamento do corpo e do gozo, ou seja, a palavra permite que o corpo entre no discurso. O estatuto do corpo muda, a partir do momento em que ele é falado. Transforma-se em corpo da fantasia, do pulsional. Valas acrescenta ainda que o único gozo possível ao sujeito é o gozo de borda. O que ele quer dizer com isso? No momento

em que o sujeito entra no mundo simbólico, no mundo da linguagem, o significante “corta” o absoluto do gozo, reservando para estes espaços onde a própria satisfação pulsional se presentifica. São restos de gozo corporal que deixa uma insatisfação fundamental no sujeito e que levará o sujeito a insistir para encontrar o gozo do Outro, “idealizado porque perdido desde sempre e para sempre” (VALAS, 1998.p. 44).

As novas concepções psicanalíticas em relação ao corpo surgiram exatamente na passagem do que está na problematização do campo sexual e o que está fora dele. O esboço do desvio do que não está no campo sexual foi apresentado primeiramente por Freud quando estudava as psiconeuroses de defesa e as neuroses atuais. Nesse momento ele elaborou dois caminhos para abordar o caminho da neurose: A conversão e a somatização.

Quando as excitações tendiam a uma satisfação e não havia a realização desta, pelo esquema freudiano, o sujeito era impelido a encontrar na forma da conversão o caminho para uma elaboração. Havia lá todo o bojo do conflito sexual que não encontrava um canal direto de expressão, e o recalque era a operação por excelência. Ao contrário, as neuroses atuais eram o resultado de uma operação onde o conflito sexual inexistia, e onde os sintomas eram puramente corpóreos, não representavam nada, assim como a elaboração psíquica não se presentificava, pois segundo Freud não haveria neste caso a participação de mecanismos psíquicos.

Resta-nos não esquecer que “a função sexual não é nem puramente psíquica nem puramente somática” (FERNANDES, 2004, p. 37). Ela exerce a influência psíquica sobre a vida mental e a vida corporal. A amplitude do conceito de sexualidade repousa na apreensão de que tudo está no campo sexual, mesmo apresentando respostas que ultrapassem o limite do sexual, regido pelo conflito freudiano. Conforme Maria Helena Fernandes, na conversão temos o modelo do que se poderia chamar *o corpo da representação* e na somatização *o corpo do transbordamento*.

Até então, estamos no modelo de um sintoma repousado no corpo, ou em um corpo que se apresenta como um sintoma. Que outros modelos podemos formular para a compreensão dos tatuados? Será que podemos transpor os modelos do corpo da representação e do corpo do transbordamento para o que presenciamos atualmente em relação às inscrições na pele?

Como expressão do desejo, o sintoma viabiliza uma descarga e indica um sentido. Podemos falar de sintoma enquanto produção cultural? Sendo ou não sintoma, talvez essa seja a questão minoritária. O que parece estar no cerne do assunto é o eu. Antes da problematização dos modelos que incidem sobre o adoecimento, é em relação a constituição do corpo que tentaremos enfocar.

Ao compreender que “o que se compartilha, o que se produz em comum não está exclusivamente do lado do reconhecimento, mas do que é velado, não entendido, não representado” (COSTA, 2001, p. 25) a autora propõe pensar no sistema de memória como conservação, preservação e também destruição. A transmissão de uma experiência, nessa perspectiva, passa pelas inscrições marcadas no corpo.

Essa não é uma posição exclusiva da autora, vários psicanalistas têm trabalhado na perspectiva de acrescentar ao enquadre, ou à própria concepção de linguagem, outros elementos que antes eram designados como secundários. Sensações, gestos, imagens passam a chamar a atenção da psicanálise, nos fazendo pensar na ampliação do foco inconsciente. Podemos falar de uma mudança de estatuto do que significa atuação? Pela homofonia, podemos brincar um pouco e perguntar em que medida as representações tatuadas são necessariamente (t)atuadas?

Se outros discursos, além do dizível, estão sendo valorizados no *setting* analítico, não estaria a psicanálise também submetida, como outra ciência qualquer, aos imperativos da imagem? Ivanise Fontes, Edilene Queiroz, Maria Helena Fernandes, cada qual com sua especificidade, destacam-se pela contribuição à psicanálise de um novo enfoque transferencial a partir da reformulação necessária para o atendimento mais próximo de sujeitos cujas realidades psíquicas envolvem o corpo, no aspecto tátil ou imagético. “Escutar-olhando”, trazido por Queiroz (2000;2004), “Escutar-ver”, explorado por Fernandes (2004), ou a memória corporal e transferência, inaugurado por Fontes (2002) são idéias de formulação teórica e clínica que expressam um horizonte a ser explorado no campo da representação psíquica.

O corpo foi sendo tematizado na psicanálise em um percurso demarcador do próprio campo psicanalítico. Freud reforçava o campo epistemológico da psicanálise, na sua preocupação em não deixar os termos e os pontos de vista biológicos dominarem a pesquisa psicanalítica.

Para que possamos nos ocupar do nosso próprio corpo, é preciso que sejamos capazes de nos imaginar doentes. O que está em jogo aqui é a dimensão de finitude do

sujeito, que evidentemente está em relação com a castração, com a possibilidade de aceitar a realidade das limitações do corpo.

Tentemos problematizar como a realização da tatuagem se ancora no que Freud lançou nos seus escritos a partir daquilo que se abre desde o começo: **a existência de um corpo.**

Diz Freud (1923) no texto *Ego e Id*: “O Ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio, a projeção de uma superfície”. No mesmo livro, em nota de rodapé, acrescenta: “isto é, o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho mental.” (FREUD, 1923, p.40).

Considerando que o ego também se origina das sensações corporais, principalmente das que se originam **da superfície do corpo**, usufruímos de um campo importante de análise que se encontra naquilo que penso ser, o que, empiricamente, os tatuados expressam: um eu fincado na pele. Através da pele – superfície do corpo – um ego é derivado. Reforçamos, então, como este estudo pode nos auxiliar na compreensão dos sujeitos que apelam para uma marca nas suas superfícies. Em uma análise superficial, estariam eles apenas reafirmando a existência de seus egos ? E por que precisariam disto ?

Mas, se estamos associando o termo superfície para aproximá-lo da pele, palco da tatuagem, faz-se necessário compreender a formulação freudiana quanto ao que é essa superfície. Certamente essa superfície é a do corpo, e isto acaba levando para a distância entre o corpo psicanalítico e o biológico.

A partir da indagação: “de que vias Freud teria aberto para permitir explorar as relações entre o corpo e o inconsciente?” Maria Helena Fernandes (2003) formula algumas questões importantes sobre o corpo. Observa ela que em o *Ego e o Id* Freud tenta contextualizar o lugar do id, e acaba dando muita atenção ao ego. “Seria ao id, como pólo pulsional do aparelho psíquico, que o corpo deveria ser associado, mas ao contrário, é o ego que se liga a corporalidade” (FERNANDES, 2003, p.80). O ego é identificado ao sistema percepção – consciência, já desenvolvido antes no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*. Esta observação permitirá a Freud situar melhor o papel do aparelho psíquico diante de estímulos externos e internos. Diz Freud que é o corpo e,

sobretudo, sua superfície, um lugar de onde podem partir ao mesmo tempo percepções internas e externas. Os registros de dentro/fora e interior/exterior são assim aspectos que delimitam o próprio corpo, lhe deixando em um limiar de borda, de fronteira. Mais ainda, é a percepção da dor que mais fortemente oferece uma representação do corpo.

Importa salientar a linha de condução teórica, nos últimos tempos, sobre a exterioridade no campo psicanalítico, e em última instância, a reverberação do que está fora do campo sexual. Ao mesmo tempo em que se presentifica a existência de uma não contemplação do campo sexual, a literatura psicanalítica nos tem apontado para o caráter exterior.

Podemos pensar que em um momento fundante da clínica psicanalítica tínhamos um sujeito atormentado pelos conflitos que se revelavam na capacidade de descrição de termos sentimentais e afetivos. Assim, o sujeito buscava uma ação interpretativa sobre a realidade e uma busca incessante por um sentido singular para a própria existência. Agora, a crescente presença de uma subjetividade exterior, avessa à experiência do conflito interno, toma conta do indivíduo com a ajuda da cultura, da ciência que privilegia a neuroquímica do cérebro em detrimento de crenças, desejos e afetos.

Se a cultura impõe novas formas de subjetividades, estas engendram a manutenção da mesma cultura que as cria. As modalidades simbólicas já não são as mesmas em diferentes sociedades. Por exemplo, as pinturas corporais responderiam a uma função coletiva nas sociedades primitivas, e a uma função de individualização nas sociedades ocidentais. Os impasses entre individual e coletivo, entre singular e universal também são enfrentados pela Psicanálise quando tenta trabalhar a relação de cultura na formação do psiquismo. A prática de marcar a pele denota, de uma certa forma, uma mistura do individual e do coletivo como se a pele fosse lugar de manifestação coletiva daquilo que é justamente pessoal.

Como forma de responder à intercessão do particular e do público, dilema tão visível nos corpos tatuados, iremos agora para a construção mítica do início da coletividade.

3.2 DO MITO À FRATERNIDADE, DO INDIVIDUAL AO COLETIVO

A passagem da natureza para a cultura foi problematizada no âmbito da Psicanálise a partir de um mito. É ao mito do pai da horda primitiva que devemos também compreender o estatuto do pai na Psicanálise. Importa, neste momento, relacionarmos a visão da cultura para a psicanálise, visto que, o tema desta pesquisa persegue a linha tênue entre a cultura e o psiquismo. Dentre os textos freudianos, *Totem e Tabu* é considerado o livro fundamental para perceber como a cultura interfere nos processos mentais e vice-versa.

É exatamente sobre este assunto, cultura x psiquismo, que se trava o debate entre a Psicanálise e a Antropologia. A Psicanálise é acusada, por muitos estudiosos da Antropologia, de realizar um etnocentrismo, com as premissas da universalidade do complexo de Édipo, ao mesmo tempo em que vários autores da Psicanálise levantavam justificativas de que as críticas direcionadas a ela eram infundadas, pois, não se conhecia o texto freudiano, confundindo os termos básicos como inconsciente, recalçamento e fantasia.

De aproximações e distâncias vivem os conhecimentos. Antropologia e Psicanálise, cada qual a sua maneira, operam em uma espécie de descentramento, percorrendo lugares impensados e “abalando os pilares da centralidade e racionalidade ocidental moderna” (RINALDI, 1996, p. 20). Através da noção do inconsciente, a psicanálise atinge as certezas do sujeito, como a etnologia, assinala Rinaldi:

....com o desvendamento de outras racionalidades, coloca em cheque os valores e princípios ordenadores da cultura ocidental. O combate ao etnocentrismo e a crítica à psicologia da consciência situam, portanto, Antropologia e Psicanálise em posições análogas no espaço geral do saber moderno (RINALDI, 1996, p. 20)

Lacan contribuirá para o debate entre a Antropologia/Psicanálise a partir da afirmação da existência de uma universalidade da função simbólica. Ou seja, não se trata em uma análise menor sobre os conteúdos que as culturas podem apresentar, mas daquilo que todas possuem – função simbólica. Diz ele: “o complexo de Édipo é, ao mesmo tempo, universal e contingente, porque é única e puramente

simbólico”(LACAN, 1954, p. 49). Lacan distingue o universal do genérico, afirmando que “não há nada que faça a unidade mundial dos seres humanos”(LACAN, 1954, p. 49).

Sustentado na premissa de Lacan sobre a universalidade da função simbólica, Rassial (2004) ressaltava alguns elementos importantes que a Psicanálise criou para falar da formação da cultura: Mãe Arcaica, Pai da Horda, Morte do Pai pelos Irmãos, Sociedade Fraternal e Tempo de Mestre. Dentre esses elementos, iremos nos centrar principalmente sobre o Pai da Horda e a sua morte, para depois formularmos mais sobre a Sociedade Fraternal, visto que este elemento aparece como recurso existencial para os jovens que participaram desta pesquisa. No que tange às tatuagens em jovens em situação de risco social, suas significações, como produto da cultura, vão ser incorporadas à sociedade por critérios que legitimem sua existência.

Para tal, implica, necessariamente, que se recorra ao clássico texto freudiano, *Totem e Tabu*. Freud formula dois eixos de pesquisa onde de alguma forma se inter cruzam: a relação aos totens e as relações aos tabus na organização das sociedades ditas primitivas. Enquanto em relação aos totens, Freud trata de perseguir o estabelecimento das bases e origens da exogamia, com referência ao tabu, ele segue a compreensão do sagrado, que traz consigo a ambigüidade do impuro, atravessado por uma relação ambivalente.

Neste artigo, Freud produz uma ficção sobre as origens e constituição dos vínculos sociais, onde, na forma de uma narrativa mítica, propõe que a humanidade nasce de um crime cometido em conjunto.

A narrativa mítica parte da idéia que em um tempo primitivo existiu um ser que realizava todos os seus desejos. Ou seja, o chefe do clã era o único possuidor da linguagem e das mulheres situando-se, assim, numa posição onipotente e tirânica em relação aos demais integrantes do clã. Este chefe era, portanto, ao mesmo tempo odiado e temido.

Em um determinado momento, motivados pela impotência, inveja e ódio contra este pai, os filhos integrados pela primeira vez em uma rede fraterna, armam-se contra ele no desejo de se libertarem da tirania, da fascinação e do temor frente ao onipotente.

Buscando possuir a potência imaginária do pai, ter todas as mulheres, e obter os privilégios, os filhos matam-no, devoram-no e passam a mitificá-lo.

Começa a haver, a partir do assassinato do pai, a instauração de uma sociedade fraternal, uma tentativa de repartição da potência sexual e da linguagem, onde o que será formado e fortalecido é o vínculo social, erótico. No entanto, a culpa sentida pelos filhos atrapalha o seu projeto, fazendo-se perceber que jamais irão assumir o tão desejado lugar do pai. Mitificam o pai, transformando-o num instituidor do grupo, donde o pai morto é alvo recorrente de uma idealização permanente.

A emergência da cultura, portanto, está condicionada ao universo de culpabilização e renúncia de algumas satisfações pulsionais dos filhos. Esta renúncia introduz a necessidade de um pacto que instituiu o tabu do incesto, para todas as sociedades humanas, e no qual a Psicanálise nomeia de função paterna.

A partir da morte do pai, instaura-se uma lei que é reguladora do *sócius*, organizadora da distribuição do gozo e instituidora das relações de parentesco. Mais do que isso, a morte do pai foi a condição por excelência para a existência da cultura. A função paterna custou a humanidade o preço de um crime, ao mesmo tempo em que propiciou a construção da coletividade, trazendo vantagens asseguradas pelo pacto civilizatório. É nesse sentido que, a violência não é um acidente histórico ... é uma condição para a formação do laço social.

No *Mal-estar na civilização*, Freud (1930) afirma que a neurose coletiva é o preço a pagar pela saída do campo da violência cega, da indiferenciação, do caos primordial. Ao mesmo tempo, Kehl (2000) nos lembra que a culpa pelo crime pode ser elaborada e reparada na forma de uma constituição de ideais que representem o pai morto. Ou seja, uma formação de ideal que leve em consideração a coletividade, em meio a um grupo, realizando o reconhecimento como parte do *socius*.

Para se constituir, uma sociedade deve impedir a realização não-mediada da satisfação da pulsão sexual. A expressão pulsional direta é incompatível com a criação do sócius; este só se constrói em relação a um desejo, e o desejo só se faz ouvir na medida que responde a uma lei de organização (KEHL, 2000, p.36).

A invenção freudiana, através do mito da origem da Lei e da civilização, possibilita compreender a instalação do simbólico a partir do assassinato do fora-da-lei. A interdição do incesto como princípio regulador das sociedades primitivas tem o realce necessário para a organização social, após o assassinato do pai.

Eis então o golpe de mestre de Freud: se é o ódio que transforma os seres submissos em irmãos, é seu assassinato que transforma o chefe da horda em *pai*. Logo não existe pai, se esse, que pode assim ser investido, não somente possui as mulheres, mas ainda, e sobretudo, é o *objeto de um desejo de morte*. O pai enquanto tal, não existe a não ser morto realmente ou simbolicamente; o que nos leva a uma noção fundamental: o pai não existe a não ser como ser mítico. Do momento em que ele é real e encarnado, se provoca temor e angústia, ele se transforma em chefe... (ENRIQUEZ, 1990, p. 31).

Se o pai só existe depois de morto, configurando-se como um pai simbólico, a civilização começa a existir. É em torno da metáfora paterna, através do operador da função paterna que a Psicanálise associa o simbólico à cultura e o pai com a Lei. No entanto, segundo Lacan, nem tudo que diz respeito à cultura está ligado ao simbólico. Essa questão é importante, pois problematiza alguns ritos culturais, tocando exatamente em algumas práticas corporais como no caso das tatuagens.

Foi o ato dos irmãos que instituiu a função paterna, e é a partir da cultura, da linguagem, que esta função continua operando. Kehl (2000) assinala que ao contrário do que circula no meio social, a equivalência entre fraternidade e igualdade não se sustenta. A partir da leitura que a psicanálise faz sobre a construção coletiva, não existiria igualdade após o assassinato. Apenas sob o jugo da submissão ao pai tirânico, é que haveria a igualdade. “A substituição da tirania pela lei, encarnada no *sócius*, permite o aparecimento das diferenças, a divisão das tarefas, a discriminação dos lugares segundo a ordem de nascimento, as diferenças de habilidades, etc” (KEHL, 2000, p. 32).

De forma breve, abordamos acima a leitura da Psicanálise sobre a formação da cultura, através dos “mitos das origens”, enfatizando o jogo simbólico e a sua universalidade em todas as sociedades, que se faz em forma de laço. Com isso, desejamos introduzir algumas indicações sobre como a tatuagem foi se incorporando no cenário simbólico ou sendo o canal deste.

É bem sabido que a história da tatuagem esteve intrinsecamente ligada aos rituais. Etimologicamente, a palavra rito, do latim *ritus*, significa ordem estabelecida. Alguns autores antropólogos, entre eles, Martine Segalen (2002), argumenta que o homem está buscando novas formas de expressar os seus sentimentos e emoções. Segundo esta autora, os ritos não estão morrendo na modernidade, mas se recriando a partir das *performances* que se distinguem das sociedades tradicionais por não se vincularem ao caráter religioso. Os sujeitos na contemporaneidade também utilizam a

tatuagem como ritual. Entre os adolescentes podemos observar isso, pois o fenômeno das marcações corporais tem tentado responder às demandas individuais e coletivas.

Em recente exposição em Paris, na Galerie D'Art Moderne intitulada *Sinais do corpo* chamou atenção os depoimentos dos tatuados e, dentre eles, um em particular, pelo seu caráter provocativo e por se inserir no jogo do individual e do coletivo. Revela o jovem tatuado: “eu adoro interpelar as pessoas [grifo nosso] perto de mim com minhas tatuagens”. Podemos inferir que ao desejo de ser olhado e de interpelar o outro se associa o de se inserir no coletivo.

A maioria dos depoimentos lá expostos, junto com as imagens corporais, revela um desejo de marcar uma diferença, de operar uma certa identificação associada a dor de existir, a uma memória do passado. Sendo assim, convém discutirmos um pouco sobre a tatuagem no processo de identificação.

3.3 TATUAGEM E IDENTIFICAÇÃO

Dos autores contemporâneos, que tivemos oportunidade de ter acesso, destacamos Ana Costa, como um dos teóricos que analisa com propriedade tal questão. Vejamos, então, algumas contribuições da autora para o tema.

O uso da tatuagem como o do *piercing* parece conotar uma prática moderna que provoca um certo mal estar na sociedade ocidental. Segundo Ana Costa (2003) essa reação decorre da concepção de corpo introduzida pelo cristianismo, ou seja, o corpo como dádiva divina que, por isso não pode ser maculado, transformado. A autora analisa tal fenômeno como uma produção recalçada: a incidência do uso de tatuagens e de *piercing* como o retorno do recalçado e a reação concomitante, decorrente da ação do ego ao reconhecer a presença desse tipo de material. Portanto, não se trata de um fenômeno novo e sim, “do levantamento da cortina de um recalque que derivou da proibição e proscrição de seu uso” (COSTA, 2003, p. 29). A autora justifica tal idéia tomando por base os estudos de Pierrat e Guillon, que abordam a história e significação da tatuagem nas diferentes culturas, dando-lhe um estatuto diferente daquele atribuído pelo senso comum de uma prática marginal, anti-cristã e portanto não digna.

Complementa Costa (2003):

os autores que percorrem seus traços desde a pré-história e revelam a insistência em seu uso, de impossível anulação, mesmo quando da tentativa de sua proibição (...) e considera essa insistência como sublinhando algo de necessário à determinação da maneira como nos representamos no mundo e nas relações.” (COSTA, 2003 p.13).

Desde as antigas sociedades a prática de tatuar e de perfurar o corpo estava relacionada à noção de ornamentação e à marcas identitárias. Estas últimas tinham como propósito distinguir classes que poderiam estar relacionadas à razões religiosas, política ou social. Ela observa então que:

A questão da interdição / representação por contágio (as propriedades das coisas são contagiosas - um dos pilares da organização totêmica) faz parte do imaginário humano desde tempos imemoriais.... Nas sociedades totêmicas é possível observar-se com maior clareza o processo de representação corporal – na medida em que não há tantas derivações que complexificam e mascaram seu suporte representacional..... Desde lá percebemos que a representação do corpo precisa de investimentos. No entanto todas as manifestações claudicam de investimentos, necessitando de suplências. Nas sociedades totêmicas, as suplências se davam pelos rituais grupais, nas nossas, pelas suplências de sintomas individuais (COSTA, 2003, p. 4).

Segundo Araújo (2005), quanto mais passageira e arriscada é a vida, maior o desejo de fazer as coisas durarem para sempre. Não há nada plausível nesta constatação, no entanto, a autora aponta porque marinheiros, soldados, trabalhadores braçais, prostitutas – tão expostos a morrer em guerras, tempestades, epidemias, acidentes, fizeram de seus corpos veículos de transmissão de um costume que atravessou terras e mares. De lá para cá, não são estes personagens os únicos a transformarem seus corpos em veículos de transmissão de costumes. Diga-se de passagem, que a tatuagem passou a ser ícone de modismos, referência e suporte identificatório a todas as pessoas de classes e papéis sociais diferentes.

Tatuar é inserir pigmentos, a partir dos métodos de furar a pele a fim de formar arabescos, imagens ou números. Estando no intercruzamento entre a cultura e o psiquismo, tomamos, neste trabalho, as marcas na pele como marcas da cultura através das marcas de significantes – diferentes em si mesmo, e singulares a cada sujeito.

Não é demasiado afirmar que é em torno da identificação – começando pela imagem corporal -, que os sujeitos na nossa contemporaneidade, mesmo parecendo não dar conta, têm “falado” e tornado presente todas as insuficiências e excessos no campo da identificação. As próprias transformações corporais também se apresentam como

diversificadas e obedecem à classificações e categorias, as quais apresentamos de forma sucinta.

Body modification dentre os nomes dados as transformações corporais, parece ser o que mais engloba a diversificação destas expressões. Consiste em ser uma expressão utilizada por Beatriz Pires (2003), que contempla os vários tipos de *body* (*art, performance, building etc*) onde ela destaca 02 grandes grupos: O primeiro é formado por indivíduos que buscam um padrão de beleza estipulado pela sociedade e época em que vivem. São pessoas que moldam seu corpo, reforçando as características próprias do humano. Compreendem o culto ao corpo, ou seja, as dietas, musculação, cirurgia plástica, etc. O segundo é composto por pessoas que se utilizam de elementos e formas que não possuem correlato com os pertencentes ao corpo humano. A esse grupo estão vinculadas as práticas de *piercing*, implante estético, *branding* (desenho ou sinal inscrito sobre a pele com ferro em brasa com laser), fabricação de cicatrizes em relevo, *stretching* (aumento dos buracos do *piercing*), escarificação e tatuagem.

Este último grupo, objeto de interesse por excelência de nosso trabalho, divide-se em outros dois, na concepção da autora: 1) “composto por seguidores da moda”, e é formado por jovens que consideram as alterações corporais como um requisito estético para pertencerem ao contexto urbano atual; 2) constituído por pessoas que compartilham e propagam idéias e ideais em relação às modificações corporais. Na maioria das vezes, esse grupo possui mais de uma intervenção corporal, as quais podem ou não estar em regiões de seu corpo exposto cotidianamente. Como última característica, as intervenções são feitas de forma crescente e contínua.

Neste sentido, é na amplitude e riqueza destas subjetividades dos tatuados, que optamos por abordar o intercruzamento entre o individual e coletivo, dupla via por onde incidem as condições do recalçamento.

Tomaremos então três posições, pertinentes uma a outra, tentando questionar autores que estudam sobre identificação e corpo. Pierra Aulagnier (1999), J.Nasio (1988) e Denis Vasse (1977). Estes autores apresentam outros desdobramentos sobre o ego e o corpo, a partir do que Freud formulou em o “*Ego e o Id*” (1923) e em outros textos metapsicológicos.

Pierra Aulagnier (1999), no texto “*Nascimento de um corpo, origem de uma história*”, aponta para uma questão interessante, balizando o processo de historização de um eu. Diz ela:

O eu só pode ocupar um corpo que possua uma história. A primeira versão dessa história é elaborada pela psique que acolhe este corpo. Nesta história estará contido um “eu antecipado” referente à imagem corporal do corpo da criança que a mãe antecipa, permitindo assim, que a criança seja inserida num sistema de parentesco (AULAGNIER, 1999, p. 7).

Pensamos na formulação de que este “**eu antecipado**” seja a primeira entrada do bebê na linguagem, que, na verdade, se inicia mesmo antes de seu nascimento. É preciso que a mãe nomeie e se coloque no lugar do bebê para que este encontre seu corpo, insira-se em um sistema de parentesco e integre psique e soma.

Em uma linha aproximativa de Aulagnier, Denis Vasse, em “*O Umbigo e a Voz*”, nos chama a atenção para a existência do umbigo – “primeira marca e cicatriz sobre a pele do bebê que de maneira indelével mostra o desejo do Outro” (VASSE, 1977, p. 81).

“Com a secção do cordão umbilical e o fechamento do umbigo, o fluxo sanguíneo que alimentava a economia fetal acha-se definitivamente interrompido: **o corpo está fechado**” (VASSE, 1977, p. 82). Assim, o autor inicia sua obra, percorrendo, de forma poética, sobre o que ele chama de *sutilizar* e que consiste em ser um efeito de linguagem, a partir da mediação do símbolo, incidindo sobre a massa corporal do bebê. A partir da palavra da mãe, a criança toma corpo. Através da linguagem o corpo da criança é percebido em uma rede de significantes. “Com efeito, a palavra é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial.” (VASSE, 1977, p. 82). Ela é corpo sutil, mas é corpo” (VASSE, 1977, p. 83). Vale lembrar que mesmo antes do nascimento, a mãe fala sobre o seu bebê, portanto, a sutílização do corpo da criança já está em ação.

Assim como Ana Costa, Denis Vasse aponta para a existência de um recalque em relação à primeira marca corporal, pois o umbigo é esquecido. Essa marca fundante, ao mesmo tempo que fecha o corpo do bebê, separa-o da mãe natureza.

Uma organização fantasmática saudável necessita do corpo fechado, caso contrário ele é “vivido” como se fosse “cheio, esvaziado e acionado por outros”. (VASSE, 1977, p. 83). É nesse sentido que o autor formula o conceito de *cicatriz inconsciente*, que fecha o corpo do sujeito e no qual inaugura o jogo dos significantes.

Uma primeira matriz para compreensão das motivações dos jovens em se tatuarem pode ser assim contextualizada – como representação de uma *cicatriz inconsciente*. Podemos aventar a hipótese a respeito dos sujeitos que se tatuam, no sentido deles poderem apresentar características flexíveis quanto ao fechamento do corpo. Mantendo uma via possível de serem invadidos pelo Outro, tatuar-se, apesar de ser um jogo significativo, também é produzir escaras na pele para introduzir algo de fora para dentro, através da tinta e da agulha, conotando o caráter real da linguagem. Nesse contexto, torna-se fundamental trabalhar a questão narcísica, para compreender o que se passa com os processos de identificações dos tatuados.

Para Freud (1914) o desenvolvimento do eu se inicia com o afastamento do narcisismo primário. Recuperar a perfeição narcísica é o que todos buscam e, no entanto, o sujeito se vê diante de exigências que apontam para referências externas. A força do ideal do eu promove o crescimento de uma convivência coletiva baseada em valores pautados para a construção.

Os investimentos objetais retornam para o eu configurando o narcisismo secundário, ou seja, no narcisismo secundário o eu está revestido de diversos traços dos objetos encontrados e com eles identificados. Desse modo, o eu se forma a partir da imagem do outro. Se o ideal do eu não regular e mediatizar esta relação imaginária com o outro, o sujeito viverá sufocado por relações imaginárias, tropeçando em si mesmo.

A teoria da identificação é retomada e teorizada por Lacan (1949) no estágio do espelho. Ele observa que a criança em decorrência da imaturidade, ao olhar sua imagem no espelho, fica cativa dela mesma, e conclui: “a imagem sou eu”, embora essa imagem esteja fora dela. No segundo tempo da identificação especular, ocorre uma associação da imagem com o desejo, ou seja, identificando-se com o outro o sujeito irá desejar o desejo deste. No momento da captura, nessa relação da criança com o outro não há subjetivação e somente alienação. Através da formação do ideal do eu se introduz o universo simbólico, representado pela sociedade, pela linguagem e pelas leis que irão mediar as instâncias imaginárias e organizar o narcisismo. Nasio (1988) acompanhando o pensamento lacaniano, observa que o simbólico preexiste ao sujeito, parecendo corresponder ao conceito de “eu antecipado” promovido por Aulagnier (1976).

O estabelecimento do objeto do desejo só pode ocorrer se passar pela identificação, por uma relação narcísica com o outro. Comenta Nasio:

O narcisismo representa a condição necessária para que os desejos dos outros se inscrevam. Uma definição possível do significante, entre outras coisas, seria esta: um elemento de uma cadeia de linguagem onde o desejo do outro se inscreve. E a imagem do outro fornece o quadro das inscrições significantes do desejo do outro. A imagem do corpo representa o primeiro ponto de engate dos significantes e, inicialmente, dos significantes da mãe (NASIO, 1988 p. 61).

No entanto, não é a imagem do outro que, por si só, seria responsável pela construção da imagem do corpo e pela do eu; se assim fosse, todos os cegos não teriam um eu, observa Lacan. Na dialética do estádio do espelho ele considera que por ser pulsional, a criança e quem a olha, ou seja, a mãe, não são objetos absolutos. “A imagem que o outro me envia não é completa, é furada”(NASIO, 1988, p. 64). Ele emprega a metáfora do furo para indicar que além de não ser preciso somente a visão do outro para construir a imagem do corpo, também há algo que foge ao campo da libido, do sexual. Em outras palavras, a imagem contém uma parte real, e é exatamente aí que se presentificam os objetos pulsionais. Segundo o autor “os objetos pulsionais nunca se apresentam despidos, é preciso que sejam revestidos de imagens” (NASIO, 1988, p.64).

Estes objetos pulsionais promovem uma borda, um contorno à própria pulsão. Sobre isso observa Ana Costa (2003) que as bordas corporais são, por princípio, bordas sociais, tendo em vista que são efeitos de nossa relação com a linguagem – lugar do Outro primordial – e, desde o início, produtora de laço social (COSTA, 2003, p.30).

Sublinhamos, então, a importância das imagens como uma das condições de existência de um corpo, de um eu. Ao se tatuar, colocando na pele uma imagem que não se apaga, estaria o sujeito mais aprisionado ao imaginário? Podemos ponderar que, em tais casos, a pele, como uma borda corporal, abriga um eu pouco internalizado que interage com o social, clamando um olhar que qualifique sua existência.

Um dos jovens entrevistados, quando indagado se sua vida mudou após a colocação da tatuagem, observa:

*Muda sim. Fica mais falado, mais visado.
(B.P. sexo masc. 17 anos)*

Outro jovem comenta:

*Ficar falado, onde mora, para se sentir o tal, o malandrão querer comandar.
(R.L.P. sexo masc. 18 anos)*

Em outro momento, respondendo se o tatuado cuida do seu corpo a partir da colocação da tatuagem, um jovem responde:

*Eu acho que a tatuagem deixa a pessoa manjado. Manjado, digo assim, sujo. Deixa a pessoa conhecida pela tatuagem.
(B.P. sexo masc. 17 anos)*

Essas referências trazidas pelos jovens apontam para a existência de um olhar que o qualifica socialmente. Ficar manjado ou sujo, de um certo modo correlato da sua condição de infrator, estabelece uma equivalência entre a tatuagem e a transgressão, mas também dá um certo status, como assim ressalta o 2º. Jovem. Independente de questões valorativas uma e outra afirmação os inserem numa existência grupal. Já vimos anteriormente a função do grupo na constituição coletiva, em relação ao mito do Pai da Horda. Pertencer a um grupo é antes de tudo assegurar o seu lugar social e psíquico. Exatamente o que estes jovens parecem buscar.

No texto “*Subversão do sujeito*”, Lacan (1960) constrói uma metáfora da pulsão comparando-a com um escravo mensageiro, do tempo antigo, que leva uma mensagem que foi tatuada no couro cabeludo enquanto ele dormia, sem que ele soubesse, e mais ainda que ele desconhece o texto. Com essa metáfora Lacan (1960) falara do traço unário, primeiro traço simbólico, portanto, uma ligação entre a pulsão e a tatuagem. Nosso corpo é marcado de traços invisíveis, que expressam materialidades e que demandam uma leitura. Essa leitura vem a partir de um olhar, movido pelo enigma e o pedido de decifração de busca de destino.

O traço unário – *ein einiger zug* – é posto, por Lacan, no Seminário da Transferência, como não sendo um traço significativo, pois se assim o fosse, implicaria na existência de uma bateria de significantes. Lacan considera que o traço unário é provavelmente um signo. Mieli (2002) acrescenta que após Lacan ter apontado para o caráter de signo a respeito do traço unário, no Seminário *A Identificação*, livro 9, ele irá desenvolver uma diferença entre os termos unário e único, o que justifica a existência do UM como significativo da diferença na identificação. Embora estejamos passeando por conceitos que devem ser melhor aprofundados, deixamos aqui com este registro, que é pela contagem que a diferença começa a existir e a singularidade inicia-se. A diferença entre o traço unário e o traço único toca na questão do que é início, ou seja, começo, primário e o que é secundário na psicanálise. Costa (2003) nos atenta para a

questão: “Um primeiro tempo que se traça o real, instituindo essa proximidade e equivalência entre símbolo e coisa. Um segundo tempo que se instituiu esse traço em relação a outros” (COSTA, 2003, p. 53). Nesse sentido, a divisão do tempo em psicanálise é arbitrária, assim como todo princípio representacional no campo da psicanálise segue certa indeterminação entre o que é primário e secundário. A tensão existente na diferença entre primário e secundário acompanha a obra freudiana, haja vista, o exercício constante utilizado por Freud para compreender entre o que antecede e o que sucede um fato psíquico. Temas como recalque, narcisismo, masoquismo, tempo *posteriori*, entre outros exemplificam tal situação.

O que importa pensarmos no sentido da representação psíquica está no fato de que para um sujeito produzir um traço, é preciso que ele tenha sido representado como traço. Para representar algo, é necessário que ele tenha sido representado. Para desejar, é preciso que tenha sido desejado.

Outro aspecto que contribui diante dos mecanismos presentes na identificação está no estudo sobre a imagem corporal, onde se nasce a perspectiva de uma dimensão imaginária apoiada pelo simbólico. Tomaremos para tanto as contribuições de Dolto (1984). Foi graças à observação e à escuta das crianças, por um lado em suas relações reais, familiares, e por outro, na relação transferencial, que Françoise Dolto (1984) pôde compreender o papel maior da imagem do corpo do paciente, e da sua projeção sobre o outro. Ela nos lembra o quanto estamos toda hora representando, projetivamente, nossa imagem corporal. Ora, se somos seres de linguagem e possuímos um corpo, estamos em posição de heterogeneidade, ou seja, no começo da existência, ter um corpo e ser atravessado pela linguagem se apresentam em registros diferentes.

Enquanto o esquema corporal é o mesmo para todos, a imagem inconsciente é peculiar a cada um. O esquema corporal é o suporte e especifica o indivíduo enquanto representante da espécie, quaisquer que sejam o lugar, a cultura, o período em que se vive. Comenta Dolto (1984) que o esquema corporal pode ser inconsciente, pré-consciente e consciente. Já a imagem do corpo é imanentemente inconsciente.

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja

capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal. (DOLTO, 1984, p. 15).

A imagem do corpo está sempre potencialmente ligada a uma comunicação através de um fantasma. Não existe solidão humana que não seja acompanhada por uma memória de um passado com outro. “A imagem do corpo é aquilo onde se inscreve as experiências relacionais da necessidade do desejo, valorizantes e /ou desvalorizantes, ou seja, narcisantes ou desnarcizantes” (DOLTO, 1984, p. 27). Nossos corpos transmitem algo mesmo se nós não soubermos o quê. A entrada na circulação simbólica permite essa transmissão. Na amplitude fantasmática constituinte da relação linguageira com o outro, a relação com a imagem do corpo possibilita a troca com o outro, garantindo assim a alteridade. A imagem do corpo para se instalar de uma forma não despedaçada necessita de um narcisismo que assegure uma continuidade do ser.

A imagem do corpo carrega uma evolução presente na vida do indivíduo. As suas variações são de acordo com a diversidade de motivos pelos quais o desejo não se realiza: seja pelo fato do objeto faltar, ou pelo desejo não ser intenso, ou pelo objeto ser proibido. Tudo depende da relação do sujeito frente ao Outro.

É a partir da palavra da mãe que essa imagem é mudada. Cabe à mãe compartilhar palavras com o seu bebê, seja na dimensão da interdição dos limites, seja na conferência de um suporte. Em todos os casos haverá perda para o bebê e para a mãe, já que em busca de uma autonomia desliga-se da mãe, do seu corpo.

“Me tatuei pela primeira vez com um marinheiro. O marinheiro fica 60, 70 dias no mar sem referência, não tem documento para se identificar, então ele se tatua. A tatuagem é uma marca, uma identidade”(RAMOS, 2001, p. 54). O mar (la mer) na língua francesa tem a mesma homofonia da palavra mãe (la mère). Rassial, em seminário ministrado no Programa de Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, realizado em agosto de 2004, discutindo sobre a cultura e a feminilidade colocou que a boa mãe é o mar, e a mãe má é a baleia Moby Dick. Os marinheiros parecem fazer bem a diferença entre a mãe e as mulheres. Estas ficam esperando por eles, enquanto eles se entregam a mãe/mar. Entregar-se à mãe é perder a referência de sujeito, é distanciar-se do continente simbólico. Marcar-se na borda do corpo que separa o eu do outro pode ser uma tentativa de introduzir entre o mar/mãe e o eu produtos da cultura – a linguagem do desenho, a escrita, como assim faziam nossos antepassados que habitavam as cavernas e nela cravaram seu testemunho cultural.

Vejamos, então, esse espaço intersticial entre o eu e o outro.

3.4 A PELE COMO BORDA: EXTERIOR E INTERIOR

“Quem deixa um traço deixa uma ferida”.
Henri Michaux

A marcação do corpo supõe um sinal de identidade e de pertença. “A pele é um livro aberto aos olhos alheios” (JEUDY, 2002, p. 91). O que os corpos tatuados inauguram é a escritura voluntária, frutos da linguagem e ao mesmo tempo lançadores de um olhar e um destino.

A pele desempenha um papel fundamental na vida do ser humano. Não é raro associar tantas metáforas a ela, através de poesia e da literatura de uma forma geral. Para Ademar Assunção, em sua obra intitulada “*Zona Branca*”, a pele é o melhor agasalho do homem, lugar por excelência de suas experiências, das mais nobres as mais grotescas, e onde ficam inscritos os registros de uma história que o tempo ajuda a construir. Lugar do paradoxo, a pele é uma roupagem constante que nos ajuda a criar a nossa própria singularidade, tanto pelos adornos que colocamos, como pelas marcas visíveis e invisíveis, e aquelas que o tempo deixa inscritas.

Didier Anzier (1989) inaugura a noção do eu-pele como um construto teórico importante para a Psicanálise, não somente para compreender as afecções psicossomáticas e as chamadas personalidades borderlines, como também para assegurar um caminho de investigação, ainda pouco explorado.

A pele se constitui muito mais do que um órgão de sentido. Ela preenche papéis anexos de muitas outras funções tanto biológicas, como psíquicas. “Sua complexidade anatômica, fisiológica e cultural antecipa no plano do organismo a complexidade do Eu no plano psíquico” (ANZIER, 1989, p. 29).

São apresentadas várias razões para nos determos nas condições que a pele fornece no plano psíquico. Uma delas, apontado por Anzier, refere que a pele “aparece no embrião antes dos outros sistemas sensoriais” (ANZIER, 1989, p.29).

E acrescenta:

[...]quanto mais precoce é uma função, maior probabilidade de ser fundamental... a pele fornece numerosos exemplos de um funcionamento paradoxal, de tal maneira que se pode perguntar se a paradoxalidade psíquica não encontra na pele uma parte de sua sustentação (ANZIER, 1989, p. 29)

A noção do eu-pele pressupõe um universo fantasmático de uma pele comum entre a criança e sua mãe e de uma precocidade psíquica talvez inimaginável para alguns. Diz Anzier: “A incorporação do objeto pela pele é talvez anterior à sua absorção pela boca. O desejo de ser incorporado desta maneira é tão freqüente quanto o desejo de se incorporar pela pele”(ANZIER, 1989, p. 35).

O eu-pele designa uma representação de que serve o eu da criança, em fases precoces de sua vida, para se representar a si mesma como um eu que possui conteúdos psíquicos a partir de sua experiência da superfície do corpo.

Toda ação psíquica se estabelece sobre uma atividade biológica. O eu-pele encontra seu apoio sobre as diversas funções da pele. Tal como formulou Didier, há três funções da pele:

A pele é a bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno armazenados com o aleitamento, os cuidados, o banho de palavras; 2- A pele é a interface que marca o limite com o fora e o mantém no exterior, é a barreira que protege da penetração pela cobiça e pelas agressões vindas dos outros...;3- Ao mesmo tempo que a boca e, pelo menos, tanto quanto ela, é um lugar e um meio primário de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes; é, além disso, uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações (ANZIER, 1989, p. 62).

Henri-Piere Jeudy (2002), em seu livro “*O corpo como objeto de arte*” diz que “é mais fácil representar as formas de um corpo do que a própria pele. Enquanto superfície, a pele parece ser um meio possível da representação sem ser por essa razão representável” (JEUDY, 2002, p. 83).

Diz o autor: “Diderot, em *Ensaio sobre a pintura*, escreve o quanto é grande para o pintor a dificuldade de traduzir as palpitações da carne por meio dos coloridos da pele. Dar tinta à pele a riqueza das nuances parece ser sempre impossível”(JEUDY, 2002, p. 83).

Além do mais, há uma característica importante para este autor que atribui à pele um local de não existência de metáfora. “A pele não esconde nada..., ela é aparência de

superfície de revelo próprio.....,a própria pele é um `existir' que se dá a ver e a tocar” (JEUDY, 2002, p. 84).

Contrariamente a uma superfície intermediária entre o dentro e o fora, a pele tem se tornado um texto de auto-inscrição, como um texto, de forma particular, pois seria o “único a produzir odores, sons e a incitar a tocar”(JEUDY, 2002, p. 84). O sentido dado a esta particularidade leva o autor a formular que uma pele só faz linguagem se articulada com uma tatuagem. Discordamos dessa afirmação, por não sustentar que uma pele sem tatuagem não estaria na ordem significativa, e de linguagem.

Em relação ao sujeito e à tatuagem deixaremos para o capítulo 3 mais indicações sobre esta associação. No tocante ao tema da pele, acompanhamos o autor que diz que a pele retira do corpo seu *status* de objeto, no momento em que ela não é mais percebida como o invólucro das formas. “Tal qual uma superfície com seus próprios relevos, a tatuagem transforma o corpo—objeto em corpo—texto”. (JEUDY, 2002, p. 84).

A liberdade adquirida pelo corpo implica necessariamente em novas responsabilidades assumidas. A tatuagem aliada ao caráter de irreversibilidade revela um modo de exibição que se impõe ao olhar e parece dizer sempre demasiado em relação ao que imaginamos ser. Nesse sentido, a pele, tal qual um texto que se escreve sozinho, nos trai.

Analogicamente à perspectiva da irreversibilidade do tempo na pele, a tatuagem fortalece esse poder de ornamentar e representar. A maquiagem foi sempre o meio de compor a fatalidade de inscrição indelével do tempo, sendo uma manifestação provisória. Em outros termos, pintar a superfície do corpo é escolher um modo singular de exibição. Cada um encontra o meio de exprimir de si mesmo o que seduzirá o Outro.

É no palco da pele que a dialética esconder-se e exhibir-se ao Outro se presentifica. Da mesma forma a dialética entre a produção intimista e pública revela a inscrição da tatuagem. A pele como borda entre o que é interno ao sujeito e externo, o que se torna público e o que é privado.

Ana Costa (2003) assinala que “as bordas são o que constituem nossa relação com o ambiente, com o outro, com a realidade. É o que nos faz ver. Apesar de já ter nascido com essas bordas, sua atividade não se dá de forma natural.” (COSTA, 2003, p. 17). Elas precisam ser construídas, recortadas, respondendo a nossa condição de desnaturação. É preciso um banho de linguagem. A erotização nasce daí. É o que faz,



Luke Atkinson

por exemplo, sabermos da mobilidade e da fluidez das noções do interno e do externo, em relação ao nosso corpo. É o que nos direciona na diferenciação do órgão enquanto função biológica, e na função simbólica, erótica. “Assim, as bordas corporais são, por princípio, “bordas sociais”, tendo em vista que são efeitos de nossa relação à linguagem – lugar do Outro – que é, desde o início, produtora de laço social” (COSTA, 2003, p.23). É em uma tentativa de constituição de uma borda que o corpo funciona enquanto pulsão, ou seja, fazer borda é construir um suporte, uma circulação social onde exista um reconhecimento de endereçamento ao outro. É a própria construção da alteridade. A pele como canal de comunicação. Mais do que isso, ela é uma fonte de alteridade. Essa é uma das significações de se tatuar: produzir suportes identificatórios através da pele, contorno em forma de borda entre o que é privado e público, individual e coletivo.

4 DISCURSOS NO CORPO E O CORPO COMO DISCURSO

Considerando a hipótese de que a intenção primeira de um tatuado está associada a um certo descontentamento com o corpo, seu desejo é mudar a imagem corporal.

Tatuar-se é encarnar um traço não natural, que de algum modo, remete ao primeiro traço simbólico, traço unário. E porque este precisa ser reatualizado ou inscrito? São questões ainda inacabadas, e que precisarão de mais caminhos a percorrer. Costa (2003) nos lembra que por ser unário, este traço não significa que esteja implicado no UM desde o início, ou seja, há uma necessidade de reinscrição permanente do traço, como se cada vez fosse a primeira para o indivíduo.

Em qualquer meio ou cultura, a ausência de sua confirmação pode equivaler uma ausência de inscrição para um indivíduo. Este parece ser um dos fundamentos da necessidade tão generalizada do artifício das marcas corporais. A marca põe em ato a inscrição do traço unário (COSTA, 2003, p. 54).

Acompanhando a relevância do traço para o psiquismo humano, Ana Costa vai atribuir a este tema um importante canal para demarcar a existência do tempo de construção que liga o símbolo à coisa. Há um primeiro tempo onde o real se presentifica, a partir da Coisa, e no segundo momento, onde este traço é instituído em relação a outros. A divisão é arbitrária, na medida em que é o segundo que confere a existência do primeiro. “Para que um humano produza um traço, precisa estar em relação a que ele mesmo tenha se produzido como traço” (COSTA, 2003, p. 53).

Parece haver também uma indeterminação entre o que é primário e secundário para a Psicanálise em se tratando do tempo de inscrição de um traço psíquico. Cabe-nos problematizar quem é o sujeito da ação de tatuar? O corpo nesse caso também é o sujeito da representação/ação, ou seja, na frase “eu me tatuei” se apaga a existência de um outro, ao mesmo tempo que revela a ambigüidade do eu / outro: já um desejo do sujeito de marcar seu corpo e há a ação do outro que cumpre não só o desejo do demandante como, através desse ato, inscrever sua arte.

Juntando-se à indeterminação do sujeito, há uma demanda maciça em torno da facilidade em mudar o corpo na nossa contemporaneidade. Ou seja, somos bombardeados de possibilidades de transformação corporal em uma sociedade que projeta até em filmes dirigidos à crianças esse imperativo: *“Por que ser você mesmo se pode ser novo?”*

A indeterminação do sujeito da frase “eu me tatuei” é atravessada pelos significantes quando observamos os que operam cravados na pele. De Jesus Cristo a Roberto Carlos, de um signo tribal à caveira, armas, estrelas, animais, enfim... as imagens circulam e entre elas um sujeito aparece: o sujeito do desenho ou marca que o representa.

O que parece estar no bojo da procura pela tatuagem – a busca por um símbolo que traduza algo muito singular para o sujeito - na língua portuguesa isso vem revestido de uma indeterminação. Há na nossa língua portuguesa uma incongruência quanto ao sujeito e verbo da ação de tatuar. Costuma-se dizer “eu me tatuei”, apesar de haver sido um outro que realizou tal ação. Aliás, não é exclusividade apenas desse verbo, mas também pode fazer diferença em nossa análise nos atentarmos para tal fato. Na França já há um enunciado composto que leva a consideração de se fazer fazer, ou seja, “se faire faire” - se deixar ser levado por um outro. O sujeito da oração torna-se, neste caso, menos passivo. Porém, o enunciado – “eu me tatuei” – indica uma passagem da indeterminação (“se faire faire” do francês) para uma enunciação singular com indicação do sujeito ativo e passivo da ação. Analisando os depoimentos dos jovens entrevistados, observamos que os discursos são mais ou menos homogêneos, parecidos entre si, e que ao contemplar as histórias de vida de cada jovem, vê-se que cada tatuagem traduz também algo de singular do sujeito. Senão vejamos⁶:

*E -Uma pessoa fica mais procurado quando tem tatuagem.
E naquele momento é ruim, quando ele é procurado por isso.
(R.L.P. sexo masc. 18 anos.)*

P –Por que você escolheu essas tatuagens?

E - O símbolo lembra um amigo que morreu (ele estava se referindo ao símbolo chinês)

P – Por que lembra seu amigo? Qual a história disso?

⁶A sistematização dos diálogos das entrevistas segue a seguinte descrição: E para a entrevistado e P para pesquisador.

E - Porque eu fiz esse símbolo com ele na praia, sendo de Henna. Ele fez uma e eu fiz outra. Depois de dois dias desse dia da praia, mataram ele.

A referência de que a marca da tatuagem deixa os jovens mais expostos, “visado”, “manjado” apareceu em todos os depoimentos dos jovens entrevistados, entretanto, cada um a associava a um acontecimento e/ou sentimento particular. No caso do entrevistado acima indicado o símbolo chinês lembrava o amigo falecido.

Todo princípio representacional em Psicanálise segue esse caminho: o estabelecimento de uma continuidade/descontinuidade entre o sujeito e as coisas. Deixamos, no entanto, um caminho para a construção do que faz desse discurso no corpo e o corpo como discurso a metáfora de duas faces da mesma moeda.

Nesse sentido, corroborado pelo argumento de Costa (2003) – do corpo como borda social –, convém refletirmos um pouco sobre o corpo e a escuta como laço social, para melhor nos aparelharmos para análise das significações das tatuagens dos jovens em situação de risco. Afinal, são escritas corporais realizadas por jovens que, na sua grande maioria, apresentam uma alfabetização precária, mas produzem marcas discursivas que servem de suporte identificatório para uma inscrição social.

4.1 CORPO E ESCRITA: LAÇO SOCIAL

“Inscriver para lembrar, escrever para esquecer”

A necessidade do homem se comunicar e de se contar possibilitou a circulação e a troca de conhecimento. Se a história do conhecimento precede ou não ao nascimento da escrita não nos importa neste momento. É em função da amplidão do conceito da escrita como “qualquer traço em que podemos observar um efeito de linguagem”(CÔRREA, 1996, p.1), que iremos nos deter.

A escrita possibilita uma transmissão. O registro deixa a linguagem materializar-se. Em exposição sobre a história da escrita, no Instituto do Mundo Árabe, um museu parisiense, Corrêa (1996) descreve como arqueólogos tentavam remontar a história da

escrita: bolas grandes com bolinhas dentro, depois bolinhas com rabisco, bolas partidas, maiores e outras menores, foi assim que as primeiras trocas começaram a ser registradas. Pode-se supor que este foi o primeiro livro de contabilidade, quando os homens colocavam os valores dos objetos, dando suporte às primeiras trocas comerciais. Os primeiros sinais são considerados aí como as primeiras escrituras com esse efeito de linguagem.

A escritura se constitui de diversos traços; traços que são efeitos de linguagem. Ela possibilita a circulação do conhecimento ao mesmo tempo que pereniza uma percepção, um sentimento, um saber. Há uma estreita aproximação com a escrita e a tatuagem em todas as sociedades. Cultiva-se a idéia da escrita como o resultado da ultrapassagem da morte. Assim define Baitello:

A escrita consegue aquilo que o homem em sua existência física jamais logrou: sagrar-se vencedor perante a morte. E aquilo que na natureza não é possível, é passível de criação artificial pelo mecanismo semiótico da cultura. Assim, como este lastro simbólico de perenidade, a escrita – desde suas mais rudimentares até suas mais modernas versões -, tradução perene dos ícones visuais e sonoros efêmeros, vai servir de fundamento para o desenvolvimento coerente da cultura humana, vai se tornar ela própria seu código genético, substituindo a oralidade dos mitos e assumindo, por conseguinte, seu caráter sagrado (Ramos, 2001, p. 55)

A tatuagem como escrita, se refere, nesse sentido, a uma ultrapassagem da finitude e da morte. Algo fica perene, irreversível. Esta questão nos remonta também ao conceito de castração formulado pela psicanálise, direcionando-o para o significado de um limite e de uma falta, ou seja, a tatuagem aponta para o que falta no sujeito, em termos de identificação. A escrita como qualquer traço de linguagem marcada em seu corpo anuncia um homem apto à vida e a completar seus sentidos de existência.

A memória e a linguagem são indissociáveis, sendo difícil a demarcação da precedência de uma sobre a outra. Ambas se originam como inscrição de um mesmo traço que inscreve o sujeito no campo do Outro. Ou seja, a entrada do sujeito no campo simbólico.

O filme *Amnésia*, do diretor Christopher Nolan retrata bem esta problemática, a relação da memória com a identidade. O personagem principal perde a memória recente, após um trauma, e a partir daí, é guiado, mesmo que confusamente pelas tatuagens em sua pele. O filme vai então desenrolar-se numa trama cujo enigma se revela sob a

indagação de quem é, o que faz o protagonista, e qual a sua história. As tatuagens do personagem, de forma emblemática, são as verdadeiras referências de sua história, mesmo aparentemente sem sentido. O filme enfatiza a existência das marcas desconhecidas e ao mesmo tempo conhecidas, análogo ao sonho. O registro na pele de sinais escritos crava uma saída. De que maneira se pode formular a existência das elaborações psíquicas através das tatuagens como uma saída, em se tratando dos jovens infratores?

Na relação com o Outro estamos sempre refazendo as mensagens proferidas por ele, interpretando-as conforme os sintomas que visam proteger e aprisionar o sujeito. Por isso que, do ponto de vista psíquico, se o Outro falha há a possibilidade de haver um trânsito de comunicação para com ele. Suporte da linguagem, o Outro possibilita aos neuróticos a transmissão do vivido da experiência a um compartilhamento. Lembramos que a relação com os psicóticos possui ressalvas quanto a essa fluidez, visto que o psicótico é invadido pelo Outro de forma a não criar condições da alteridade. Se estamos presos a essa demanda do Outro, é justamente para atender a um lugar que é simbolicamente dado (na língua e na família), que aliena, mas permite ao sujeito não ficar em uma errância sem fim.

Kehl (2001) vai nos lembrar que “o endereçamento ao Outro atesta a insuficiência do indivíduo ao mesmo tempo em que atualiza e confirma a insuficiência do Outro. O que se transmite é o que falha. Se o Outro fosse pleno, não haveria brechas por onde o sentido pudesse escapar; não haveria necessidade do vivido se constituir como experiência marginal de ser incluída por ato de palavras” (COSTA, 2001, p. 22).

É inegável que entre os que buscam a tatuagem, os jovens são os mais motivados. Ele se marcam com figuras, desenhos e nomes, independentemente da condição social. A relação dos jovens com o corpo, transpassadas pelas histórias de suas vidas, faz-nos pensar nas mensagens que estão engendradas na relação com o Outro, também como tentativa de construir um laço social próprio da juventude.

Laços que podem se firmar enquanto assinalando um valor estético, e de pertencimento a um grupo, ou atestando sinal de exclusão e de demarcação social (preconceitos). Encontraremos, nos depoimentos, algumas passagens de situações onde ficam visíveis a formação desse laço:

P – Para quem olha suas tatuagens, o que você gostaria que eles pensassem?

E - Sei não, acho assim, que o cara quer ficar por dentro das coisas, sabe? Todo mundo tem, assim, pra ficar bonito.

(L.L.M.T, sexo masc. 14 a 5 m)

P - Ah é, o que gostaria de colocar?

E - Ainda não sei
(R.A. sexo masc. 16 anos)

P -E por que quer colocar mais?

E - Porque eu acho bonito
(R.A. sexo masc. 16 anos)

P - Vocês acham que depois que fizeram tatuagem mudou alguma coisa na vida de vocês?

E - Muda sim, porque quem é pobre é logo confundido com malandro, bandido e quem é de classe média, aí o povo acha bonito, é arte.

(R.A. sexo masc. 16 anos)

Se ter o corpo como um espaço privilegiado de liberdade é o sinal da nossa contemporaneidade, cabe analisar dois aspectos neste trabalho. O primeiro, diz respeito à constituição própria da adolescência: segundo Jean-Louis Chassaing a marca corporal como uma tomada de autonomia, é uma maneira simbólica de tomar posse de si. O corpo legado pelos pais é para ser modificado” (CORRÊA,1996, p.158).

O laço social constituído pelo jovem aponta para a necessidade de romper com as referências da infância, ao mesmo tempo que reatualiza a vivência edípica. A experiência faz limite ao saber/poder do pai, por isso o jovem é ávido dela. Uma das funções da fratria é quebrar os limites impostos pelo pai. Com o apoio do grupo de irmãos ou de amigos o adolescente se sente fortalecido para rever e enfrentar o saber paterno e desautorizá-lo; com isso formar um novo laço social. O corpo escrito, tatuado, marcado entra como suporte e testemunho desse tempo que supõe mortes e castrações demandando ultrapassagens e perenizações. Tal qual o mito da horda, já visitado anteriormente, a saída do estado de horda, do núcleo familiar estrito, para a vida social plena, implica em assassinatos e ultrapassagens. O corpo infantil precisa ser abandonado para dar lugar a um corpo forte, robusto, capaz de suportar a dor de existir,

muitas vezes simbolizado pelos rituais de passagens de adolescentes em que o corpo é objeto de tortura. Aqueles que suportam a dor são autorizados a entrar no mundo adulto.

Por outro lado, a necessidade de escrever, tão cara aos adolescentes, expressa pelo hábito de construir diários, alguns com chaves e cadeados, reforça a mudança de posição do adolescente com o imperativo de registrar tais mudanças. Os adolescentes como “seres de passagem” escrevem até no próprio corpo a fim de conseguirem um outro lugar para si.

Escrever, por si só, fala de uma passagem subjetiva, onde o sujeito toma uma posição ativa, assume-se enquanto aquele que fala, para atuar assim na dimensão de ser o autor de suas ações. Assim como a criança apreende o mundo através da escrita e passa a ter um lugar social, o jovem pode, a partir das transgressões, tornar-se protagonista da sua história.

4.2 ADOLESCÊNCIA: TRANSGRESSÃO E ESCRITA

Meu menino ino, ino

- Acabaste?

- Meu amor, acabei.

- Apagaste a candeia? Apagaste?

- Meu amor, apaguei.

- E fechaste o postigo?

- Meu amor....., sim, fechei.

- Que rumor é aquele? Não sentes?

- Meu amor, que te importa?

É a vida a dar socos na porta.

É lá fora. São eles. É o mundo. São gentes....

- São gentes? Quem são?

- São colegas, amigos, parentes....

- Vai dizer-lhes que não !! Vai dizer-lhes que não !!!!

(José Régio, em sua *Antologia Poética*)

Iniciamos este segmento sobre a adolescência em seu aspecto de transgressão e a relação com escrita, introduzindo um poema de José Régio q Vai dizer-lhes que não !!!!

Mas, que perigo há nos “chamados da vida”? Por que abrir esse item sobre jovem, transgressão com as preocupações de uma mãe cuidadosa?

O tema da transgressão na juventude é um tema bastante recorrente no meio psicanalítico. Em torno dele, surgem questões bastante conhecidas da Psicanálise e que sua literatura oferece diversas leituras a respeito. Em geral, há certo acordo entre os psicanalistas que as transgressões da adolescência não são necessariamente vistas como destrutivas. Fazem parte do processo de individuação, característico do adollescere. Conceitos como “síndrome da adolescência normal” (ABERASTURY, 1989); “A esperança dos sujeitos com tendência anti-social” (WINNICOTT, 1988); entre outros trabalhos atestam para essa compreensão. No entanto, a análise do que é ou não destrutivo implica numa noção mais ampliada, de acordo com o ideal de eu de sujeitos de uma cultura.

A dimensão do cuidado da mãe frente ao filho adolescente, assim como a resposta deste para sua mãe é carregada de sentimentos ambivalentes. A adolescência por ser um momento de rupturas e de crises de identidades atesta um caráter de moratória para o adolescente, levando-o a reagir de diversas formas: ser gregário, religioso, transgressor, isolado, rebelde, entre outros qualificativos. Do ponto de vista dos pais, também há uma reformulação psíquica alternando entre a promoção da autonomia e a insistência pela dependência. Todos, pais e filhos, acabam mudando de papéis sociais e sexuais, vivendo um luto esperado frente ao final das vivências infantis.

A vida sexual do adolescente torna-se alvo de preocupações e ameaças conscientes e inconscientes para esses pais, que recusam muitas vezes a olhar, com cuidado, as transformações pelos quais eles próprios e filhos sofrem. O termo “Olhar com cuidado” revela o sentido do exercício possível e tranquilo frente às abruptas crises da adolescência, que somente será promovido dependendo da conotação da revivência, pelos pais, dos impulsos eróticos e hostis frente à sexualidade.

Tratando-se de jovens cuja trajetória inclui inversões que fundam sua forma de existir: a rua no lugar da casa, o ato enquanto palavra, o bando ao invés do grupo, o laço social fundado na agressão e na violência, o rapto, roubo no lugar da conquista e do trabalho, a droga no lugar da fala, não sabemos como a realidade psíquica de tais pais se processou em jovens cuja marca fundamental é o abandono, a negligência; temos apenas os seus efeitos. Não é foco de nosso trabalho detalhar de que forma a vivência de privação repercutiu na elaboração psíquica desses sujeitos, entretanto temos que

considerar tal variável. A inscrição na pele da frase “amor só de mãe” conota uma certa significação nessa direção, como teremos oportunidade de verificar mais adiante. Os depoimentos colhidos atestam que a privação e negligência dos cuidados maternos se associam, paradoxalmente, à representação imaginária e mítica de que amor só de mãe.

Longe de querer dar a esse tipo de tatuagem um cunho característico e exclusivo dos jovens em situação de risco, não podemos deixar, porém, de registrar sua presença freqüente, conforme Moraes Mello (1995) não só entre os jovens estudados como entre presidiários, pessoas que, na sua maioria, são provenientes de uma juventude vivida em condições semelhantes.

O criminologista Moraes Mello (1995) estabelece uma correlação entre tatuagens e pessoas desviantes. Ele registrou e analisou mais de 3 mil imagens perpetuadas nas peles de presidiários. Este estudo indica que as tatuagens vão além do prazer pela estética pura; mostra que cada uma delas tem um significado específico, que só quem vivia no presídio flagrava. Há tatuagens que conotam quais as especialidades do detento no mundo do crime, outras identificam suas preferências sexuais. Nesse estudo, a frase “amor só de mãe” tatuada dentro de um coração revela homossexualidade passiva, assim como borboletas, sereias e pontos no rosto. O autor se preocupa em identificar nessa relação entre tatuagem e criminologia, códigos de um grupo específico e, por tal razão, em algumas passagens parece fazer uma contabilidade fálica. Nossa pesquisa não tem esse propósito e sim o de buscar as significações que os próprios jovens atribuem às tatuagens. A atenção para a frase “amor só de mãe” será um dos itens analisados e decorreu da incidência dela num grupo de jovens em situação de risco, acompanhado pela pesquisadora, durante 09 meses, em que se ministrou um curso em um programa estadual voltado para o público jovem.

Perguntamos na entrevista aos jovens pesquisados porque os que estão nos abrigos ou em presídios se tatuam com essa frase. Para eles significava também “*homossexualidade*”, mas também “*dinheiro de otário*” e “*pau só de polícia*”. Aparentemente, a cadeia associativa parece não guardar um nexos, porém há entre elas um encadeamento lógico; as três situações são únicas, irreversíveis e contundentes: 1) o amor é só de mãe, quem pode oferecer algum tipo de apoio e cuidado, ninguém mais; 2) apanhar só da polícia, pois não há como fugir dela, apanhar dos outros jamais, é caso de vida e de morte e 3) dinheiro só de otário, ou seja, a responsabilidade não é de quem

rouba, mas de quem não toma conta do seu próprio dinheiro. O sentido da homossexualidade atribuída a frase “amor só de mãe” encontra na expressão “pau só de polícia” uma ressonância interessante. O duplo sentido do significante pau presta-se ao cacetete (arma), como o pênis. É em torno dos atributos fálicos que muitos jovens se posicionam para demarcarem sua existência.

A definição oficial que trata de crianças e adolescentes que transgridem uma lei do estado é a de “menores em conflito com a lei”. De imediato surge-nos a questão se esta não seria uma definição da própria adolescência? Qual não traz em si um conflito com uma lei. Ou melhor, dizendo, qual adolescência não é transgressora? Transgressora no sentido de ultrapassar um limite marcador da infância com seu universo de valores identificados e misturados com o universo dos pais. E que neste objetivo, esta transgressão não deve necessariamente assumir o tom da criminalidade ou da delinquência, mas o de embate, de oposição. Oposição a palavra do pai, seja num confronto de idéias, de valores, estilos, atitudes etc.. Mas que proporcione reação e distinção.

Charles Melman (1992) diz que no delinquente há uma falha na inserção do mundo simbólico que se caracteriza também pelo acesso do objeto que não é organizado pelo símbolo, mas pela apreensão, pelo raptado, pela violação. Diz Melman (1992): “É preciso desenvolver esta observação notando que não é somente o acesso ao objeto que se encontra particularizado na delinquência, mas o objeto mesmo não parece tomar seu preço senão justamente à condição de ser raptado....como se o preço deste objeto fosse feito apenas pelas condições de sua aquisição” (MELMAN, 1992, p. 43).

O jargão “tatu porque está à toa”⁷ aponta também para uma realidade própria de abrigos e presídios, ou seja, constatamos no grupo dos sete entrevistados que seis se tatuaram no abrigo, quatro realizaram a tatuagem da frase sobre o amor materno. Curioso, pois no momento em que os jovens estão sob a égide da justiça, fazendo uma associação com a função paterna, os jovens apelam para a inscrição do “amor só de mãe”. Mesmo não funcionando de forma satisfatória, a instituição abrigo representa a contenção e a afirmação de um limite.

Esta questão nos remete também à própria opção de fazer tatuagem em grupo, expressando aí a força de coesão do grupo. Ou seja, a relação estabelecida entre os pares

⁷ Segundo reportagem da revista trip, no. 58, ano 11. p.36

possui uma característica bastante peculiar em relação aos adolescentes e funciona mesmo como instrumento de poder entre eles. Quantos jovens não se submetem à provas e situações de riscos para atestarem sua pertinência ao grupo que pertencem.

Tivemos oportunidade de ver no mito da horda que os filhos castraram o pai que só passa a exercer suas funções de pai depois de morto. A instituição representa o pai simbólico, aquele que interdita e frustra. Ao punir e privar, a instituição, junto com a polícia, conota um pai imaginário. Apela, então, para alguém que miticamente, tem a função de cuidar simbolizada pela frase acima; com isso tentam minimizar o poder tirânico da polícia (pai castrador).

Escutar os jovens consiste, então, uma forma de tomar contato com as significações que eles próprios possuem sobre suas vidas. Vamos precisar mais quem eram esses jovens.

4.3 A ESCUTA DE JOVENS E SUAS MARCAS

“O reconhecimento da impossibilidade do homem em afastar-se do sofrimento não deveria ter um efeito paralisador, mas pelo contrário, deveria compeli-lo para a atividade de tentar afastar-se dele e mitiga-lo o quanto possível”.

Freud

A escuta dos jovens sobre suas marcas ocorreu em dois ciclos de conversas, primeiro com um grupo de adolescentes participantes de um programa estadual de incentivo à qualificação profissional; segundo com jovens de uma unidade que abriga jovens em conflito com a lei que estão cumprindo medidas sócio-educativas. O primeiro grupo forneceu os subsídios iniciais que configuraram esta pesquisa, o segundo, desdobrado em dois encontros, constitui propriamente os sujeitos da investigação. Contextualizo-os em duas cenas:

Cena 1: Jovens com idade entre 16 e 21 anos, do sexo masculino caminham para entrar em uma sala. De longe escutávamos as vozes, as entonações de vários sons, alegres e ruidosos. Uns vinham parecendo conversar assuntos importantes; outros riam,

e falavam alto; um colocava o pé para o vizinho cair e dava uma tapa na cabeça; outros iam mexendo com os mais distantes, chamando por apelidos ou jogando pedras. Uma jovem irrita-se, e devolve a provocação com um palavrão que ecoa em alto e bom som. Os mais quietos estão por perto. Para quem olha de longe, trata-se, realmente, de um grupo de jovens. O barulho da jovialidade nos convida a entrar no mundo deles, jovens eleitos para falarem sobre suas marcas corporais.

Essa descrição tenta traduzir uma das primeiras cenas de nosso⁸ contato com jovens em situação de risco social, atendidos em um programa de promoção à inserção social e profissional pelo Governo do Estado de Pernambuco. Tal programa se destina à formação pessoal e profissional, através de módulos que vão desde a trabalhar assuntos relacionados à cidadania, à sexualidade, às drogas e aos cursos profissionalizantes. Esses jovens, na sua maioria, possuem um núcleo familiar fragmentado, numeroso, mas existente. Ou seja, mesmo os jovens que dormem nas ruas possuem uma família que abandonaram ou uma instituição de abrigo que fugiram.

A cena acima se repete e salta em cores diferentes, sempre trazendo algo novo. Durante 09 meses, o acompanhamento no formato de grupo operativo possibilitou-nos o conhecimento de várias situações importantes para o crescimento dos jovens e da equipe técnica que se propunha a estar junto deles na empreitada da formação. No entanto, este tempo proporcionou a criação de um embaraço transferencial, o qual suscitou esta pesquisa.

O embaraço começou sendo percebido pela impossibilidade de nomeação de sentimentos surgidos no contato com estes jovens de rostos e nomes diferentes, e com histórias aparentemente parecidas. O auge deste embaraço se deu quando o meu olhar captou uma frase: “amor só de mãe”. Frase encravada na pele de vários jovens que compõem grupos acompanhados por nossa equipe. De imediato veio o pensamento: o que isso significa?

Ao escutar estes jovens sobre suas vidas sobressai o desejo de ter casa, trabalho, ajudar a família. É esse desejo que os move na pauta da vida. Os corpos estavam lá permeados entre os discursos circulados em torno das necessidades cotidianas no âmbito do curso profissionalizante, como melhorar a condição da alimentação

⁸ Refere-se também ao vínculo como coordenadora do Centro de Prevenção às Dependências, entidade não governamental, contratada pelo Estado para a execução pedagógica de um Programa Estadual para jovens em situação de risco social.

fornecida, guardar objetos sem ser roubados, queixar-se de alguém.... Ágeis, soltos, rápidos, dinâmicos, vivos; outras vezes, quietos, calados, silenciosos, mortos. A pele deixa entrever um corpo, um olhar, os traços, a natureza singular de cada um. Éramos convidados a olhar seus corpos, seus olhos, sua pele e as marcas repousadas nela. Marcas involuntárias, mas, sobretudo marcas voluntárias, configuradas em tatuagens.

Vítimas de preconceitos e de violências, vindos de lares caóticos com história de abandono, abuso sexual, agressões, familiares com problemas relacionados ao uso de drogas, esses jovens pareciam não compartilhar os bens da sociedade e encontram no anonimato das vias públicas, a saída para poderem existir. A rua para muitos é a única opção de inserção social assim como de garantia das necessidades básicas. Há uma particularidade importante para análise desse universo; parte desse contingente se insere no mundo da delinqüência. Resolvemos, então, ir mais a fundo e investigar o que eles estavam comunicando com suas tatuagens. Suas histórias pessoais já poderiam indicar alguma coisa, mas somente suas falas, suas associações nos dariam o sentido de tal prática. Assim, empreendemos a pesquisa.

Cena 2: Entramos em uma unidade protetiva que abriga jovens em conflito com a lei que estão cumprindo uma medida sócio-educativa. Outro momento de embaraço, agora na condição de pesquisadora buscando compreender porque os jovens se tatuarem. Estes jovens não chegam como os da cena 1 - alegres e espontâneos. São chamados de suas celas ou de algumas atividades ocupacionais.

Torna-se um imperativo ético-social garantir a proteção integral desses sujeitos estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, sejam eles autores ou não de atos infracionais. A partir de então, há um olhar sobre eles, o olhar da justiça. As medidas sócio-educativas se pautam em um processo de ações: vão desde uma simples advertência, podendo passar pela obrigação de reparar danos, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, regime de semi-internação, até, como último recurso, a privação total de liberdade em regime de internação. Todas essas medidas abrangem os adolescentes de 12 a 18 anos, que são considerados, por lei, inimputáveis.

O elo que liga os jovens da cena 1 aos da cena 2 é o discurso, ou seja, o corpo do jovem que atravessa o discurso é ao mesmo tempo o próprio discurso.

O recorte do universo dos jovens tatuados para a escuta dos jovens em conflito com a lei deveu-se ao fato de trabalharmos com grupos de jovens, muitas vezes em

situação de risco social. O contato com os jovens da cena 1 mobilizou a construção de um trabalho de observação e deu início ao processo investigativo, cujas questões já vimos tratando ao longo deste trabalho. Não iremos às causas, mas aos efeitos. Grupos com características comuns quanto a formas vulneráveis de viver, os jovens participantes da pesquisa, frequentemente, se originam de camadas sociais desfavorecidas e possuem uma trajetória marcada por transgressões, atropelos com a lei e desamparos.

Tais jovens estudaram, em geral, até o começo do ensino médio. Com histórias de interrupção e abandono da vida escolar, a maioria dos jovens já tinha se desligado da escola antes da entrada no internamento. Os motivos apresentados configuravam-se, entre outros, na seguinte temática: desistência da escola porque “não aprendiam”. Este aspecto denuncia, com forte relevância, um sistema escolar insuficiente para atender a demanda de aprendizagem dos alunos.

Considerando que muitos jovens provêm de bairros violentos onde existem vários grupos com rixas entre eles, o impedimento de transitarem livremente surge como condição judicial. Pela possibilidade real de que algo lhes aconteça, por motivos de vingança, serem confundidos com alguém que é procurado, ou serem vítima de uma bala perdida, esses jovens afirmam ter abandonado a escola por não circularem livremente em bairros alvo de discórdias, onde quase sempre a escola se encontra. Era algo comum entre os jovens da cena 1 não poderem sair do espaço físico do curso, alegando que “o pessoal do Santo Amaro (bairro) quer me pegar”.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com sete jovens, do sexo masculino, na faixa etária de 14 a 18 anos e tiveram o objetivo de conhecer a trajetória de vida e visão de mundo desses jovens, tendo como foco a prática da tatuagem e os discursos construídos em torno desta prática. Nosso intuito era compreender o lugar dado a tatuagem e colher os significados a ela atribuídos. A frase “amor só de mãe” foi privilegiada como uma expressão singular desse grupo, embora não exclusiva.

As perguntas giraram em torno das seguintes questões:

- Por que os jovens se tatuam? Por que você se tatuou?
- Como se deu a marcação desses símbolos? (quando escolheu os desenhos, onde realizou a tatuagem, se já tinha visto alguma semelhante.)

- O que mudou na sua vida depois da(s) tatuagem(ns)?
- Se pudesse mudar alguma de suas tatuagens, que mudanças faria? Faria alguma substituição?
- O que acha da tatuagem “amor só de mãe”? Porque escolheu essa frase? O que significa para você esta frase?
- O que você quis dizer à sua mãe? E às outras pessoas que olhavam?
- Como as pessoas reagiam a ela?

Os discursos se repetem em relação aos jovens da cena 1, na qual o real e a ficção se confundem na circularidade dos discursos. Observamos que as notícias sem fundamento adquiriam valor de verdade. Muitas vezes fomos surpreendidos com a notícia da morte de um jovem quando ele se ausentava do meio por um período mais prolongado. Esse tipo de notícia, veiculada repetida vezes, parece ser um sinal antecipatório, mesmo que a intenção de quem a veicula não tenha sido a de prejudicar a imagem de um sujeito, ou de descarregar sobre ele uma agressividade destrutiva. Em outras palavras, podemos pensar que a vivência do desamparo, tão presente nesses sujeitos, torna-se aliviada pelo reforço de uma finitude, através do anúncio da morte antecipada. Abandonar para não ser abandonado, frustrar para não ser frustrado, antecipar uma perda para não senti-la. O desaparecimento por morte parece ser uma condição plausível num contexto de desamparo e violência. Por vezes a finitude representa um alívio.

Sabemos que o aspecto fundante da linguagem refere-se ao mal-entendido entre o sujeito do inconsciente e o sujeito alienado. A linguagem instaura um atropelo subjetivo, onde o sujeito ao lançar-se na busca de sua felicidade, é reatualizado pela divisão subjetiva. O caráter imaginário e fantasístico dos discursos dos jovens guiam grande parte de suas vidas. Esta característica destes jovens nos faz perceber que, mesmo havendo uma reserva de inacessibilidade de compartilhamento de códigos entre duas culturas (o pesquisado e o pesquisador), o discurso do jovem em ser impedido de transitar devido a um Outro que proíbe revela uma problemática interessante de investigação.

Assinala Rassial (1999) que os jovens desejam “encontrar um local onde se reconciliarão o imaginário do corpo, o real da puberdade e o simbólico da lei”. (RASSIAL, 1999, p. 60).

Algo aparece nesse cenário aproximando-se do que Lacan formula sobre a força do imaginário, da captura imaginária, no estágio do espelho, na primeira fase, ou seja, a agressividade. Sendo a alienação fundante da alteridade, também é pela agressividade que o sujeito opera um corte com o Outro. Estando tais jovens em situação de rua, vivenciam muito intensamente essa alienação. Raramente são chamados pelo nome e são sempre vistos como “meninos de rua”, como se fossem seres autóctones que brotaram do asfalto, sem antecedentes, sem história. Despertam o olhar do Outro quando denunciam, pela agressividade, sua condição de sujeitos marginalizados. Ornamentam-se de símbolos de caveiras, armas, santos, índios, morte, letras, nomes de amores etc e também da frase emblemática: “amor só de mãe. Não se trata de marcas casuais e efeitos de um modismo, são marcas que se repetem e se proliferam entre os jovens nesta condição de internamento.

Encontramos com facilidade, em quase todos eles, símbolos da morte como a figura da caveira. Quando indagados sobre o sentido de tais marcas no corpo respondiam que achavam bonito. A morte, geralmente muito cedo, faz parte das suas vidas, pelo grau de risco pessoal e social em que vivem. Interpretamos ser essa uma forma de dominar, controlar a ameaça da morte, que para eles se presentifica fortemente, no desamparo da rua, na ameaça da polícia.

Sobre essa questão, um dos jovens falou claramente sobre seu desejo de colocar a figura da morte, e associou a figura da caveira ao significado de matador de polícia.

P -O que diz a figura da morte?

E- *É uma figura com um pano e uma cruz*

(L.C.S, sexo masc. 16 anos)

P - E por que alguém coloca esse desenho no corpo?

E- *Porque gosta.*

(L.C.S, sexo masc. 16 anos)

P – Por que escolheu esta frase, amor só de mãe?

*E - Porque não ia marcar a pele toda, por isso que fiz só essa
Eu quero mesmo colocar a morte. Quando sair daqui, vou botar “matador
de PM”*

(L.C.S, sexo masc, 16^a)

P – Vocês acham que depois que fizeram tatuagem mudou alguma coisa na vida de vocês?

E -Muda sim, o povo pensa que é matador de PM quando coloca a morte como tatuagem. A caveira é também uma forma demonstrar que é matador de PM

(L.C.S, sexo masc, 16a)

Freud (1920) já assinalara com o exemplo de seu neto, no jogo do carretel, que a brincadeira estabelecida, frente a separação da mãe, entre o afastar e o aproximar do carretel, referia-se à sensação de repetir a ausência e a presença da mãe e ao mesmo tempo, dominar a angústia de separação. Seguindo o mesmo raciocínio podemos inferir que se marcar com o símbolo da morte seria uma maneira de dominar a angústia de morte, de separação, das perdas. No nosso entender, marcam-se com tais símbolos aqueles que estão condenados à morte, logo, são marcas identitárias.

Quando perguntado sobre o que mudou nas suas vidas ao se tatuarem, respondem, de imediato, que “nada mudou”, as associações que se seguem denotam o contrário, mudou sim. Quem se tatua fica “*manjado*”, “*sujo*”. Elas não podem ser retiradas a não ser por aqueles que têm dinheiro. Marcado pela tatuagem, marcado fica pela polícia, pois com ela será mais fácil ser identificado. Mas isso não os incomoda, pois continuam produzindo novas marcas. O desejo de ser olhado, de ser visto se sobressai nas conversas, quer pelo caráter negativo, ao ser manjado pela polícia, quer pelo caráter erótico, ao despertar o olhar das meninas quando vão à praia, também pelo caráter estético, pois todos fazem uso da tatuagem porque acham bonito.

Quando indagamos sobre o desejo de efetuar mudanças nas tatuagens dois jovens indicaram que as alterariam colocando a frase: “Só Deus sabe minha hora” ou as figuras de Nossa Senhora e a do Cristo, o que denota a necessidade de amparo. Freud (1914) já afirmara que uma pessoa pode amar em conformidade com a mulher que a alimenta e o homem que a protege, o que podemos pressupor que o par homem e mulher que protege/alimenta atravessa o imaginário cultural, em uma dimensão mítica. O Cristo e a Nossa Senhora formam esse par imaginário que coincide com a formulação narcísica colocada por Freud.

P -Quando você se tatuou ?
 E- *Foi aqui*
 P - Antes disso você tinha vontade?
 E -*Tinha*
 P - E por que não chegou a fazer?
 E -*Porque não fiz, mas vou fazer.*
 P - Qual?
 E -*Um Cristo no meu braço*
 (R.A.L, sexo masc. 16ª 10 m)

Os sujeitos têm encontrado no seu corpo um refúgio para a liberdade, ainda mais quando se trata de jovens com privação de liberdade. O corpo é a única forma de expressar o que há de mais pessoal e singular: os medos, a consciência de vida e de morte e os valores essenciais a suas vidas. A história de vida de tais jovens contém tanto sofrimento e solidão que os símbolos de Cristo, de Nossa Senhora e de Deus servem de alento, atenuando a dor do desamparo. Assim as marcas corporais conotam vidas sofridas, mortes anunciadas e desamparos, demandando do Outro, proteção.

4.4 MARCANDO-SE: “AMOR SÓ DE MÃE”

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem, que é para te dar coragem para seguir viagem quando a noite vem. E também para me perpetuar em tua escrava, que você pega, esfrega, nega, mas não lava. Quero brincar no teu corpo feito bailarina, que logo se alucina, salta e te ilumina, quando a noite vem. E nos músculos exaustos do teu braço repousar, frouxa, murcha, farta, morta de cansaço. Quero pesar com cruz nas tuas costas que te retalha em postas. Mas no fundo gostas, quando a noite vem. Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva, marcada a frio, ferro e fogo e carne viva. Corações de mãe, arpões e sereias e serpentes, que te rabiscam o corpo todo, mas não sentes.

Chico Buarque
 (1973)

Marcando-se “amor só de mãe” como marca irreversível nos convida a falar do estado de fusão, entre sujeitos, com todas as realidades existentes na íntima e inquietante relação dual. A letra da música de Chico Buarque entoia o amor na forma de expressão de melodia imbricada, fusionada nos corpos dos amantes, e nos faz passear pelos sentimentos variados, desde dor, coragem, submissão, desejo de pertencimento, angústia de separação, entre outros que somente os poetas sabem falar.

Da poesia para realidade há um fio condutor que capta o desejo de saber. Assim, o pouco tempo das entrevistas, o conhecimento recente dos jovens e a dificuldade destes em se expor, impuseram um ritmo característico ao trabalho de campo. Os jovens se apresentaram, na grande parte do tempo, silenciosos, limitando-se a respostas lacônicas quando questionados.

Além do vocabulário pobre, talvez pelo nível de escolaridade e pelo pouco acesso aos bens culturais, a condição de “abrigado” sugere um certo cuidado no quê dizer. Considerando tais variáveis e buscando um caminho que facilitasse o acesso aos significados atribuídos pelos jovens às tatuagens, utilizamos três instrumentos: entrevista individual, entrevista grupal e associação de idéias sugeridas a partir do comando de palavras, tais como mãe, amor, olhar, ser visto, queda, pai, abrigo, entre outros.

As entrevistas individuais foram realizadas com 7 jovens, e a entrevista grupal, com 4. Deste grupo, apenas 03 desses estavam presentes nas entrevistas individuais. Quatro jovens entrevistados individualmente já haviam saído da instituição, por decisão judicial que atestou o cumprimento da medida, quando realizamos o contato grupal.

A diferença principal do contato grupal com as entrevistas individual deveu-se principalmente a facilidade de expressão. Os jovens falaram mais e expunham-se de forma mais espontânea. Um deles chamou atenção para uma interessante relação de substituição e associação com a frase “amor só de mãe”.

P -Eu já também ouvi falar que grande parte de pessoas que se tatuam com amor só de mãe, eu vou encontrar em presídios. Vocês pensam dessa forma também?

E-- *Num é só lá não, na rua, na comunidade também. Tem também outras frases:*

“Nasce para viver, mata para não morrer”

“Só deus sabe minha hora”

(R.L.P. sexo masc. 18 a)

P - Se vocês pudessem substituir a frase amor só de mãe por qual vocês substituiriam?

E - *“Moram queimados, não tenho tempo para os fracos.”*

(L.C.S. sexo masc. 18 a)

A frase indicada como associação com a frase analisada – “só Deus sabe a minha hora” -, tem o mesmo caráter contundente da frase “amor só de mãe”; ambas configuram uma condição única e exclusiva expressa pelo advérbio “só”. Aquela

aparece como uma espécie de antídoto contra o sentimento de ser “manjado pela polícia” ou contra a sensação de estar marcado para morrer (símbolo da caveira), também, no nosso entender, pode ser uma modalidade de dominar a angústia de morte. A morte real por causas externas, através de violência, é extremamente presente entre eles. Tamanha é a desproteção que incide na proporção da ausência de solidariedade sugerida na frase substituída “*Moram queimados, não tenho tempo para os fracos*”.

“Amor só de mãe” pode ser lida como uma condenação – para além dessa figura emblemática, a mãe, não há amor possível, só violência e destruição –, ou como uma memória corporal de quem já viveu o calor e a proteção do corpo materno e que hoje vive as ameaças do mundo, da rua, a ponto de incorporar, como defesa e como ideologia a idéia de quem “*Nasce para viver, mata para não morrer*”.

Falar da mãe leva a falar da rua, do “mundão”, como muitos indicam. Sabemos que a questão da ida às ruas não é tão simples, pois retrata um contexto social massacrante, no qual se envolvem condicionantes econômicos, políticos e sociais.

O conceito de rua pode ter sua expressão “como uma condição de desproteção e de perdas de parâmetro entre o fora e o dentro, a exclusão e a inclusão, o público e o privado, a apropriação e a expropriação, a segurança e a insegurança, o poder e não poder, a passagem e a permanência, o abrigo e a exposição, a identidade e o anonimato” (AMORIM, 1999, p.13).

A maior parte dos jovens que se encontram na condição de abrigados teve uma vivência grande com a rua. Isso não significa dizer que estamos considerando jovens em situação de rua em uma associação direta com atos transgressores. Há uma confluência de fatores, onde a mobilidade do desejo encontra uma estrutura social facilitadora para a prática de delitos.

No convívio com tais jovens, é perceptível o desamparo e a solidão. Assim, como é falado sobre o seu núcleo familiar. Recorrer a símbolos representa um recurso mágico e mítico, apelo de proteção, de força e que, ao mesmo tempo afasta e amedronta os inimigos. Comenta um jovem que tais figuras servem para “mandar recado aos inimigos, às almas sebosas”.

Quem trabalha com esse público, sabe que o nome “mãe” é sagrado, se for tocado gera brigas e violências. A mãe ocupa um lugar absoluto e inatingível. Nesse

contexto podemos interpretar que a mãe mítica é chamada a ocupar o lugar da mãe real uma vez que esta falhou em exercer suas funções maternas.

A qualidade de *gerência materna* determina as condições de construção de competências e autonomia do bebê a partir das possibilidades que o corpo/ego pôde experimentar. Através da doação de seus significantes, a mãe auxilia o bebê a viver a passagem da vivência biológica para a experiência de um corpo erógeno: “do instinto para a pulsão, da necessidade para o desejo, da excitação para angústia, do sono fisiológico para o sonho” (VOLICH, 2003, p.4). Assim, as dimensões relacionais e erógenas de um corpo imaginário configuram-se, e este se torna uma “caixa de ressonância privilegiada dos modos de ser e se relacionar com o outro e com o mundo”. (VOLICH, 2003, p. 4)

Ora, no início da vida, quem acolhe o impacto das forças pulsionais, procurando dar-lhes nome e sentido, é a mãe (ou seu substituto). Trata-se, aqui, não apenas de acolher, mas de acolher e nomear; é esse acolhimento e essa nomeação que dão ao bebê a experiência da presença da mãe (Fernandes, 2003, p.106)

Um dos jovens ao ser perguntado sobre porque colocou a frase “amor só de mãe” em sua pele, retrucou imediatamente: “*Se os outros colocam, porque não posso colocar?*” (LCS, sexo masc. 16 a) Essa afirmação nos remete a duas passagens já trabalhadas neste trabalho. Uma diz respeito ao imperativo que a contemporaneidade vive em torno do exercício do *fitness*, ou seja, para evitar a qualidade de estultice – imagem veiculada pelo outro. A outra passagem refere-se a pressão do grupo fraterno. Vimos que durante o Estádio do Espelho, a identificação traz também como revés a agressividade. Nesse sentido, a frase colocada acima revela mais uma disputa e manifestação hostil ao outro do que propriamente falando um desejo genuíno como sendo seu. É o outro que tem que lhe dita o que deve ser feito. Neste sentido, atribuímos um valor imaginário por excelência nessa questão. Muitas das falas dos jovens dão a entender que na vida deles só há lugar para um.

Será o amor materno correlativo ao “Amor só de mãe”? Que amor é esse que se apresenta exclusivo que só a mãe é capaz de dar? O que é amor materno? Embora o caráter da exclusão esteja posto e seja definidor de caminhos do sujeito, pensamos que há algo ainda a ser esclarecido entre a ordem da pulsão e a da cultura, do inato e da sacralização nessa dimensão do amor.

Ao se tatuarem com a frase “amor só de mãe”, esses jovens, vítimas dos poucos, ou quase nenhum cuidado materno, inscrevem na pele a presença marcante, nas suas vidas, da ausência materna; ao mesmo tempo que enaltece a presença da mãe mesmo quando ausente. Esse aparente paradoxo indica o lugar singular que a mãe ocupa na vida dos filhos. Pode-se dizer então um lugar mítico, independente das condições exercidas pela mãe real – a mãe é sagrada. No código de convivência estabelecido por eles, tolera-se a quebra de pactos, a xingação, mas não se admite violar a mãe do Outro.

Evidentemente, existem várias significações na motivação de marcar a pele com o “amor só de mãe”, além da dimensão mítica, sagrada e idealizada.

Reproduzo, a seguir, um diálogo com um dos jovens no qual fica explícita a necessidade premente de se marcar com um símbolo de valor e de forma tão definitiva para nunca esquecer.

P – Por que você quer colocar o rosto da sua mãe na barriga?

E - *Desse rosto a gente nunca se esquece...É a coisa que a pessoa tem de mais valor na vida da pessoa.*
(B.P. sexo masc. 17 anos)

Se a segunda afirmativa apela para o sentido de preservar, na carne, a mãe como um valor, a primeira denega a existência dela na memória, pois é preciso perenizá-la na carne para não esquecer. Assim podemos interrogar: Se o jovem não se esquece do rosto da mãe porque ter o seu rosto desenhado na pele? A outra vertente da análise já não se trata de uma denegação, mas de uma invocação onde seria possível demarcar na pele o objeto invocado, traduzindo o real da linguagem no discurso do sujeito. Sobre essa questão da invocação, Costa (2003) falará que dentre as “figuras de ausências” tão fomentadas pelos colecionadores, existe o aspecto de que “a ausência é destacada do senso comum, quando se busca representar na pele uma memória que não se desloca, não se substitui” (COSTA, 2003, p. 135). Ou seja, para esse jovem talvez só falar sobre a importância da mãe não seja suficiente para dar conta de um excesso, então, dessa forma, é preciso colocar na pele. Se este excesso é amor, é uma outra questão que não nos cabe formular nesse momento, pois não cabe neste trabalho interrogarmos sobre o que é o amor. Mas, como já foi dito, cabe a indagação de que há um paradoxo, pelo que não se apresenta na realidade como o é na palavra dita e na palavra cravada na pele. A realidade mostra-se muito mais cruel, através de abandonos precoces tanto dos pais

como dos filhos, estes “preferindo” a permanência na rua. Não é demais afirmar que não há opção, nos mais variados casos de jovens em situação de risco social, e sim, uma imposição social que impele sua ida às ruas e a condição de estarem sob situação de risco social.

Nada há que ponha em dúvida o lugar primordial da mãe. Ela é responsável por balizar a construção do corpo erógeno. Como objeto de investimento do próprio filho, “a mãe se estende como um mesmo objeto para as pulsões de autoconservação e para as pulsões sexuais que se apóiam nelas” (LACLAIRE, 1992, p. 75), sublinha Chaim Katz.

Um menino cai e machuca-se. Esse “dodói” torna-se alvo de suas primeiras palavras. Tempos depois ele vai esperar a mãe chegar para mostrar a ela seu machucado e, possivelmente, vai chorar novamente, como também esperar receber um “denguiho” da mãe, como seu cuidado. Entra em jogo aqui a necessidade de um recorte erótico desse “dodói”, que se apresenta como um “mote” para o recorte de uma borda.

As brincadeiras simbólicas das crianças pequenas em jogar algo para baixo e dizer “caiu” são fruto de um processo de instauração do campo simbólico, do reconhecimento de um terceiro que limita o “poder” do bebê em completar a mãe.

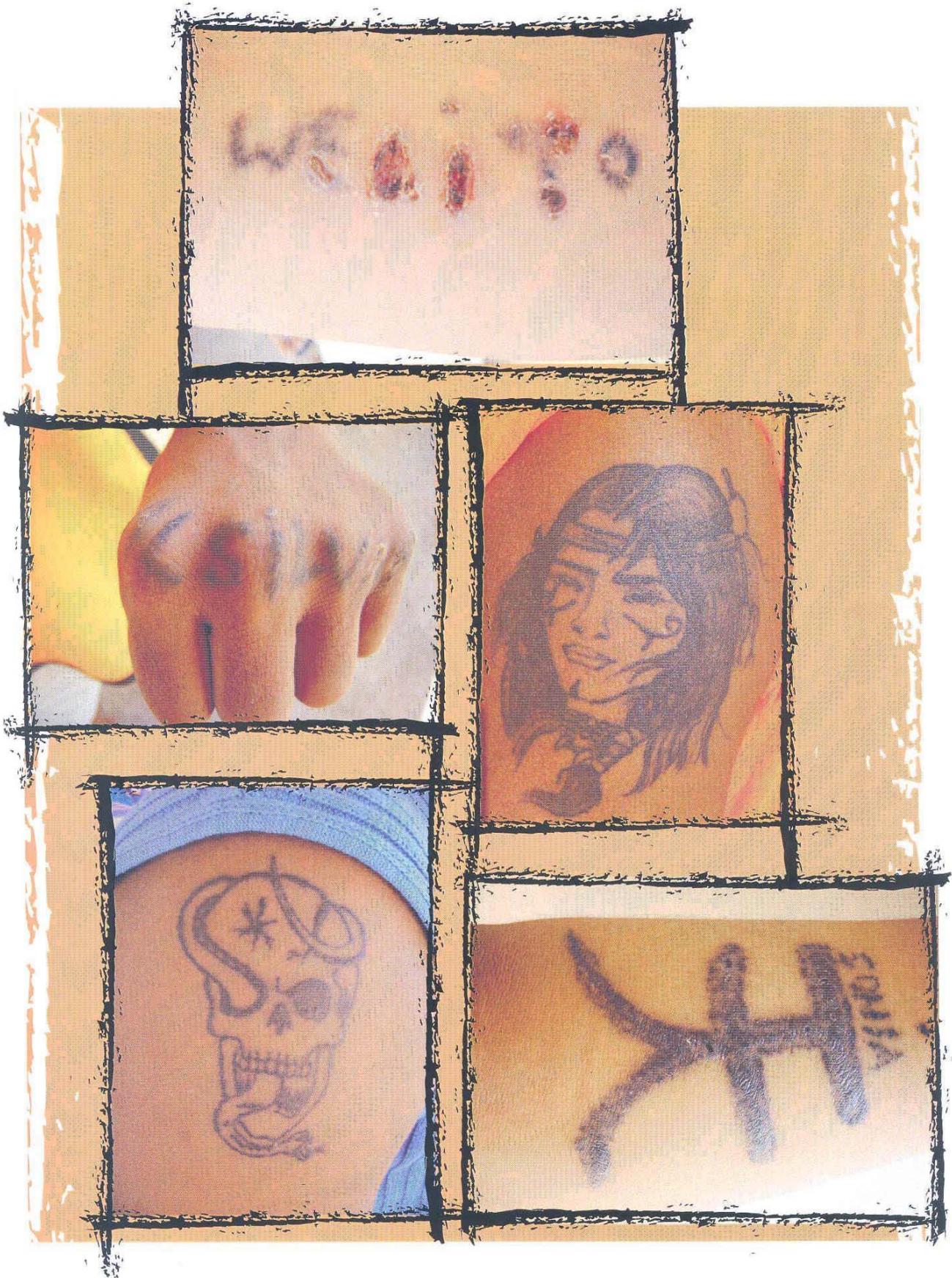
Enquanto controle dos monstros, dos demônios que parecem estar fora de si, mas que são nada mais que o Outro em que eles não conseguem completar, a tatuagem tenta responder. Os símbolos diversos, como armas, caveiras servem de proteção externa, mas ao mesmo tempo interna. “Amor só de mãe” corresponderia também a uma proteção do sujeito? Nessa situação abre-se uma situação de exclusão, ao mesmo tempo de uma constatação.

Ao defender a premissa que o amor materno não era inato, Margarete Hilferding, inaugura em 1911, ao lado do incômodo estampado na platéia da Sociedade Psicanalítica de Viena, um espaço de diálogo ante algo inquestionável. Tereza Pinheiro (1991) comenta esse colóquio nos seguintes termos:

Margarete Hilferding sem dúvida esbarra em uma construção imaginária que parece intocável; talvez tão intocável e não verbalizável quanto a proibição do incesto...Se pensarmos o amor materno como correlato da herança, tal qual a cor dos olhos, como fazendo parte de uma ordem preestabelecida e predeterminada (a ordem da natureza), então ela não interessa à Psicanálise....Mas, se, ao contrário, o amor materno faz parte do mundo dos sonhos, da linguagem, aí então ele se encontra no campo de pensabilidade da Psicanálise (Pinheiro, 1991, p. 111).

Como o jovem vivencia a relação materna dentro de um contexto de privação? Que tipo de desinvestimento acontece na relação entre a mãe e o jovem quando este entra no mundo da rua? Será a privação antecipadora de uma separação, se é que podemos falar em momento ideal de separação, ou a castração move essa saída para a rua?

A literatura psicanalítica tem mostrado que a criança se defende da mãe ameaçadora, negligente e faltante, dividindo-a em duas: uma má que se livra projetando-a para fora de si, e uma boa, aquela que a ama e a acolhe, que preserva dentro de si. As histórias desses jovens denunciam justamente a presença real de uma mãe que se houve com os filhos. Resta, então, a eles preservar e potencializar imaginariamente a mãe boa elevando-a à categoria mítica, imagética que se concretiza nas marcas corporais, fazendo borda entre o dentro e o fora. Lembremos do mito do vampiro: a maneira de afastá-lo é usando alguns objetos símbolos que têm o poder de destruir e banir o mal. Será que marcar-se na pele com símbolos de boa mãe – Nossa Senhora, “amor só de mãe” – não significaria uma maneira de afastar-se da mãe má projetada para o exterior, para a rua? As marcas terminam funcionando como couraças protetoras.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Corações de mãe, arpões, sereias e serpentes, que te rabiscam o corpo todo,
mas não sentes.”

Chico Buarque (1973)

A proliferação de corpos tatuados mostra-se como uma das formas de construção das subjetividades na contemporaneidade, pautadas pela égide do imaginário. O ponto de partida desta dissertação poderia associar o uso da tatuagem como efeito exclusivo do culto ao corpo, o que leva homens e mulheres a ficarem capturados pelo imaginário e tentarem responder a padrões de satisfação, no mais das vezes, impossíveis de se realizar. No entanto, tentar compreender porque os jovens precisam marcar suas peles para expressar suas identificações foi a alavanca deste trabalho, sobretudo os jovens em situação de risco social.

Sem desmerecer o impacto da contemporaneidade que imprime uma marca imagética entre as pessoas, partimos para a indagação das significações atribuídas por jovens que utilizam seus corpos para colocarem suas projeções, esperanças, dores, e apelos, em especial utilizando a frase “amor só de mãe”, marcada entre jovens sob condição de risco social. Se por um lado, a marca apela para uma inscrição de pertencimento grupal, traduzindo os significados coletivos, também indica algo muito particular, revelando a singularidade envolvida no ato de tatuar. A dor física é muitas vezes renegada em função do desejo de ver em sua carne a estampa de seus desejos.

O corpo se apresenta como fonte de liberdade e ao mesmo tempo, como escravo de padrões de estética e julgamentos. No entanto, para aqueles que estão privados de liberdade, talvez o corpo seja o único espaço que têm para se expressar sem a interferência do outro, haja vista o número de tatuagens realizado dentro de abrigos e prisões. Aliás, o corpo é um dos poucos canais para que o excesso pulsional vivido pelos jovens infratores, sob a condição de internamento, tenha vazão. Foi neste sentido, que buscamos, através da escuta de tais jovens, compreender os significados atribuídos às suas marcas.

Os riscos na pele de quem está sob risco social nos coloca em um campo tênue de diferenciação. A passagem da nomeação - de risco – para o próprio risco, a partir da inscrição na carne, é uma das características encontradas nesses jovens. Algumas experiências precisam ser riscadas na pele para tomar existência, assim como para proteger os sujeitos.

Das análises surgidas no trabalho, há dois grandes eixos de elaboração. O primeiro diz respeito à temática da morte, através de figuras de caveira, boneco assassino, morte, armas, todas vinculadas ao caráter mais destrutivo, e sobretudo vivência cotidiana para muitos desses jovens. O segundo eixo está na relação de um pedido de socorro e proteção, através das figuras do Cristo, santas, nomes ou letras de pessoas significativas, e a própria frase “amor só de mãe”, que funciona também como um talismã.

Assim como a pele é uma fronteira entre o dentro e o fora, a borda também indica o interior e o exterior. Pele e borda, neste sentido, promovem uma equivalência onde a dobradura da situação de risco mostra o aspecto maleável e intrínseco entre o imaginário e o real, ou seja, ora a linguagem é tomada em uma dimensão imaginária, ora real. Graças à dimensão da anterioridade do simbólico.

Tentar articular o corpo na sua complexidade, pela via da identificação e do imaginário, associado a jovens em situação de risco social, nos levou a encontrar no mito um ponto de ancoragem. O mito atesta um suporte discursivo a algo que não pode ser transmitido. Dito de outra forma, ele torna o insuportável suportável. Foi assim com Édipo, é assim com todos. Romances familiares - novela ficcional – que reatualiza o sofrimento humano ante ao desamparo e à exclusão. A possibilidade de se pensar em uma mãe mítica na contraposição da mãe real atesta para o caráter sagrado em relação à mãe. Primitiva e arcaica, esta significação da mãe sagrada é expressa pelos símbolos míticos da maternidade, como por exemplo, a letra da mãe, o desenho da santa, e o ódio ao se deixar tocar no nome da sua mãe em vão.

Dar corpo à ignorância e transformá-la em experiência e em pesquisa promoveu um deslizamento do que se opera na produção de um saber. Do incômodo transferencial a palavras escritas em papéis. No momento em que parece que a subjetividade é problematizada pelo imaginário e outras demarcações econômicas e sociais, falar de tatuagem poderia soar como uma curiosidade ou mesmo um diletantismo, por,

aparentemente, não possui uma relação direta com a prática de uma clínica psicanalítica.

Dar ouvidos as palavras, e ao tempo de sua formulação, a quem cometeu atos que lhe ultrapassam, não deixa de criar embaraços que são entrelaçados pelas carências primitivas e perdas ainda para serem elaboradas. O corpo passa a ser escutado, mesmo que, a partir de um ponto de vista, em momento tardio – adolescência - e ainda mais tarde pela gravidade dos atos cometidos, por muitos desses jovens. Mas, para quem navega com a Psicanálise, a ética do desejo passa longe da moral, e mora ao lado do corpo e mesmo nele.

A existência de um corpo não é um processo natural e simples. As formações sociais e históricas se valem dele para a demarcação da constituição de sociedades e de grupos, assim como é preciso o investimento libidinal entre a mãe e seu bebê para lhe dar existência. Para o eu se formar, ele precisa de uma história, como vimos anteriormente, a partir de Aulagnier. O que aparentemente sela o acordo de um código entre pares, entre jovens, adquire proeminência quando pode ser colocado na abertura de histórias de vida e de morte.

O corpo para esses jovens, que vivem em situação de risco social, é a própria morada do SER, diário das histórias vividas, palco das tragédias e conflitos e confrontamento com o Outro, também espaço da inventiva e do diálogo. A pele funciona como borda, fronteira entre o imaginário e o real da vida. A frase “amor só de mãe” entra nesse cenário materializada na carne, nas sensações primitivas do tato que se reportam à relação primeira com a mãe.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ALMEIDA, M.I.M. **Tatuagem e subjetividade**: reflexões em torno do imaginário da epiderme. In: **Revista Interseções**. Ano 3, n. 1, Jan/jun. 2001. UERJ, p. 91-109.
- _____. **Nada além da epiderme**: a performance romântica da tatuagem. **Psicologia Clínica** 12(2), PUC-RJ, 2001.
- AMORIM, L.; BOMTEMPO, D. Educação social de rua: possibilidade de inclusão social e de cidadania. **Revista Serviço Social**, Recife, n.3, 1999
- ANZIER, D. **Eu-Pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- ARAGÃO, L. Tarlei et al. **Clínica do social**: ensaios. São Paulo: Escuta, 1991.
- ARAÚJO, L. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- ASSUNÇÃO, A. **Zona branca**. Disponível em <www.zonabranca.hpg.ig.com.br/>. Acesso em 12/11/2005
- AULAGNIER, P. “Nascimento de um corpo, origem de uma história”, in: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, Ano II, vol.II no.3, set.1999.
- BARROS, F.(Org) **Tô Fora**: O adolescente fora da lei: o retorno da segregação. Belo Horizonte, Del Rey, 2003.
- BASTOS, L. **Eu-corpando**: o ego e o corpo em Freud. São Paulo: Escuta, 1998.
- BENTES, L.; GOMES, R. (Orgs). **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998.
- BERLINCK, M. T. (Org). **Psicanálise de sintomas sociais**. São Paulo: Escuta, 1988.
- _____. **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.
- BEZERRA, B; PLASTINO, C. **Corpo, afeto, linguagem**: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- BEZERRA JUNIOR, B. C. Solidariedade contra a violência. **Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento**, Brasília, v. 1, 1999.

- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BRETON, A. **Adeus ao corpo**. São Paulo: Papyrus, 2003.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____. et al. **Educa-se uma criança?** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1984.
- COELHO, N. JÚNIOR; CARMO, P. **Merleau Ponty: filosofia como corpo e existência**. São Paulo: Escuta, 1991
- CORRÊA, A. **Mais tarde... é agora: ensaios sobre a adolescência**. Salvador: Ágalma, 1998
- CORRÊA, I. **Curso Escrita Lacaniana**. Recife: Transcrição, 1991.
- COSTA, A. **Corpo e Escrita: relações entre memória e transmissão da experiência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- COSTA, A. **Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- COSTA, J. F. **O Vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- _____. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.
- ENRIQUEZ, E.. **Da horda ao estado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- FERREIRA, T. **Os meninos e a rua: uma interpelação à psicanálise**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FONTES, I. **Memória corporal e transferência**. São Paulo: Via Lettera, 2002
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1990
- _____. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FREIRE, E. **A clínica da perversão**. São Paulo: Escuta, 2004.
- FREYRE, G. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1943. v.2

FREUD, S. **Além do princípio de prazer** (1920) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18

_____. **Uma criança é espancada.** (1919) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v.17

_____. **Os instintos e suas vicissitudes** (1915) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.14

_____. **Luto e melancolia** (1917) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.14.

_____. **O mal-estar na civilização**_(1930) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. 21.

_____. **Psicologia de grupo e análise do eu** (1921) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 18.

_____. **O Problema econômico do masoquismo** (1924). ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 19.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução** (1914) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 14

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**_(1905). ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 7.

_____. **Totem e Tabu** (1913) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 13.

GAMA, F. **Através do Espelho.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural)_Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

GARCIA, W. **Corpo, design e subjetividade: a tatuagem como poética visual.** [s.l]:[s.n] [2004]

GARCIA-ROZA.L.A. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1995, 3 v

_____. **O mal radical em freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990

GÊNESES. In: **A Bíblia Sagrada.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. cap. 4, vs. 4.

GOMBRICH, E. H. **A História da arte.** Rio de Janeiro: LTC, 1999

- HANNIS, L. **Dicionário comentado do alemão de freud**. Rio de Janeiro: Imago 1996
- JEUDY, H. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- KAFKA, F. **A Colônia penal**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000
- KEHL, M.R. **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 2001.
- KEIL, I; TIBURI, M. **O Corpo torturado**. Porto Alegre: Escritos, 2004.
- KOURY, M; BARRETO, M. C. (Orgs). **Antropologia da emoção**. ensaios. João Pessoa: Grem, 2004.1 CD-ROM.Windows
- LACAN, J. **O seminário 4. A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
 _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
 _____. **A Identificação**. Seminário 1961-1962. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Magno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- LAPLANCHE J.;B. PONTALIS, **Vocabulário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1982..
- LARAIA, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LAUTMAN, V. **The New Tattoo**, New York. Abbeville Press, 1994
- LECLAIRE, S. **O Corpo Erógeno: uma introdução à teoria do complexo de Édipo**. São Paulo: Escuta, 1992.
- LEITE, N. (Org). **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2003
- LEVI-STRAUSS.C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MELMAN, C. **Alcoolismo, delinquência e toxicomania: uma outra forma de gozar**.São Paulo: Escuta, 1992.
 _____. **Novas formas clínicas no final do terceiro milênio**. Porto Alegre: CMC, 2003.
- MIELI, P. **Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002
- MORAES, E. **O corpo impossível**.São Paulo: Iluminuras, 2002
- MORAIS, F. **Arte é o que eu e você chamamos arte**. Rio de Janeiro: Record, 2002

_____. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992

_____. **O olhar em psicanálise.** Rio de Janeiro, Zahar, 1995

NASIO, J. **Os sete conceitos cruciais da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades.

Cadernos Saúde Coletiva: Rio de Janeiro, 2003.

PALOMINO, E. **Babado forte:** moda, música e noite. São Paulo: Madarim, 1999.

PINHEIRO, T. **As bases do amor materno.** São Paulo: Escuta, 1991.

PIRES, B. **O Corpo como suporte da arte:** *piercing*, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac, 2005

PLASTINO, C. (Org). **Transgressões.** Rio de Janeiro: Contracapa. 2001.

QUEIROZ, E. **A clínica da perversão.** São Paulo: Escuta, 2004.

RAMOS, C. **Narigudos e insatisfeitos, graças a Deus.** [s.l]:[s.n] [1999]

_____. **Teorias da Tatuagem:** corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tatto da Pedra. Florianópolis: UDESC, 2001.

RASSIAL, J. **O Adolescente e o psicanalista.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RÉGIO, J. **Antologia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

RINALDI, D. **A ética da diferença:** um debate entre psicanálise e antropologia. Rio de Janeiro: UERJ; Zahar, 1996

RIVERA, T. **Arte e psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002

ROCHA, E. **O que é mito.** São Paulo: Brasiliense, 1985

RODRIGUES, L. **A Clínica psicanalítica:** efeitos de uma prática psicanalítica. Recife: Odisseu, 2001

SANT'ANNA, D. **Corpos de passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo, Ed. Liberdade, 2001

_____. **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHIFFMACHER, H. **Tattoos.** Amsterdam: Icons, 1996

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos.** Rio de Janeiro: FGV, 2002

SIBILIA, P. **O homem pós orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Sonhos anoréxicos e fantasmas orgânicos: algumas reflexões sobre o horror ao “corpo impuro” na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: IMS;UFRJ, 2004, texto inédito.

SOUZA, M. **Violência.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005

VALAS, P. **As dimensões do gozo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

VASSE, D. **O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças.** São Paulo: Loyola, 1977.

VIÑAR, M. **Exílio e tortura.** São Paulo: Escuta, 1992.

VOLICH, M. **Psicossomática.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

_____. **Sofrer, gozar, idealizar.... O corpo entre o trauma e os ideais.** [s.l]:[s.n]. 2004. Texto inédito.

WINNICOTT, D. **Privação e delinqüência.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988

Yves, E. **Tatuagem é vista como obra de arte e vira mania,** Le Monde, Paris, 23. Out. 2004

APÊNDICES

APÊNDICE A

O conteúdo abaixo se refere aos primeiros depoimentos dos jovens em situação de risco social. Em cada entrevista foi feito um *rapport*, justificando o objetivo da pesquisa, a minha ida à instituição e meu vínculo com a mesma. O livre consentimento, assim como a permissão para o uso do gravador, foram assuntos conversados em todas as entrevistas⁹.

Data: 19/07/2005

1ª. ENTREVISTA: B.P

Idade: 17 anos 10 meses

P - Como vê o cuidado dos jovens com o seu corpo?
 - Eu acho que quando ele vê assim...., ele tem vontade de fazer...

P – Fazer o quê?
 - Tatuagem.

P – E você acha que a pessoa que se tatua não tem cuidado com o corpo, ou tem cuidado?
 - Eu acho que não, isso não é coisa que se faça não. Isso é só (), deixa a pessoa manjado. Manjado, digo assim, sujo, sabe?

P- Manjado, sujo? Como assim?
 - Deixa conhecido pela tatuagem.

P - E você acha que as pessoas que se tatuam ficam mais conhecidas do que as outras, que não têm tatuagem?
 - É.

P – E aí não cuidam bem do corpo, quem se tatua?
 ...

P – E por que você acha que os jovens se tatuam?
 - Porque todo mundo usa, dá vontade de fazer também, imitar os outros.

P– Imitar os outros... esse outro pode ser qualquer um ou tem que ser especial?
 - Qualquer um. Qualquer adolescente gostaria de fazer tatuagem

P - E o que você acha da tatuagem?

⁹ Nas entrevistas também foi usado o código de E

- Eu queria tirar essa. Eu só tenho essa porque veio assim na minha mente, de uma hora para outra veio na minha mente. Eu vi o cara que fazia tatuagem e me deu vontade de fazer. Por mim eu tirava.

P – Por que você escolheu essa frase?

- Eu não ia nem escolher essa, ia colocar: “Só Deus sabe minha hora”.

P – Por que?

- Só ele mesmo sabe da hora da gente, e “amor só de mãe” porque a gente só ama a mãe da gente mesmo. É a coisa mais valiosa que a gente tem.

P – E colocar na pele “amor só de mãe” é uma forma de dizer a ela o quanto ela é importante, ou não?

- Eu acho que sim.

P – E por que você tem vontade de apagar?

- Isso aqui é um negócio que suja a pele.

P – Mesmo esta frase ?

- A frase é bonita, mas a pessoa é mais procurada pela tatuagem.

P – Entre os jovens de uma forma geral?

- É.

P – E é ruim ser procurado?

- É. Tem que ter dinheiro para tirar um negócio desses...
....Tem que ter dinheiro para tirar.

P – E por que na hora.... Você estava junto a amigos que faziam tatuagem, e como foi feita essa tatuagem? Que material?

- É... foi com um motor, agulha.

P – Essa agulha era usada com...

- Com o outro, mas ele não estava agüentando a dor, e aí eu cheguei na hora e mandei ele fazer.

P – Você quis também fazer para ver se agüentava a dor?

- Não, eu fiz só por fazer mesmo. Eu podia pegar até uma doença com uma mesma agulha.

P- Você já tinha vontade de fazer, não foi nada planejado?

- Não, foi só naquela hora mesmo.

P- E por que você colocou esta frase e não colocou outra coisa?

- Porque só veio esta frase na hora. Eu nunca tinha visto uma frase para fazer tatuagem, e na hora só veio ela mesmo, aí eu falei.

P- Você já viu esta frase em outros locais?

- Muita gente tem essa frase, muita mesmo !!!!

P- Na pele?

- Sim, muita mesmo !!!!

P- Já escondeu?

- Dos “homens” uma vez.

P- Da polícia?

- É, da polícia

(O final da entrevista não foi possível transcrever – problema no gravador).

O jovem termina a entrevista falando de quem possui tatuagens fica mais visado, e por isso é mais procurado pela polícia.

APÊNDICE B

2ª. ENTREVISTA: R.A.L

Idade: 16 a 10 m

P - Como você vê o cuidado que os jovens têm com o corpo hoje em dia?

- Eu tive vontade de fazer tatuagem e fiz aqui mesmo. Não fiz no mundão não. Vi os meninos fazendo e tive vontade e fiz “amor só de mãe”.

P - Amor só de mãe... e também tem Rafaela.

- É o nome da minha irmã

Está bem grande....

P - Você fez com que material?

- Agulha e tinta

P - Doeu?

- Não muito não.

(conta como fez)

P - Só foi você quem fez?

- Um bocado fez. Não só “amor só de mãe”. Tem letras, nomes...

(ele se refere que a tatuagem foi feita na instituição)

P – Por que você escolheu essa frase?

- Porque eu quis essa frase

P – Por que?

- Porque só tem minha mãe que vem me visitar. Se fosse pelos outros ninguém vem não. É um amor que só tem uma vez só, o amor da mãe da pessoa.

P - É um amor que só tem uma vez só? Como é isso?

- Depois que morre não tem mais o amor da mãe...

P - Depois que morre?

- Não tem o amor da mãe. Pois ela já morreu. Veja, eu estou aqui e ela vem me visitar. Se fosse outra não vinha me visitar, se eu não tivesse mãe.

P - Quem já morreu?

- Ninguém. Ela é viva

P - Se ela não fosse viva, ninguém iria lhe visitar...

- É

P - Você fez aqui durante..... Você está aqui há quanto tempo?

- 2 meses

P - Dois meses só? Eu já vi jovens com mais tempo. (comentários) Você acha que faz tempo?

- Não, eu tirei 4-5 meses no CENIP (Centro de Internamento Provisório)

P- Foi?

P - E lá você poderia ter feito essa tatuagem?

- Não, porque lá não tem agulha. Aqui tem..

P - Ah sim, e aí vocês pegaram essa agulha e fizeram....No mesmo dia você fez também o nome da sua irmã?

- Também. E fiz o meu nome

P- (mostra o nome dele)

P - Ah tá !!!!!Por que você fez também seu nome?

- Eu ia botar aqui, mas tinha o nome da minha irmã...

P - Você tem muitos irmãos?

- Tenho 3 irmãs

P -É bem parecido seu nome com o dela, não é?

- É sim.

P – Gostaria de me falar alguma coisa a mais?

- Não

Interrupção institucional

APÊNDICE C**3ª. ENTREVISTA: D.P.S**

Idade: 17 a 02 m

P - Só tem essa tatuagem?

- Só tem essa

P - Isso é um olho?

- É

P - Qual a sua opinião do porquê dos jovens se tatuarem

- Porque gostam

P - Por que? Como assim?

- Não sei

P - Quando você se tatuou ?

- Foi aqui

P - Antes disso você tinha vontade?

- Tinha

P - E por que não chegou a fazer?

- Porque não fiz, mas vou fazer.

P - Qual?

- Um cristo no meu braço

P - Não teve oportunidade?

- Mas aqui eu não quis fazer o Cristo não !!!!

P- Vai fazer o cristo quando sair daqui?

- É

P – Por que escolheu a frase?

- Porque vi no braço de outros e quis fazer

P - E você acha legal a frase, porque?

- É bonita

P - Tua mãe viu?

- Viu

P - O que ela achou?

- Reclamou, mas fazer o quê? Já tá feita.

P – O que ela disse?

- Um bocado de negócio....

P - Você acha que quem faz tatuagem, é olhado de forma negativa... Tatuagem é - “adianto” ou é “para trás” ?

- Sei não

P - Você acha bonito fazer tatuagem...

- É

P - E por que você colocou esta frase? O que quer dizer para você ?

- O amor só de mãe mesmo, mais de ninguém.

P - Você só vai ser amado somente pela sua mãe, é isso?

()

P - Só pela mãe vai ser amado?

()

P - Ou você faz uma homenagem para ela do quanto você gosta dela?

- É pode ser

P - E por que quer desenhar o Cristo?

- Eu tô a fim faz tempo desenhar ele aqui, eu acho bonito. Porque eu queria na pele desenhada. Porque acho bonito.

P - E você conhece muitos jovens que tem marcas por código, como se fosse alguma coisa escondida, que só algum grupo pode saber? Existe isso? Por exemplo: um determinado grupo de jovens, uma gangue, eles se marcam com a mesma letra?

Sei não

P - Você encontra a frase “amor só de mãe” muitas vezes?Por que acha bonito no corpo e não na pele?

- Encontro muito. Porque acho bonito no corpo

P – Você acha que fica mais conhecido ou mais desconhecido com essa frase ?

- É a mesma coisa

P - E esse olho aí ?

- Foi porque eu quis desenhar mesmo

P - E essas letras, é de alguém que você conhece?

- É uma letra do meu irmão e outra é da minha irmã

P - Faz tempo que você não vê eles?

- Não

P- Tua mãe vem sempre te visitar?

- Minha mãe é falecida

P - Faz tempo que ela morreu?

- Faz

P - E esse olho aí, é por que você gosta de olhar?

- Porque eu quis fazer um desenho ai ele errou e eu fiz o olho

P - Foi você que fez mesmo!!!!

- Fui eu mesmo

P - A agulha foi somente tua ou de outras pessoas?

- Só minha

P - Alguém mais viu a tatuagem e falou alguma coisa?

- Não

P - Teus irmãos quando viram falaram o quê?

- Reclamaram porque não era pra eu ter “fazido”, e eu fiz

P – Por que você acha que eles não queriam que você fizesse?

- Não sei

APÊNDICE D

4º. ENTREVISTADO: R.L.P

Idade: 18 a 01 m

P - Já estás há quanto tempo aqui?

- 01 ano e 01 mês.

P - Você tem tatuagem?

- Tenho 05. “Amor só de mãe”, “Nossa Senhora”, “tribal”, “caveira”, “truck” (o boneco assassino) e um símbolo chinês.

P - Com que idade você fez essas tatuagens?

- 16 anos eu fiz todas. Uma em um dia, outra dois dias depois, e foi assim...

P - Qual foi a primeira que você fez?

- “amor só de mãe” junto com o símbolo chinês.

P - Você fez onde?

- Com um colega meu que faz lá na Mostardinha.

P – Por que você escolheu essas tatuagens?

- O símbolo lembra um amigo que morreu (*ele estava se referindo ao símbolo chinês*).

P – Por que lembra seu amigo? Qual a história disso?

- Porque eu fiz esse símbolo com ele na praia, sendo de Henna.

Ele fez uma e eu fiz depois de dois dias desse dia da praia, mataram ele.

P - E eram iguais as tatuagens sua e de seu amigo?

- Não, a dele era diferente da minha.

P - E a tatuagem “amor só de mãe” você fez na praia também?

- Não, o símbolo eu fiz de Henna e depois que ele morreu, aí eu cobri de verdade.

P - E você faz com uma agulha específica para isso ou não?

- Não, foi com uma agulha normal de roupa porque a máquina dele era caseira.

P - Com tinta você vai queimando, é isso?

- Não, só é furando e só. Pega uma colher ou um garfo, enrola no motor e sai furando e, é só melar na tinta.

P - E doeu?

- (...)

P - E você fez 02 dias depois que teu amigo morreu?

- Foi

P - E por que você colocou esse “amor só de mãe”?

- Por causa da minha mãe, eu quis fazer isso e fiz

P - Como assim?

- A turma dizia que “amor só de mãe” a mãe gostava, porque mamãe não deixava, aí eu fiz pra tapear ela. Para ela não reclamar.

P - Para ela não reclamar?

- Foi

P - De que ela não reclamaria?

- De eu ter feito a tatuagem

P - Ah, você fez para ela não reclamar da tatuagem?

- Ai eu botei o “amor só de mãe”

P - Isso não foi uma homenagem a ela?

- Foi

P - Mas ela reclama mesmo assim?

- Não reclama não

P - E você acha que ela acharia ruim se você colocasse só a primeira, a do teu amigo?

- Acho que ela acharia sim, porque antes ela tava falando. Ai eu coloquei a primeira e “amor só de mãe”, aí ela fala, mas bem pouquinho.

P- Me diz uma coisa, foi com a morte do teu amigo que você teve vontade de se tatuar?

- Foi

P-Para ficar lembrando dele sempre?

- Foi

P- E tua acha que os jovens se tatuam por isso, para lembrar de alguém?

Não, se tatuam por vontade também

P- Que mais?

Ficar falado onde mora, pra se sentir o tal, o malandrão querer comandar.

P- E as outras, qual você. fez depois?

O revoltado (a caveira)

P-Foi logo depois?

Foi

P- Você estava revoltado ?

(...)

P- Fala um pouco mais sobre essa?
Nada, me deu vontade

P- E depois qual foi?
- Nossa Senhora

P- Depois de quantos dias uma depois da outra?
- 4 a 5 dias

P- Essa revolta tinha haver com a morte do teu amigo?
- Tinha

P-E por que a Nossa Senhora?
- Porque achei bonita

P- É porque ela lembra a mãe?
(...)

P- Foi logo depois da revolta?
- Foi

P- Você acredita que ela possa te proteger?
- Acredito

P - Você colocou ela para isso, foi?
- Também

P - Você conhece muita gente com “amor só de mãe”?
- Tem sim, a maioria dos ex-presidiários.

P - Por que?
Porque dizem que “amor só de mãe” é “tapa só de polícia”.

P- O que tem de ligação entre essas duas frases?
A turma é quem diz

P- E porque você acha que os ex-presidiários colocam essa frase?
- Não sei

P- Então, seu eu for no Aníbal Bruno eu vou encontrar muito essa frase?
- Ah vai, a maioria de lá tem

P- A tua última tatuagem foi a caveira?
- Foi

P- Por que?
- Porque achei bonita

P- Todas foram com o mesmo cara (tatuador) que fez a primeira?

- Foi

P- Essa caveira diz o quê para você?

- Nada

P- E o boneco, o “Tchuck”, que é que acha dele?

- Bonito

P- E, tem um filme, né? Você assistiu? O que achou do filme?

- Eu assisti, achei legal

P- Você mora com sua mãe ainda?

- Moro

P- Ela vem te visitar?

- Vem sim

P - E quando ela viu isso tudo o que ela disse?

- Disse pra eu parar de fazer. Mas eu ainda penso em fazer mais quando sair daqui

P- Ah é, o que gostaria de colocar?

- Ainda não sei

P- E por que quer colocar mais?

- Porque eu acho bonito

P- Das coisas que você disse sobre os motivos de você ter colocado as tatuagens, qual delas você se identifica mais?

- A do meu amigo, é a que eu gosto mais

P- E a qual você gosta menos?

- A da caveira

P- Chega a querer tirar daí?

- Não, porque fica a cicatriz

P- Então, você acha que quando um jovem aparece entre outros com tatuagens é porque quer mostrar que ele é o tal?

- É eu acho isso

P- Então, a frase “amor só de mãe” diz que a pessoa só tem esse amor, e que não tem amor de pai, nem de irmão, nem de namorada...?

- É só o da mãe, pai a gente arruma em qualquer canto. Mãe não, é uma só.

P- Você tem mais alguma coisa mais pra me falar?

- Não

P- O que você acha que eu posso acrescentar para saber porque os jovens colocam esse tatuagem “amor só de mãe”?

- Sei não

P- Está perto de você sair daqui?

- Acho que em Novembro eu vou embora

P- Boa sorte

- Brigado

APÊNDICE E

5º. ENTREVISTADO: L.C.S

Idade: 16 a 5 m

P- Quanto tempo está aqui?

- Estou uns seis meses aqui.

P- Por que escolheu esta frase, amor só de mãe?

P- Por que não ia marcar a pele toda, por isso que fiz só essa

- Eu quero mesmo colocar a morte. Quando sair daqui, vou botar “matador de PM”

P- O que significa pra você essa frase?

- Sei não, eu já ouvi os cara dizer que amor só de mãe é homossexual, dinheiro de otário e pau só de policia’

P- E o que significa isso para você?

- Sei não, acho que é isso mesmo. O povo fala muito. Só discordo de ser homossexual. O resto é isso mesmo.

P- Meu irmão que morreu tinha 4 tatuagens: índia, truck, morte e caveira.

- (Fala sobre o irmão: foi assassinado)

P -Você acha que teria que ter a frase: amor só de pai?

- É acho, tinha que ter também.

Eu coloquei essa frase, porque eu via nos caras. Se o cara tem porque eu não posso ter?

APÊNDICE F

6º. ENTREVISTADO –L.L.M.T

Idade: 14 a 5 m

P- Há quanto tempo está aqui?

- 03 meses

P- O que pensa dos jovens se tatuarem?

- Normal, se tatuam para ficar bonito. Mas eu acho que as tatuagens sujam o corpo. Antes era limpo e depois fica sujo.

P- Por que escolheu essa tatuagem ?

- É a letra do nome da minha mãe

P- E porque você quis colocar a letra do nome da sua mãe?

- Porque eu gosto dela

P- Só isso?

- Só, tem mais não. Mãe é tudo para uma pessoa.

P- O que significa para você a frase Amor só de mãe ?

- Significa que já foi preso. Os caras dizem isso. Sei não. Também tem o significado de pau de polícia.

P- De onde vem essas coisas? Por que uma frase com o amor de mãe significa pau de polícia ou que a pessoa foi presa já?

Sei não.

P- Para quem olha suas tatuagens, o que você gostaria que eles pensassem?

- Sei não, acho assim, que o cara quer ficar por dentro das coisas, sabe? Todo mundo tem, assim, pra ficar bonito.

P- Sua mãe gostou?

- Não, ela não gostou. Disse que isso era coisa ruim.

APÊNDICE G**7º. ENTREVISTADO: M. B**

Idade: 16 anos

P- Quanto tempo está aqui?

- 03 meses

P- Você tem quantas tatuagens?

- Só tem 01 – essa aqui... (mostra)

P- Por que colocou a tatuagem amor só de mãe?

- Porque gosto da minha mãe. Só tenho minha mãe, mais ninguém.

P- Ela gostou disso?

- Não, mas já era tarde

P- Onde você fez?

- Aqui no abrigo. Ficou feia, mas vou colocar outra coisa por cima. Quando sair daqui vou colocar fé em chinês.

APÊNDICE H

TRABALHO EM GRUPO¹⁰

Realizado em 08/09/2005

Participantes: R.A; L.C.S; R.L. P; e B.P

P. - “Bom dia pessoal, para quem não se lembra meu nome é Clarissa, e novamente vim aqui para conversar com vocês sobre o meu trabalho sobre Tatuagem. Eu tenho a tarefa de escutar vocês, e depois outros jovens em outro momento, sobre o que pensam sobre o porquê que os jovens se tatuam, porque preferem usar a pele para marcar, do que, por exemplo, usar um papel ou uma parede, enfim, vamos voltar a falar sobre aqueles assuntos que nós conversamos naquele dia de forma individual. Vocês sabem que eu trabalhava em um local onde era desenvolvido um programa estadual de inserção profissional – Estação Futuro – Já ouviram falar? E eu percebia que muitos meninos de lá tinham a inscrição amor só de mãe. Aí eu voltei a estudar e estou pesquisando a tatuagem em jovens que estão sob guarda desta instituição. Retomando, agora a atividade será em grupo, e quem não se sentir à vontade pode não falar, ou até mesmo pedir para sair. Eu volto a lembrar a vocês que essa atividade está ligada a um trabalho da universidade que estudo, e que não tem nada a ver com a instituição que vocês se encontram, ou seja, este abrigo. Certo? Alguém quer tirar alguma dúvida, querem perguntar alguma coisa? Gente, vai ser um bate-papo, certo? Não tem esse negócio do que é certo, nem errado. Aqui vamos pensar livremente, apesar de ter o gravador. Esse instrumento me ajuda porque depois eu vou escutar novamente e memorizar o que conversarmos, ok? Sim, preferi fazer em grupo hoje para ficar mais movimentado, rico,

¹⁰ Para efeito de sistematização, a letra P equivale a pesquisadora, e as outras siglas correspondem as iniciais dos nomes dos jovens

foi por isso. Vamos novamente se apresentar? Pois já faz um tempinho que vim aqui, e pode ser que nem vocês, nem eu nos lembremos dos nossos nomes, não é?”

Apresentação dos nomes

Obs: O jovem com as iniciais R.A foi confundido com o outro jovem que esteve no primeiro encontro. Este nunca fez tatuagem.

P. - Quem quer começar a falar ? B.P?

B.P - Eu só botei esse nome aqui (Amor só de mãe) – *inaudível*

R.L.P - porque a mãe da gente é a única que a gente gosta e também porque a gente acha bonito também

L.C.S: eu fiz uma tatuagem agorinha.... (*suspende a manga da camisa para mostrar*)

P. - Agora você fez? !!!!! Cadê? Você fez agora?

L.C.S - Foi

P - Com agulha de costura?

L.C.S - Foi

P - O que é isso?

L.C.S - É um sol e uma cara

P - Ah ! Por isso estou sentindo um cheiro de tinta, será que é por isso? Vocês também estão sentindo? Qualquer hora que dá vontade de se tatuar, pode se tatuar aqui?

L.C.S - Pode

P - E porque você escolheu essa figura aí do sol?

L.C.S - Porque eu vi na revista igual a este papel aí. (*aponta para a parede, onde tem um calendário com uma figura de sol e rosto*)

P - Ah tá !!! contem como está a vida de vocês, antes de falar em tatuagem

B.P - Caminhando....

R.L.P - Bem não pode estar....

P - Bem não pode estar por que vocês estão privados de liberdade ?

R.L.P É...

B.P - Mas é bom também estar aqui porque estamos guardados.

P - Ai L.C.S acabou de fazer uma tatuagem....

L.C.S - Acabou ainda não..... Vou colorir ainda por dentro.

P - Esse meu trabalho sobre tatuagem é realmente um trabalho de tatuagem. Na hora que você estava fazendo a tatuagem você interrompeu para falar sobre tatuagem?

L.C.S – Foi.

P - Você escolheu essa figura mesmo por quê?

L.C.S - Tinha uma revista lá, que também tinha a morte e o truck. Ai eu escolhi do sol porque achei bonito.

P - Por falar em morte e truck..... O que diz da figura da morte?

L.C.S - É uma figura com um pano e uma cruz

P - E por que alguém coloca esse desenho no corpo?

L.C.S - Porque gosta.

P - Todos vocês tem a frase “amor só de mãe”?

L.C.S - Todos menos R.A.

P - Como assim?

B.P - Aquele R.A. que a senhora conversou está na cela, não é esse não !!!

Falaram para a gente que era telefone, e ai nós viemos e ele ficou deitado

P - Ah foi? !!!! Informaram que vocês deviam vir para atender telefone?

Então, vocês esperavam encontrar alguém da família ou um amigo de vocês pelo telefone, e acabaram me encontrando ?

B.P – Foi.

P - Nossa gente !!!! Olha eu não sabia disso...Mesmo não falando pelo telefone, tudo bem em continuar aqui?

Todos – Tudo.

P - Ah tá, então R.A não esteve aqui comigo no dia em que vim. Então, quem pode falar para ele o que aconteceu, porque eu vim, o que falamos de uma forma geral.

L.C.S - Lembro mais não.

R.L.P - Eu lembro que era para falar dos significados das tatuagens pra gente, pra falar porque a gente colocou a frase amor só de mãe

B.P - De todas eu não sei não. Eu sei de algumas

B.P.- Eu já ouvi dizer que quem coloca “amor só de mãe” era frango.

P – Por que alguém diria isso?

B.P - A turma quem diz isso.

R.L.P - Eu nunca ouvi falar disso não.

L.C.S -Eu já.

P- E R.A também já ouviu falar nisso?

R.A –Não.

P – R.A tem alguma tatuagem?

R.A – Não.

P -Tem vontade de fazer?

R.A –Tenho.

P –Por que?

R.A -Porque eu acho bonito.

P - E nunca teve vontade de colocar alguma tatuagem aqui?

R.A -Quando saí daqui eu vou fazer.

P -Alguns jovens se tatuam aqui mesmo, mas você prefere fazer fora ?

R.A -Minha mãe só deixa depois que eu ficar de maior.

(esquecem meu nome – perguntam novamente / escrevo meu nome em um papel)

P - Antes de vir para cá, você já teve oportunidade de fazer tatuagem?

R.A -Tive, eu queria fazer uma índia.

(Fala-se de um rapaz que tem um braço todo pintado – de fogo. Diz que é muito bonito.

Entendo que o rapaz está lá no abrigo, e peço que eles me lembrem de falar com esse rapaz, mas na verdade eles me dizem que o rapaz não está lá, é da comunidade dele.

P - O que vocês querem mostrar quando colocam uma tatuagem?

R.L.P -Você está perguntando o que significa?

P -Não. Estou perguntando o que o tatuado quer mostrar com sua tatuagem?

R.L.P - No “amor só de mãe” é para mostrar um sentimento pela mãe.

L.C.S - Assim na praia.... tá, a menina vê a tatuagem, e chama atenção.

P - Tatuagem é uma forma de chamar o olhar da garota, assim para uma paquera?

R.L.P - É

B.P - eu acho que tem mulher que gosta de olhar o corpo do cara, assim, no dela nem tem, ela gosta de ver nos outros.

P - Vocês gostam de olhar para os outros quando eles têm tatuagem?

B.P -Dependendo da tatuagem.

P - Mas mesmo dependendo da tatuagem, quando existe uma lá, o tatuado é mais olhado do aquele que não tem tatuagem?

B.P - É. Eles ficam mais visados.

P - Vocês gostam de olhar o quê?

Todos - Índia, morte, caveira, dragão, a frase amor só da mãe

(.....) *Inaudível.*

P - Mas, ontem foi dia de visita aqui? Isso não interfere não?

(Parece que era um comentário sobre um jovem que se tatuou no dia de visita)

Eu vou fazer um ... (B.P fala do que ele tem vontade de ainda fazer)

P - Da última vez em que vim aqui, eu ouvi falar que quando olhavam a frase “amor só de mãe”, pensavam que era “pau só de polícia, dinheiro só de otário, e homossexual”

Já escutaram?

B.P- Já.

R.A- É já ouvi falar também.

P - E aí qual a relação que fazem entre a frase e essas coisas que falei?

L.C.S - Sei não. É o povo quem diz

R.L.P -Eu não. Eu já escutei, mas não acredito não. Com nem todo mundo é assim...

P - Existem outras frases também que se colocam, ou se desejam colocar, por exemplo:

Só Deus sabe minha hora

(Estão comentando sobre o rapaz que tem o fogo no braço)

P - O que vocês acham que ele queria mostrar?

R.L.P - Que tem um capeta nas costas.

P - Vocês acham que depois que fizeram tatuagem mudou alguma coisa na vida de vocês?

R.A - Muda sim, porque quem é pobre é logo confundido com malandro, bandido e quem é de classe média, aí o povo acha bonito, é arte.

R.L.P - Por uma parte sim, por outra não.

B.P - Muda sim, fica mais falado, mais visado

L.C.S - Muda sim, o povo pensa que é matador de PM quando coloca a morte como tatuagem. A caveira é também uma forma demonstrar que é matador de PM

P - Então alguém, para você, que coloca a morte ou a caveira quer passar para os outros que não tem medo de matar PM?

L.C.S - Os policiais quando pegam a gente, não tem pena da gente. E porque a gente vai ter pena deles?

P - E o que querem mostrar quando colocam “Amor só de Mãe”?

B.P - Que gosta da mãe

L.C.S - Mas tem mãe que não gosta.

R.L.P - Eu queria fazer uma tatuagem e coloquei amor só de mãe para minha mãe não brigar. Ela não falou nada não, assim.

P - Eu já também ouvi falar que grande parte de pessoas que se tatuam com amor só de mãe, eu vou encontrar em presídios. Vocês pensam dessa forma também?

R.L.P - Num é só lá não, na rua, na comunidade também. Tem também outras frases:

R.L.P - “Nasce para viver, mata para não morrer”

“Só Deus sabe minha hora”

P - Se vocês pudessem substituir a frase amor só de mãe por qual vocês substituiriam?

L.C.S - “Moram queimados, não tenho tempo para os fracos.”

P - De onde vem isso, vocês sabem?

P- Da outra vez que vim aqui, dos 7 jovens que entrevistei, 4 tinham feito aquela frase aqui. E no momento eles estavam aqui, presos, ou seja, privados de liberdade.

B.P- Aqui é um abrigo, não é prisão. O perfil é outro, é abrigo, não é prisão.

L.C.S - Mas aqui quando a gente se acorda vê logo a cela.

P - Sim, então a idéia de que eu falei: encontrar muitos jovens que se tatuam aqui com a frase tem a ver com os presos que se tatuam também no Aníbal Bruno ?

P- Porque não outra coisa também?

L.C.S - Tem um aqui que é desenhista ele que fez o sol em mim

P - E por que esta frase do amor de mãe, e não as outras que vocês falaram?

B.P - É para falar da mãe do cara.

P - Mas falar da mãe do cara não dá confusão ?

B.P -Dá e como!!!!

L.C.S - Oxê, se alguém falar “filho de rapariga” é uma maior confusão.....

P - Mesmo se a mãe do cara não for rapariga, vai ter confusão?

B.P - E quem gosta de ter a mãe caluniada!!!!

P - Então, será que já se coloca a frase do amor só da mãe para evitar que se fale mal da mãe do cara?

B.P - Eu acho que não.

(.....)

P - Mudou alguma coisa, pra vocês que não falaram ainda, depois que fizeram tatuagem?

(....)

L.C.S - minha irmã levou 6 tiros, e meu irmão foi assassinado.

P - Sua irmã morreu? Por causa da tatuagem?

L.C.S – Não, ela não morreu e não foi por causa da tatuagem.

(.....)

P - Retomando aquilo que foi falado por Rafael: “se for da classe média é uma coisa, aí é arte e se for pobre, a pessoa é marginal, bandido...” Vocês encontram essas frases em pessoas de classe média?

R.L.P - Ah, também se encontra

P - Então não é só pra quem tá preso, em classe média também se encontra?

B.P - É

P - Vocês se sentem mais olhados quando tem uma tatuagem?

R.L.P - Dizem isso e aquilo...

B.P - Dizem assim, falam logo: Olha aí que marginal....

L.C.S - Tem muito cabueta por aí....

P - Vocês gostam de olhar?

B.P - Tatuagem?

P – sim

(.....) inaudível

B.P - A Sra. vai ver muita gente mesma fazendo tatuagem no Recife Antigo, na cidade.

..... Faz na máquina também, como ele fez o sol aqui.

P - Essa sua tatuagem foi feita na máquina e aqui !!!!???Aqui tem máquina?

L.C.S - Tem

P - De quem é a máquina? É de algum jovem daqui?

R.L.P - Dos adolescentes, de todos.

P - É permitido aqui?

R.A - Não. Se eles verem, eles tomam

P - E passa de ala em ala?

R.A - Passa

P - E a origem dessa máquina, como ela chegou aqui?

(.....)

P - Gente, vê só, para ficar bem claro, eu não tô aqui para saber quem é fulano, quem é sicrano, quem fica com a máquina, é só para eu ter idéia em relação à tatuagem. Podem ficar tranqüilos. Eu estou respeitando que vocês têm os segredos e que tem que ser

mantidos por vocês. Tem segredos que têm que ser mantidos por vocês. Eu só fiquei surpresa, pois eu imaginava que era com a agulha de costura que vocês faziam a tatuagem.

B.P - Com a máquina é melhor...

P - A máquina é disputada?

R.A - Não. Tem uns que querem, tem outros que não. Só faz quando tem vontade.

P - O que vocês acham quando alguém coloca uma tatuagem, o que querem provocar no outro? Tem alguma coisa em chamar atenção do olhar do outro pra si?

R.A - Eu acho que um homem foi feito pro outro. Falam algo em relação ao medo.

(inaudível o resto)

(Eu digo então que estou falando do olhar, e pergunto o que tem a ver o olhar com o medo)

P- Será que a pessoa que coloca essa frase está querendo ser mais visto?

R.A - Também. A pessoa acaba olhando.

B.P - eu queria desenhar o rosto da minha mãe.

P - você já falou disso e eu não dei atenção. Por que você quer colocar o rosto da sua mãe na barriga?

B.P - Desse rosto a gente nunca se esquece....É a coisa que a pessoa tem de mais valor na vida da pessoa.

P - O que você queria dizer quando escolheu a frase amor só de mãe colocada na sua mão?

B.P - Eu fui sem saber de nada. Veio de repente na minha mente assim...

R. L. P.- A gente coloca essa frase “amor só de mãe” para a mãe não ficar falando muito.

R.A - é, só assim, ela fala menos

P - Já pensou fazer essa frase?

R.A - Não, eu queria uma índia, o pânico (descreve)

R.L.P – Eu tenho várias, mas não tem a índia.

R.A- Quando eu sair daqui vou fazer uma índia.

P - Eu vou dizer uma frase ou uma palavra e vocês vão dizer uma outra que vier na cabeça para substituir a que eu disse. Não tem o que é certo ou o que é errado. Vocês estão me ajudando a construir uma idéia sobre tatuagens, sobre o que leva um jovem a se tatuar. Então, eu vou até usar algumas palavras que eu disse aqui, e vocês vão dizer outra. Tanto pode ser uma palavra que tenha a ver ou não. Entendido ? Vamos começar?

P -Mãe

R.L.P- Amor

P - Amor

B.P – Esperança

P - Olhar

B.P - Carinho

R.A - Alegria

R.L.P -Maldade

L.C.S -Traçoeiro

P - Ser visto

B.P - Andar com quem não presta

L.C.S - Ser procurado

R.L.P - Ser olhado

B.P - Olho grande

R.A - Inveja

P - Ser diferente

B.P - Sair dessa vida

L.C.S - Ser diferente do outro

P - Pai

L.C.S - Amigo

R.L.P - Colega

R.A - É tudo

B.P - Pode ser qualquer um

L.C.S - É aquele que cria

P - Palavra

B.P - Conselho

L.C.S - Sair dessa vida

P - Prisão

R.A - Maldade

L.C.S - Abrigo

B.P - Ensino

R.L.P - Ta difícil falar

P - Dono

L.C.S - Sonho de ter um carro, uma casa

P - Arte

R.L.P - Tatuagem

B.P - Grafite

L.C.S - Pichação

P - Beleza

R.A - Boniteza

L.C.S - Riqueza

R.L.P - Bondade

B.P - Verdade

P - Amor só de mãe

B.P - Tudo

L.C.S - Gosta muito da mãe da pessoa

R.L.P - Mostrar para ela

R.A - Uma forma de mostrar a ela o amor

R.A - Gostar

B.P - Amar

R.L.P - Amar para ser amado

P - Cuidado

L.C.S - Respeitar

B.P - Obedecer

R.L.P - Cuidado com a vida

R.A - Cuidado com os outros

P - Só Deus sabe minha hora

R.L.P – A gente sabe só o dia de hoje....

B.P - Só Ele quem sabe

P - Como só Deus sabe a hora, só a mãe sabe amar.O resto não sabe?

B.P - Nem o pai sabe, vê se a mãe despreza o filho !!!!

R.L.P – eu tenho um irmão que está preso

(comentário de um fulano que “caiu”.....)

P - Queda

R.A - Prisão

P - Antes de cair, a pessoa está em outro terreno? Outro nível? Faço uma imagem de dois planos um em cima do outro. Porque utilizam este termo para ser preso?

Quem caiu, cai de cima. Tem que se levantar depois. Queda pra baixo

P - Sono

R.A - Não ter vontade de nada....

P - Isso não é morte? Ou é paz?

R.A - Eu queria morrer dormindo feito meu avô,...

B.P - Meu tio também...

P - Tempo

B.P - Já estou aqui faz uma hora e meia

P - Tão cansados?

B.P - Estou

P - Digo-lhes que vou voltar outro dia, embora não saiba ainda quando. Digo que gostaria de voltar ainda. Entrego chocolates para eles em forma de agradecimento.

Percebo que eles ao receberem os chocolates ficam agradecidos e ficam sentados ainda.

Surge um assunto importante a meu ver, e religo o gravador.

P - O que é uma coisa que fica presa na cabeça da gente? É ruim toda coisa que fica “presa” na cabeça ou na pele? (continuação do assunto tratado antes)

P - Uma pessoa fica mais procurado quando tem tatuagem. E naquele momento é ruim, quando ele é procurado por isso.

R.L.P - Conheço uma pessoa que teve que tirar com um negócio de fogo.

R.L.P - Se uma pessoa ‘bota’ tatuagem fica todo visado. Fica todo mundo pensando que ele é da prisão.

P - Vocês sabiam que por exemplos entre comunidades, os índios, eles tinham muitos rituais. Vocês sabem o que é ritual?

B.P - Uma dança

P - A dança pode ser uma forma de ritual para algumas culturas.

Por exemplo, um jovem adolescente de uma determinada tribo para entrar no mundo adulto ele precisa dar provas e de passar por alguns testes para ser reconhecido como pertencendo ao mundo adulto. Então, pode se dar tarefas de ficar sozinho em uma selva para caçar.... enfim....

L.C.S - A dança, como a pintura do corpo, né?

P - Sim, estamos falando de um grupo qualquer que existe por aí, estamos falando de um exemplo. E vocês, acham que os jovens de hoje tem rituais para alcançarem posições de adultos ou de pai de família? O que acham disso?

L.C.S - Dança

P - Que mais?

B.P - Pagode, funk, happy....

P - As tatuagens também?

B.P - Sei não....

Agradeço a atenção e colaboração deles e despeço-me.

ANEXOS

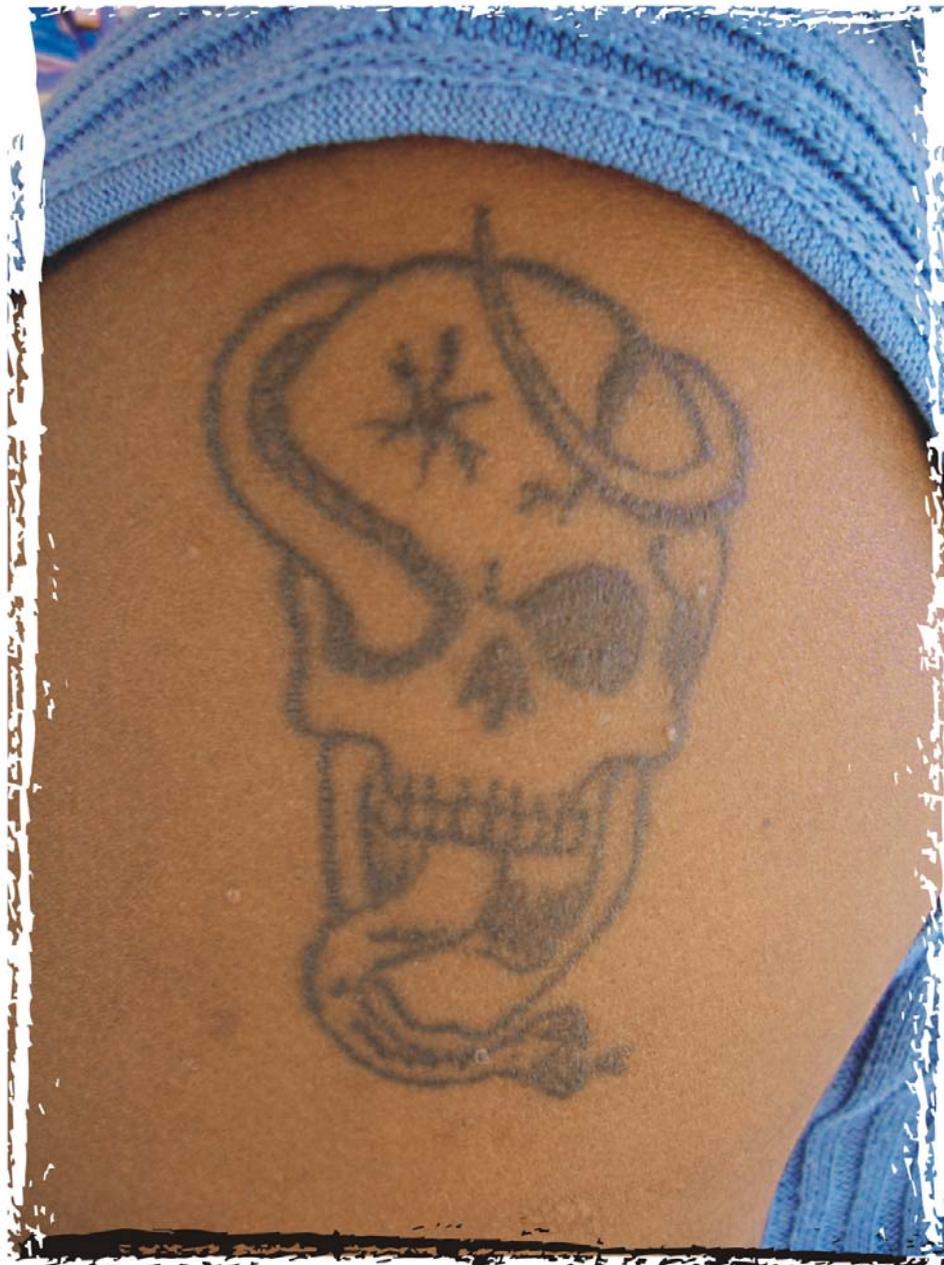
Anexo A



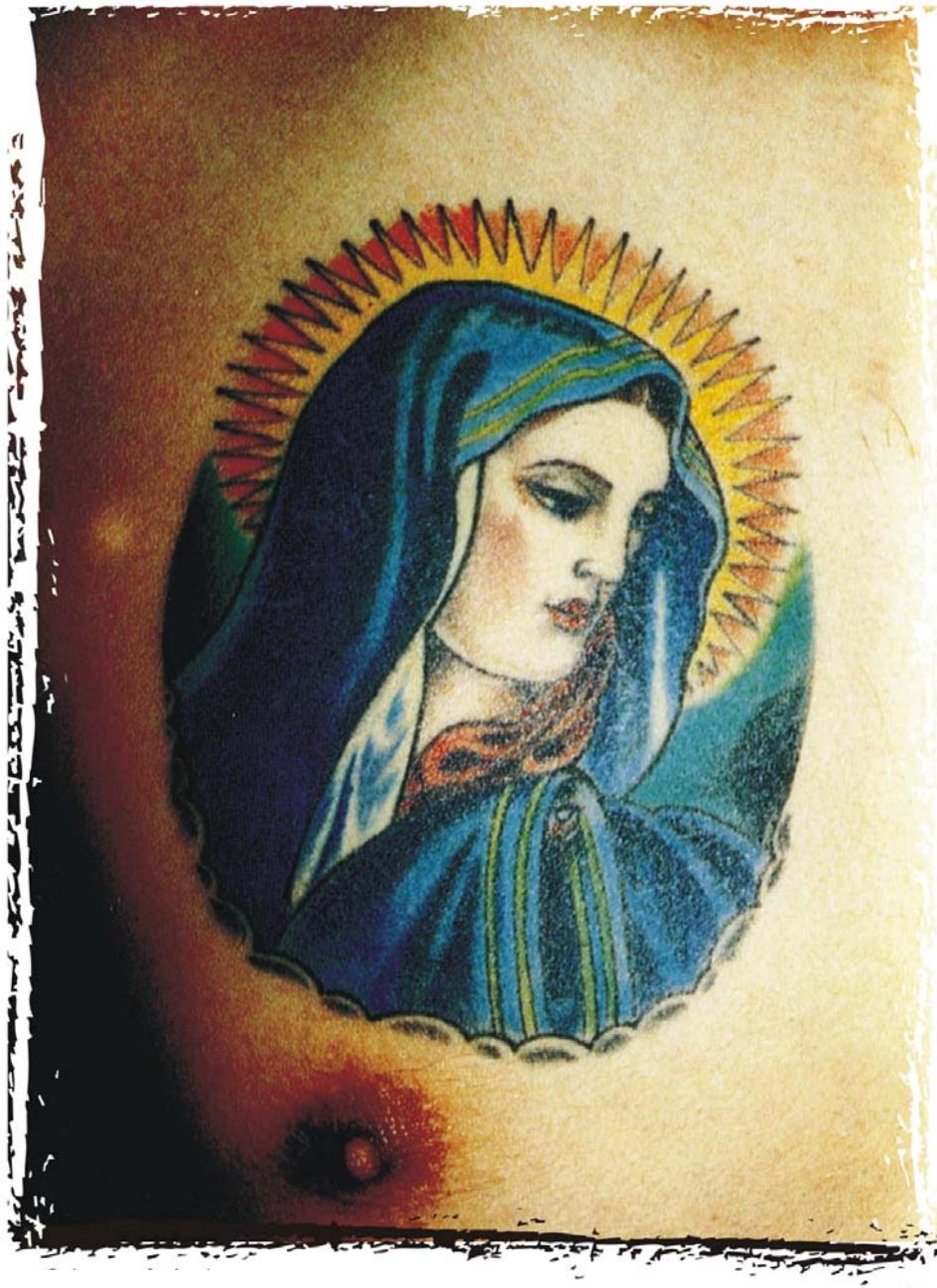
Anexo B



Anexo C



Anexo D



Anexo E

